

REVISTA  
**DISSOL**

Discurso, Sociedade e Linguagem

ISSN: 2359 - 2192

Ano 4, Número 8, julho – dezembro / 2018.

## Editorial

Caros leitores,

Este oitavo número da Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem, publicada pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), é composto por 8 (oito) artigos e 2 (duas) resenhas elaborados por integrantes das seguintes instituições: Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Maringá, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade Vale do Rio Verde, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Piauí.

A seção **Artigos** compreende os manuscritos: a) Os discursos e seus efeitos de sentido acerca do lugar da mulher no mercado de trabalho, no filme *North Country*, de Karla Roberta Neumann, Sâmia Letícia Cardoso; b) No poético, o grito da resistência: discurso e silêncio, de Karen Gabriele Poltronieri, Dantielli Assumpção Garcia, Lucília Maria Abrahão e Sousa; c) *Trendy Blends in the linguistic landscape of Natal/RN*, de Naiara Medeiros de Oliveira, Jennifer Sarah Cooper, Karinne Rosário Da Cunha Spencer Batista; d) *Flipped classroom como estratégia para reversão do fracasso escolar: um estudo de caso com os alunos do curso de Administração da FACECA*, de Flávio Marcelo de Carvalho Silva; e) *Das posições discursivas às tendências pedagógicas em cenas do filme Como Estrelas na Terra – Toda criança é especial*, de Miriã Costalonga Mac-Intyer Siqueira; f) *Corpo-sujeito-discurso: reflexões iniciais*, de Aline Bedin Jordão; g) *Sentidos sobre “terrorismo” na mídia digital*, de Camila de Moraes Cristofolletti Calvo e Fernanda Correa Silveira Galli; h) *Da violência do discurso ao discurso da violência: construções midiáticas acerca da violência urbana*, de Cássio Eduardo Soares Miranda.

As **Resenhas** referem-se a duas obras: *Discursos do Sucesso: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo* (de Thiago Barbosa Soares), por Ricardo Ferreira de Sousa e *Apologia da polêmica* (de Ruth Amossy), por Lucas Nascimento da Silva.

Desejamos a todos uma boa leitura!

## Sumário

### Artigos

OS DISCURSOS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO ACERCA DO LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO, NO FILME NORTH COUNTRY, de Karla Roberta Neumann e Sâmia Letícia Cardoso.....	3
NO POÉTICO, O GRITO DA RESISTÊNCIA: DISCURSO E SILÊNCIO, de Karen Gabriele Poltronieri, Dantielli Assumpção Garcia e Lucília Maria Abrahão e Sousa .....	16
TRENDY BLENDS IN THE LINGUISTIC LANDSCAPE OF NATAL/RN, de Naiara Medeiros De Oliveira, Jennifer Sarah Cooper e Karinne Rosário Da Cunha Spencer Batista .....	28
FLIPPED CLASSROOM COMO ESTRATÉGIA PARA REVERSÃO DO FRACASSO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO, de Flávio Marcelo de Carvalho Silva.....	41
DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS ÀS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM CENAS DO FILME COMO ESTRELAS NA TERRA – TODA CRIANÇA É ESPECIAL, de Miriã Costalonga Mac-Intyer Siqueira.....	54
CORPO-SUJEITO-DISCURSO: REFLEXÕES INICIAIS, de Aline Bedin Jordão.....	68
SENTIDOS SOBRE “TERRORISMO” NA MÍDIA DIGITAL, DE Camila de Moraes Crisofolletti e Fernanda Correa Silveira Galli .....	81
DA VIOLÊNCIA DO DISCURSO AO DISCURSO DA VIOLÊNCIA: CONSTRUÇÕES MUDIÁTICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA URBANA, de Cássio Eduardo Soares Miranda	95

### Resenhas

<i>Discursos do Sucesso: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo</i> , de Thiago Barbosa Soares, por Ricardo Ferreira de Sousa .....	118
<i>Apologia da polêmica</i> , de Ruth Amossy, por Lucas Nascimento da Silva .....	123

## OS DISCURSOS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO ACERCA DO LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO, NO FILME NORTH COUNTRY.

Karla Roberta Neumann<sup>1</sup>

Sâmia Letícia Cardoso<sup>2</sup>

### Resumo:

*Este artigo apresenta a análise de tais efeitos de sentido possibilitados pelas formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de personagens do filme North Country, acerca da mulher no mercado de trabalho. O objetivo é analisar as formações ideológicas nos discursos de personagens do filme North Country, com a finalidade de compreender o processo de interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia. A pesquisa é fundamentada nas teorias da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, e possibilitou reiterar, por meio da interpretação do material, o quanto algumas marcas linguísticas foram/são naturalizadas, com relação ao papel que a mulher exerce diante de algumas profissões.*

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Ideologia; Formação Ideológica; North Country; Mulheres no trabalho.

### Abstract:

*The article presents analyze of meaning effects possible by ideological formations intricate discursive formations of characters from the film North Country, about the woman in the work market. The aim is to analyze the ideological formations in the discourse of the characters in the North Country movie, with the purpose of understanding the process of interpellation of the individual in subject, through ideologies. The research is based on the theories of the Michel Pêcheux's Discourse Analysis, and we can to reiterate, through the interpretation of the material elements characteristic, as some language tags were/are naturalized, in relation to the role of woman on some jobs.*

**Keywords:** Discourse Analysis; Ideology; Ideological Formation; North Country; Women at work.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Contato: [profkarlaneumann@gmail.com](mailto:profkarlaneumann@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Contato: [samia\\_cardoso17@hotmail.com](mailto:samia_cardoso17@hotmail.com).

## Introdução

Este artigo apresenta a análise dos efeitos de sentido possibilitados pelas formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de personagens do filme *North Country*, acerca da mulher no mercado de trabalho. O contexto histórico em que se passa o filme torna rica essa reflexão, já que no ano de 1989 as profissões mais comuns para as mulheres eram cabeleireiras, secretárias, costureiras, entre outras menos “pesadas”, ou seja, limitadas ao pouco esforço físico. Diferente do ambiente em que várias mulheres de Minnesota estavam habituadas, trabalhando nas mineradoras de ferro, sendo a minoria, e sujeitas as constantes humilhações advindas dos colegas de trabalho, além da discriminação da sociedade.

O interesse pela análise do filme surgiu por ser uma história que retrata a primeira ação coletiva por assédio sexual nos EUA, um fato histórico que influenciou outras denúncias e lutas pelos direitos das mulheres.

“Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso”, destaca Orlandi (2005, p. 103). Desse modo, trabalhamos com o modo como são produzidos os efeitos de sentido a fim de compreender as possibilidades de interpretação, de acordo com as formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de alguns personagens do filme.

Nosso objetivo geral é analisar as formações ideológicas nos discursos de personagens do filme *North Country*, com a finalidade de compreender o processo de interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia. Seguindo, os objetivos específicos, na seção 1, apresentaremos uma breve contextualização da presença da mulher no mercado de trabalho; na seção 2, seguiremos com a história do filme e os personagens principais que compõem o enredo, bem como as condições de produção em que os discursos relacionados à mulher se deram, considerando os fatores determinantes para que os dizeres pudessem ser ditos, de acordo com cada personagem e lugar social por eles ocupados; na seção 3, trataremos das interpretações possibilitadas na análise, a fim de compreender o processo de interpelação ideológica dos sujeitos, acerca do que se entende como trabalho de homens x trabalho de mulheres.

## 1. A mulher no mercado de trabalho

Apesar da grande evolução na luta pela igualdade de direitos, de várias conquistas, as mulheres ainda têm muito que enfrentar, principalmente dentro do grande leque de profissões possíveis.

Em uma pesquisa feita pelo sociólogo Clemente Ganz Lúcio (2014),

de acordo com recente trabalho do IBGE, em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, usando dados do Censo de 2010, comparados aos de 2000, a participação das mulheres com idade ativa (16 anos ou mais) no mercado de trabalho cresceu de 50% (2000) para 55% (2010), enquanto a participação dos homens caiu de 80% para 76%. (LUCIO, 2014)

Podemos constatar que houve um aumento, porém algo que acontece lentamente. Ainda de acordo com o pesquisador, apesar de as mulheres estudarem mais, acabam se formando em áreas que pagam menos e exercem funções com menor remuneração. Também é importante destacar que a desigualdade salarial ainda é forte, mesmo para mulheres com cargos iguais aos dos homens. “Em 2010, o rendimento médio era de R\$ 1.587 para eles e de R\$ 1.074 para elas, o que corresponde a 68% da remuneração masculina” (LUCIO, 2014).

Esses dados mostram que ainda temos muito o que evoluir, tanto em políticas públicas quanto na mudança de pensamento da sociedade. No entanto, já houve épocas muito mais difíceis.

A inserção da mulher no mercado de trabalho teve início com a I e a II Guerra Mundial, já que os homens precisavam ir para guerra enquanto as mulheres ficavam responsáveis por sustentar a casa. Com a Revolução Industrial, elas passaram a trabalhar nas fábricas. Eram longas jornadas de trabalho e muitos outros problemas, como segurança, principalmente em uma fábrica de tecidos dos Estados Unidos, onde muitas mulheres e alguns homens morreram carbonizados ou então pulando pela janela, depois de um incêndio que tomou toda a fábrica, em 1911. Dois anos antes, em 1909, essa mesma fábrica havia sido alvo de um escândalo após uma greve das mulheres por melhores condições de trabalho, criando assim um sindicato. Após o incêndio, houve fortalecimento dos sindicatos e regras de segurança e outros direitos trabalhistas foram estabelecidos (CALDEIRA, 2001).

No Brasil, a Constituição de 1932 estabelecia algumas regulamentações quanto ao trabalho das mulheres, como exemplo alguns artigos

Art. 1º Sem distinção do sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual.

Art. 2º O trabalho da mulher nos estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é vedado desde 22 horas até 5 horas.

Art. 7º Em todos os estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é proibido o trabalho à mulher grávida, durante um período de quatro semanas, antes do parto, e quatro semanas depois.

Art. 9º Enquanto afastada do trabalho por força do disposto no art. 7º e respectivos parágrafos, terá a mulher direito a um auxílio correspondente à metade dos seus salários, de acordo com a média dos seis últimos meses, e, bem assim, a reverter ao lugar que ocupava. (BRASIL, 1932).

Alguns direitos trabalhistas aplicados às mulheres foram, então, estabelecidos, mas demorou para serem realmente cumpridos, haja vista que ainda existia exploração do trabalho feminino, até chegarmos em um nível maior de fiscalização que, atualmente, o ministério do trabalho já consegue cumprir.

Nos Estados Unidos, leis parecidas foram empregadas, como a *Pregnancy Discrimination Act*, 1978, Legislação contra Discriminação da Empregada Grávida e a *Lilly Ledbetter Fair Pay Restoration Act*, 2009, a primeira lei de Obama, que define sobre a igualdade entre mulheres e homens com relação ao nível salarial.

## **2. North Country — Uma terra para homens**

O material de análise utilizado para a pesquisa se trata de um filme estadunidense, *North Country* – no Brasil, Terra Fria – que, apesar de ter sido produzido em 2005, a história se passa em 1989. Dirigido por Niki Caro, baseado no livro de Clara Bingham e Laura Leedy Gansler, *Action: The Story of Lois Jenson and the Landmark Case That Changed Sexual Harassment Law* – Ação: A história de Lois Jenson e o marco divisório que mudou a Lei Assédio Sexual – (tradução nossa). A classificação etária do filme é de 14 anos e tem a duração de 126 minutos. Foi indicado ao Oscar nas categorias de melhor atriz – Charlize Theron – e melhor atriz coadjuvante – Frances McDormand –, também ao Globo de Ouro, nas categorias de melhor atriz-drama – Charlize Theron – e melhor atriz coadjuvante – Frances McDormand –.

A história real aconteceu entre os anos de 1975 a 1989, período em que Lois Jenson trabalhou na mineradora. O seu processo judicial durou quase uma década, vindo a terminar em 1998. Porém, o filme compacta esse tempo em um curto período, retratando como se tudo tivesse acontecido no ano de 1989.

A personagem de Charlize Theron, Josey Aimes, passa por diversos constrangimentos em seu trabalho, que muitos consideram trabalho para homens. Mas a necessidade faz com que ela siga adiante. Ela é mãe de duas crianças, larga o marido e tenta sustentar sua família sozinha. Então, ela consegue um emprego na mina, onde o salário é muito bom, já que é um emprego para homens, ao contrário do salão de beleza, no qual ela ganhava mal e não conseguiria alugar ou comprar uma casa. Um fato interessante: o filme, em certo momento, parece que vai encaminhar para o lado romântico, em que Josey se apaixonaria por Bill, seu advogado, e se casaria com ele. Mas, ela não quer entrar em um relacionamento. Ela só quer um emprego, quer a independência financeira e vai à luta por isso.

O filme traz as diferentes posições que podem ser tomadas em um caso como esse. Como é o caso de Glory, que é vista de maneira “diferente”, porque ela é a primeira caminhoneira, uma posição respeitada. Ela também é a representante feminina no sindicato. Os homens a respeitam. Mas, quando ela fica doente e é afastada do trabalho, um dia aparece na reunião do sindicato bem debilitada e os outros integrantes pedem para que ela vá embora, pois já não é mais funcionária. Ela estava indo lá para pedir que intervissem no caso de Josey. Dessa forma, ela começa a ver que também acaba perdendo seu valor dentro da empresa. No final, deixa uma carta para o seu marido ler na audiência, apoiando Josey. O fato é que Glory não era respeitada por ser mulher. Era respeitada por ser mulher e agir como um homem. Além de tudo, ela era casada com um homem que tinha respeito na sociedade. Isso influenciaria o tratamento que receberia.

Josey sempre reclama, mas a única solução que dão a ela é que peça demissão se não está contente. Cansada, ela entra com uma ação judicial contra a empresa e, aos poucos, consegue apoio das demais colegas.

Fundamentados no enredo e na história em que o filme se baseia, lançamos a nossa inquietação diante dos discursos presentes: Quais os efeitos de sentido possíveis nos discursos das personagens do filme *North Country*, com relação ao trabalho das mulheres na mineradora, considerando a intrincação das formações discursivas nas formações ideológicas em que esses discursos se constituem?

Atentamo-nos a algumas regularidades nesse material, o que nos fez chegar a alguns gestos de interpretação pertinentes, os quais são importantes para entender essa relação língua-discurso-ideologia.

### 3. *North Country* – Análise das formações ideológicas

Considerando que o sentido é determinado pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas e que mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam (ORLANDI, 2005), é importante compreender quais as condições em que os discursos se deram, já que os sentidos são determinados ideologicamente.

O filme *North Country* é carregado de possibilidades interpretativas, uma vez que por ser baseado em uma história real, podemos comparar tanto os dizeres quanto as cenas em si com as lutas reais pelas quais a sociedade passou e passa, principalmente as lutas feministas, mais especificamente a dificuldade de aceitação da mulher no mercado de trabalho. Nesse caso, a situação se agrava quando a mulher ingressa em um emprego “apenas de homens”.

É possível identificar um certo discurso de aceitação, por parte de Josey, na sequência discursiva (SD1) em que ela pergunta para Glory se ela é secretária na empresa, Glory responde que dirige um caminhão e Josey ri. Então, Glory diz que é a primeira mulher que faz isso e que agora tem sua “independência”. Essa aceitação, presente no riso irônico de Josey, seria provavelmente porque ela acha que mulher tem que ser secretária e não uma caminhoneira.



- A mina está contratando.  
- Eu não poderia com isso.



É secretária?

- A mina está contratando.  
- Eu não poderia com isso.

- É secretária



- Conduzo um caminhão



- A primeira mulher que faz isso.



- Agora sim tenho independência.  
- É estranho.



- Estranho é não ir por esse dinheiro.

#### Sequência Discursiva 1 (SD1)

No contexto histórico em que se passa o filme, ano de 1989, as profissões comuns para mulheres eram cabeleireiras, secretárias, costureiras, como algumas outras, limitadas ao pouco esforço físico. Josey, inconscientemente, é interpelada pela ideologia que “produz o efeito da evidência, e da unidade, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos como "naturais" (ORLANDI, 1994, p. 57).

Já para Glory, a palavra “independência” retorna o sentido de trabalhar e ganhar um bom salário, no sentido de que ela tem uma espécie de sorte, ou liberdade, sem se dar conta de que isso é um direito e já o era em 1989. Esse discurso marca o fato de que as mulheres ainda estão presas ao patriarcado e que o fato de não depender do marido financeiramente já seria desvincular-se dele. Trabalhar, para Glory, tem o sentido de liberdade. Josey diz que é estranho e Glory retruca que estranho é não ir por esse dinheiro. Seguindo o pensamento de Glory, sem que ela perceba, seus dizeres são atravessados por diversas formações discursivas.

Orlandi explica que

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento (ORLANDI, 2005, p. 50).

Assim, o sujeito é constituído por dois conceitos fundamentais: o primeiro seria o esquecimento, ou seja, o que dá a ilusão da realidade do pensamento; e seu reconhecimento dentro de uma determinada Formação Discursiva, e isso se mostra no interdiscurso, dando o efeito de evidência, em que o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu dizer.

Glory exalta a independência, ao mesmo tempo em que é dependente do dinheiro que recebe na mineradora. Glory deixa de se posicionar como sujeito-mulher, se “desloca” do discurso da ideologia-feminista, e se posiciona como sujeito-trabalhadora, para o discurso da ideologia capitalista. Não que isso seja ruim ou bom, pois estar submissa ao sistema, nesse caso, é questão de sobrevivência para Glory, assim como para todos os trabalhadores, isto é, ela pensa em ganhar um bom salário para poder dar um maior conforto a sua família. Como afirma Althusser (1979), “na ideologia da liberdade a burguesia vive assim com muita exatidão a sua relação com as suas condições de existência: isto é, a sua relação real (o direito da economia capitalista liberal), mas investida em uma relação imaginária (todos os homens são livres, inclusive os trabalhadores livres)” (ALTHUSSER, 1979, p. 207-208).

Depois de um tempo de trabalho na mina, Josey já mudou o seu discurso quanto a questão do trabalho. Mas, se vê obrigada a enfrentar esse discurso pelo outro lado. Na seguinte cena (SD2), ela estava dormindo no sofá e vê que seu filho chegou tarde. Ela está com a família desestruturada. Esse também é um dos problemas que as mulheres enfrentam, sendo obrigadas a ouvir posicionamentos de quem é contra o seu trabalho fora de casa, afirmando que mulher que trabalha fora deixa a família “largada”, deixa o filho abandonado, etc.



-Cheguei 20 minutos tarde.  
- Sabe que ainda sou sua mãe.



Sim, está bem.



Que acha que quer dizer isso?  
- Nada, só que a maioria das mães...



... cozinham e limpam,  
não trabalham nas minas



Lembra-se quando me disse que  
queria ser um doutor quando crescesse?



Dizia-te que podia ser o que quisesse.  
-Isso não é o mesmo para mim?



Não tenho o direito de ser o que quiser?  
Não quando faz o trabalho de alguém!

Josey conversa com seu filho e ele retruca, afirmando que a maioria das mães cozinha e limpa, não trabalha em minas. Quando ele fala isso, Josey entra no quarto e pega as roupas dele que estão espalhadas pelo chão. Essa cena é muito significativa para a análise. Podemos observar no discurso de Sammy, enquanto sujeito-homem, o funcionamento do que Althusser chama de Aparelho Ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1985), que se constitui de sistemas, instituições cuja função é perpetuar sua ideologia, colaborando para a interpelação dos sujeitos sem que eles percebam. As principais instituições são: família, igreja, escola.

O discurso de Sammy produz efeitos de estar assujeitado pela ideologia típica das formações ideológicas de família dita tradicional: apesar de não saber quem é seu pai, a mãe trabalhar fora e não estar mais casada, ou seja, não estar inserido em uma família tradicional, o sujeito se coloca em uma posição cujo discurso é atravessado pela formação discursiva da Ideologia dominante, em que a mulher/mãe deve ser aquela que fica em casa cuidando dos filhos, limpando, cozinhando, e que esse é o único trabalho que deve exercer. Enquanto posição sujeito-filho, isso justifica o fato de sua rebeldia, por beber, desrespeitá-la, chegar tarde... Então, ela não merece respeito, porque não é uma mãe igual as outras.

Josey pergunta se não tem o direito de ser o que quiser e Sammy diz que não quando pega o trabalho de alguém. Esse *alguém*, para Sammy, mostra o que ele pensa de sua mãe e o que ele pensa de quem trabalha na mina. *Alguém* que trabalha na mina seria um homem. Josey não é um homem, logo ela seria *ninguém* para Sammy. Olhando pelo viés universal, o discurso de Sammy representa o discurso de muitas pessoas ainda hoje, principalmente de homens, considerando que vivemos em uma sociedade que ainda tem a cultura da mulher como dona de casa, que não pode trabalhar fora, e isso retorna à memórias de certos dizeres que *as mulheres estão tomando o lugar dos homens, as mulheres vão dominar o mundo, as mulheres querem tomar conta de tudo*, etc.

Para Althusser (1985, p. 77), “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas relações reais de existência”, ou seja, a ideologia materializa-se no discurso do sujeito, representando assim as relações imaginárias que o indivíduo tem com a realidade, e isso significa que não é a própria realidade que está em jogo.

De acordo com Orlandi (2005), “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20). A autora considera que o sujeito é histórico, porque não está alienado do mundo que o cerca; social, porque

não é o indivíduo, ele se constitui num espaço coletivo e; descentrado, o que quer dizer que é cindido pela ideologia e pelo inconsciente.

Ao afirmar que Josey está pegando o lugar de *alguém*, e que ela seria *ninguém* para ele, o discurso de Sammy possibilita o sentido da mulher como ser inferior. O homem é *alguém* que trabalha em uma empresa, ganha um salário e sustenta a casa; a mulher é *ninguém* menos que aquela que fica em casa cuidando dos filhos, limpando, cozinhando... Tratando assim, o trabalho da mulher em casa, também, como inferior. Dessa forma, quando *ninguém* pega o trabalho de *alguém*, é sinal que as coisas não estão seguindo sua ordem natural. Josey, por sua vez, se deslocou de sua ideologia anterior —SD1—, ao questionar Sammy se ela não pode *ser o que ela quiser*. Em uma posição sujeito-mãe ela autoriza o filho a ser o que quiser e o questiona se ela também não tem o mesmo direito. Essa é uma contradição do sujeito-mulher da SD1, em que ela achou estranho sua amiga ser caminhoneira e não secretária.

Partindo do discurso da personagem principal, observamos entre as duas sequências (SD 1 e SD2) um deslocamento de posições, em que o sujeito-mulher, atravessado por uma formação discursiva de que a mulher é inferior, adiante se marca por meio de um discurso de igualdade em que *a mulher também pode ser o que quiser*. Assim, os efeitos de sentido de seu discurso demarcam um “deslizamento” de formações ideológicas. Glory, ao mesmo tempo em que se mostra resistente ao patriarcado, declarando a independência por conta de ter um emprego, está assujeitada ao sistema capitalista, por uma exigência de sobrevivência, trabalhando em uma empresa tomada em sua maioria por homens. Os mesmos homens que a ignoraram depois que ficou doente. Sammy, enquanto sujeito-filho, sinaliza em seu discurso uma justificativa para sua rebeldia, pelo fato de sua mãe não estar em casa, já que a maioria das mães limpa e cozinha, não trabalha em minas (não-dito). Enquanto sujeito-homem, ao afirmar que ela pode ser o que quiser, contanto que não tire o emprego de *alguém*, a ideologia do homem como ser superior se materializa em seu discurso, trazendo o sentido de que sua mãe é *ninguém* perante a sociedade.

### **Considerações finais**

Esse percurso possibilitou reiterar, por meio dos gestos de interpretação, o quanto algumas marcas linguísticas e/ou discursivas foram/são naturalizadas, com relação ao papel que a mulher exerce diante de algumas profissões. Tanto que as

próprias mulheres, enquanto sujeitos, muitas vezes se veem interpeladas por esses discursos ainda nos dias atuais.

Diante do questionamento inicial, sobre quais os efeitos de sentido possíveis nos discursos das personagens do filme *North Country*, com relação ao trabalho das mulheres na mineradora, considerando a intrincação das formações discursivas nas formações ideológicas em que esses discursos se constituem, conferimos o que Orlandi explica acerca do sentido, que não existe em si mesmo, sendo “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2005, p. 43). Nesse sentido, os discursos das personagens se põem em certo deslocamento, em outras palavras, mudam conforme as posições-sujeito em que se encontram, como no caso de Josey, que passa de sujeito-mulher submissa, com um discurso cristalizado, para sujeito-mulher trabalhadora e independente, que luta pelos seus direitos. Sammy se transforma em um adolescente rebelde após sua mãe começar a trabalhar na mina e, mesmo sabendo que é para o melhor de sua família, enquanto sujeito-filho, por vezes encontra-se no discurso característico de uma sociedade que inferioriza a mulher, trazendo isso como uma desculpa para sua desobediência.

O fato é que ainda nos dias atuais presenciamos a culpabilidade dos problemas familiares todos sobre a responsabilidade das mulheres. Se os filhos se desviam do caminho dito correto, de acordo com o conceito de família tradicional, elas acabam por receber a culpa por estarem fora de casa trabalhando. O mesmo não acontece com os homens, ficando ainda como principal provedor da casa.

Embora ainda ganhem menos que os homens, as mulheres têm o poder de conciliar várias atividades, o que pode ser considerado como dupla jornada, ou tripla, muitas vezes. Apesar de toda a evolução histórica pela qual passamos, com a conquista de direitos trabalhistas, direito ao voto, direito de uma formação acadêmica, por exemplo, ainda há muito que ser feito. Por isso, o registro de obras como essas são de extrema importância para que as mulheres nunca desistam de continuar lutando e para que sejam inspiração em busca da desconstrução do discurso de senso comum, que ainda é um desafio.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **A Favor De Marx**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Decreto n. 21.417, de 17 de maio de 1932. Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 19 maio 1932. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21417-17-maio-1932-559563-publicacaooriginal-81852-pe.html>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

CALDEIRA, Cinderela M. F. Dia Internacional da Mulher. **Revista Espaço Aberto**, USP, 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2001/espaco06mar/editorias/variedades.s.htm>> Acesso em: 21 jan. 2017.

LÚCIO, Clemente Ganz. Mulher, mercado de trabalho e desigualdade. Brasil Debate, 2014. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/mulher-mercado-de-trabalho-e-desigualdade/>> Acesso em: 21 jan. 2017

NORTH COUNTRY. Direção: Niki Caro. Produção: Nick Wechsler , Helen Buck Bartlett , Nana Greenwald , Doug Claybourne , Jeff Skoll. Estados Unidos, Warner Home Video, 2005, 1 DVD, 126 min.. son., color.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, E. P. (org.) **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

\_\_\_\_\_. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**. Brasília. 1994. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1943/1912>> Acesso em: 25 jan. 2017

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. In: **Cadernos de Estudos linguísticos**, 19. IEL, Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

Artigo recebido em: 19/03/2018

Aprovação final: 11/09/2018

## NO POÉTICO, O GRITO DA RESISTÊNCIA: DISCURSO E SILÊNCIO.

**Karen Gabriele Poltronieri<sup>1</sup>**

**Dantielli Assumpção Garcia<sup>2</sup>**

**Lucília Maria Abrahão e Sousa<sup>3</sup>**

### **Resumo:**

*Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso, mostraremos, por meio da análise de um conjunto de textos poéticos, como a poesia coloca em funcionamento situações de censura vivenciadas no Brasil da Ditadura Militar (1964-1984) e no Brasil do “pós-impeachment” (2016) e, com seus dizeres, instaura a possibilidade de resistência frente ao silenciamento imposto.*

**Palavras-chave:** *Análise de Discurso; poesia; censura; resistência.*

### **Abstract:**

*In this work, by the theoretical perspective of Discourse Analysis we will manifest, by means of a set of poetics texts, how the poetry puts into operation situations of censorship experienced in Brazil of the Military Dictatorship (1964-1984) and in the Brazil of “post-impeachment” (2016) and, with their words, establishes the possibility of resistance against the imposed silencing.*

**Keywords:** *Discourse Analysis; poetry; censorship; resistance.*

---

<sup>1</sup> Graduanda do quarto ano do curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) - Universidade de São Paulo. Parte integrante do Grupo de Estudos de Discurso e Memória: nos movimentos do sujeito (GEDISME) coordenado pela Prof. Dr. Lucília Maria Abrahão e Sousa. Bolsista Fapesp 2018 com projeto de Iniciação Científica intitulado “De Capitu falada por um homem à que fala na Marcha das Vadias”. Contato: [karen.poltronieri@usp.br](mailto:karen.poltronieri@usp.br).

<sup>2</sup> Possui Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), mestrado em Estudos Linguísticos (2008) e doutorado em Estudos Linguísticos também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Realizou uma pesquisa de Pós-Doutorado (Fapesp) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa (2013-2015). Realizou junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná uma pesquisa de Pós-Doutorado (CAPES) sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares (2016-2017). Atualmente, é docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: [dantielligarcia@gmail.com](mailto:dantielligarcia@gmail.com).

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras (1988) pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto e doutorado direto (2002) em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Livre Docência (2009) em Ciência da Informação pela mesma instituição. Desde janeiro de 2003, é docente (MS3) com dedicação exclusiva da Universidade de São Paulo, onde dá aulas e orienta alunos de graduação, mestrado e doutorado, além de supervisionar pós-doutorados. É membro do Fórum do Campo Laciano de São Paulo. Contato: [luciliasousa@gmail.com](mailto:luciliasousa@gmail.com).

## Introdução

Assim como a literatura tem seu poder de expressar o entorno da sociedade em que vivemos, a poesia pode mostrar ir além de uma manifestação lírica em determinadas situações, constituindo-se como uma forma de inscrição da resistência e de enfrentamento diante de acontecimentos que afetam o viver em sociedade. A influência social da poesia pode aflorar por muitos meios, mas o que será tratado aqui é a poesia de resistência em dois momentos distintos da história brasileira: na Ditadura Militar (1964-1985) e na era atual em que Michel Temer ocupa o cargo de presidente do Brasil após o processo de golpe trajado de impeachment.

A primeira época é lembrada por alguns brasileiros como um período sombrio em que foi preciso muita luta para o país voltar a ter seus direitos básicos, isto é, a ser “democrático”<sup>4</sup>. Há 54 anos, em 1964, as águas de Março traziam mudanças que ninguém imaginaria ser de tamanho impacto aos anos que viriam. Contextualizando...

Após a renúncia do presidente Jânio Quadros, João Goulart, também conhecido como Jango, assumiu a presidência do Brasil carregando um passado difícil deixado pelas grandes transições modernas ocorridas no governo de Juscelino Kubitschek. Jango tinha grande apoio político das massas trabalhadoras e implementava decretos que pretendiam melhorar a situação econômica da população de classe mais baixa, o que não foi bem visto pela classe média e suas instituições conservadoras. Assim instaurada a preocupação pelas medidas do então presidente se tornarem de cunho comunista, as massas conservadoras se colocaram em marcha para expressar seu descontentamento com o governo de Jango (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

Em meio à agitação, grandes empresários e industriais, tanto brasileiros quanto estrangeiros, culminavam uma forma de instaurar um golpe que tiraria o presidente de seu posto para dar lugar à liderança militar. Após uma tentativa de

---

<sup>4</sup> De acordo com Silva (1988, p. 22), “A democracia que o Estado democrático de Direito realiza há de ser um processo de convivência social numa sociedade livre, justa e solidária (art. 3º), em que o poder emana do povo, deve ser exercido em proveito do povo, diretamente ou por seus representantes eleitos (art. 1º, parágrafo único); participativa, porque envolve a participação crescente do povo no processo decisório e na formação dos atos de governo; pluralista, porque respeita a pluralidade de ideias, culturas e etnias e pressupõe assim o diálogo entre opiniões e pensamentos divergentes e a possibilidade de convivência de formas de organização e interesses diferentes na sociedade; há de ser um processo de liberação da pessoa humana das formas de opressão que não depende apenas do reconhecimento formal de certos direitos individuais, políticos e sociais, mas especialmente da vigência de condições econômicas suscetíveis de favorecer o seu pleno exercício”. A questão da democracia é colada neste texto, pois, como veremos, nas poesias, há a retomada de uma memória desse período pelo qual a história brasileira passou.

resistência falha de Jango e de pequenos sindicalistas e estudantes, os militares se instauraram no governo, impedindo o direito à democracia para os políticos e para o povo. Eleições internas foram realizadas colocando um militar no posto de presidente, o general Humberto Castelo Branco, com a declaração dos Atos Institucionais, trouxe um uma forma de governar (pela violência e abusos) que viria a afligir o país pelos próximos 20 anos (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

Em termos da Análise de Discurso, pensar nos sentidos que as denominações para esse período representam, mostram uma vertente histórica e ideológica de quem fala e faz significar esse falar. Para a AD: “[...] fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.” (ORLANDI, 1999a, p. 53). Os variados dizeres que se encontram dessa época retomam certos sentidos filiados a diferentes formações discursivas sustentadas pelo funcionamento da ideologia e seus aparelhos (ALTHUSSER, 1970). Por exemplo, o sujeito que reafirma ter sido a ditadura brasileira uma “revolução” filia-se a dizeres de alguns militares e a suas ações que interviram para defender os olhares da classe média que clamava por mudanças. Já os que chamam de “golpe” esse período que compreende os anos de 1964 a 1985 filiam-se a dizeres que sustentam o entendimento do direito que foi roubado à democracia, qual seja, de escolher seus representantes, de poder discordar sem ser reprimido (com violências e censuras).

Na segunda época, pensando as condições de produção das poesias de resistência da atualidade, tem com marco inicial meados de 2013. Após grandes manifestações ao redor do país, uma desestabilidade no atual governo foi percebida. Grandes descontentamentos e escândalos foram surgindo e o tema *política* passou a reverberar constantemente nas mídias e nas bocas dos brasileiros. Depois das ocorridas denúncias contra a presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, foi instaurado um *impeachment* que a tirou de seu posto, dando ao vice-presidente Michel Temer o lugar de presidente. O desagrado vindo de uma parte da população repercutiu em mais manifestações e movimentos que clamavam por justiça, alegando ter sido um golpe parlamentar, já que não foram comprovadas as acusações contra Dilma. Outra parte do povo estava contente com a decisão, já que, nas eleições de 2014, a disputa foi acirrada entre os partidos considerados de direita e de esquerda. A classe média então estava satisfeita pela mudança que Temer supostamente traria ao país.

Um dizer, sustentado pelo funcionamento de uma memória de oposição ao período ditatorial, que aparece e circula é sobre a resistência dos que lutaram, dos

muitos que sofreram, mas, de algum modo, venceram a essa era tenebrosa que tirou, para alguns<sup>5</sup>, direitos, esperanças e vidas. Nesse período diferentes formas de resistir surgem. Essa resistência veio por meio da arte, das metáforas que tentaram produzir furos, rupturas no sistema governamental vigente e mostrar ao povo o que estava acontecendo. Dos pequenos movimentos aqui e ali até as grandes lutas (pela Lei da Anistia, pelas Diretas Já), o clamor pelo encerramento dos padecimentos e renascimento da democracia.

Vemos também resistência nos dias de hoje sobre os que veem a usurpação do direito de ter uma presidenta eleita por voto da população (mais de 54 milhões), e destacam-se então os movimentos de forma artística e poética, partindo da concepção de que “criar é resistir e resistir é criar” (HESSEL, 2011, p. 26). O criar nesse momento toma forma por meio da poesia, da música, das artes plásticas e visuais, da militância na rede. Dessa forma, serão analisados, neste trabalho, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso, poemas que se tornam resistência diante dos direitos golpeados nesses dois períodos; e será discutido como a poesia rompe certas barreiras estipuladas por repressões políticas, gerando resistência pela uso da letra, da palavra escrita.

## 1. Efeitos de sentido do poético

*Toda palavra é capaz de poesia; todo sentido é capaz de silêncio*  
(Eni Orlandi)

A arte em suas mais diferenciadas formas de expressão tem a capacidade de traduzir o mundo a sua volta. Em nossa literatura, vemos grandes exemplos dessas manifestações, como “Sentimento do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1940, que não só retrata a era política de Getúlio Vargas no Brasil, como também a recuperação frente à Primeira Guerra Mundial. O livro possui poemas como “Confidência do Itabirano” que traz um contexto de uma sociedade em plena era industrial modernista; e também “O Operário no Mar” que demarca uma separação significativa de classes sociais e posições políticas (CAMILO, 2002).

Em vários momentos históricos-sociais-políticos em nosso país, muitos poetas, artistas, cantores, tomaram o ato de escrever, do uso da letra, como um modo de

---

<sup>5</sup> Para a Análise de Discurso, os sentidos podem ser outros, isto é, a depender da posição e filiação assumida pelo sujeito que se enuncia um ou outro sentido vai ser posto em funcionamento. Por isso, é necessário ressaltarmos que os sentidos acerca do período de 1964-1985, ou do governo Temer, são moventes. Não há um único sentido. Desse modo, ao marcamos “para alguns” é a respeito dessa tensão/movência entre os/dos sentidos que estamos falando.

expressão e representação do que se passava no país. A forma de representação poética, diríamos de poética da resistência, traz, inúmeras vezes, consigo o interesse em refletir tensões e aflições que ocorrem na sociedade. Como afirma Moisés (2007, p. 14), a poesia “Serve ou serviria para ensinar a ver”, isto é, a poesia de resistência traz no fio do discurso, como materialidade significativa, dizeres que expõem as mazelas, as diferentes formas de violência e/ou resistência que sustentam uma sociedade. Desse modo, fariam “ver” o que é dito para não ser visto nos governos opressores.

Sendo assim, a poesia se configura como a reprodução das condições produzidas socialmente e é o significante dos acontecimentos. O poético da resistência se instaura no momento em que é preciso fazer chegar aos sujeitos os acontecimentos velados de forma implícita a romper com a censura imposta no social<sup>6</sup>. Cada escrito fará circular um sentido, significando a partir de suas condições de produção. Para Orlandi (1999a, p. 42): “[...] o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Assim, em uma poesia de resistência, o poeta coloca em funcionamento o processo sócio-histórico em que seu dizer é ou não permitido. Em governos ditatoriais, em que a censura está instalada, o artista, escritor de poesia, fará troça, jogo com a linguagem para fazer circular outros sentidos sobre a sociedade.

Há um funcionamento ideológico que sustenta os dizeres de alguns poetas<sup>7</sup>, os quais buscam denunciar o que, muitas vezes, é silenciado para a população. Suas obras tentam, por meio de metáforas e rimas, furar os discursos e atos repressores daqueles que impediram os direitos aos cidadãos. É por meio da arte que significados outros à censura irão se instaurar de forma a tentar quebrar as barreiras que as repressões impõem. O afastamento da arte que é forçado à população fica evidente não só na época da ditadura, mas nos dias de hoje, quando há uma tentativa de imposição de silêncio da expressão artística, o qual tenta calar a resistência do povo diante dos repressores.

Por meio do silêncio imposto é que se constrói a voz que gritará e resistirá à opressão. O silêncio deve ser entendido aqui, segundo Orlandi (2007), como o dizer

---

<sup>6</sup> Nem todas as formas poéticas teriam esse funcionamento, como nem todos os poetas também se posicionariam como opositores ou resistentes a que se passa na sociedade.

<sup>7</sup> Na escrita deste artigo, estamos usando poetas para falar de escritores que tomam o ato de escrever como uma forma de resistência, isto é, de escrita da resistência. Mais uma vez gostaríamos de pontuar que não são todos os poetas que escrevem poesias de resistência, nem são todos seus poemas de resistência. Como também essa forma de fazer poesia não seja generalizante, mas sim um modo de escrita.

que é apagado, posto de lado, e excluído nos termos sociais que se empregam. Assim, a censura se inscreve na história como o dizível que não foi autorizado ser dito, como o discurso social que sofreu interdições pelas forças, portanto, o que se foi proibido de dizer e circular; “o silêncio da censura não significa ausência de informação mas interdição.” (ORLANDI, 2007, p. 111). É nesse sentido que as poesias de resistência se instauram, a partir do silenciamento e recusa que atravessa o sujeito, isto é, de não poder dizer sobre a repressão, sobre os governos ditatoriais, não democráticos. Como ressalta Orlandi (2007, p. 111).

[...] a censura trabalha sobre o conjunto do dizível, do outro, em uma retórica de resistência, há uma política do silêncio que se instala (consensualmente) e que significa justamente que, do dizível, não se pode dizer. Censura e resistência trabalham a mesma região de sentidos.

As palavras produzem efeitos de sentido capazes de indiciar aquilo que é silenciado, como também proporcionar um escape para os infortúnios do passado e presente. Os possíveis efeitos de sentido de uma poesia é a parcela que dá sustentação à quebra do silêncio e da censura. "O silêncio fundamenta o movimento da interpretação." (ORLANDI, 2007, p. 156). A abertura para a interpretação é o que vai dar fundamento para a escrita se instaurar e permanecer. Ainda segundo a autora (1999b, p. 67),

O que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites.

É partindo dessas constatações de que a poesia tem tal funcionamento para um significar social que serão analisados alguns poemas que marcaram e marcam esses tempos histórico de silenciamentos – um de governo autoritário e outro “democrático”<sup>8</sup> –, mas que trazem um escape e, ao mesmo tempo, instigam à resistência contra as opressões políticas que se fazem e refazem ao longo da história.

---

<sup>8</sup> O uso das aspas justifica-se aqui, pois colocamos em suspensão a questão de ser o Estado Brasileiro um estado democrático, uma vez que houve, por meio de um golpe político-midiático, a destituição de uma presidenta legitimamente eleita por 54 milhões de votos. O poder que emanava do povo foi posto em confronto e silenciado pela decisão de uma parcela de deputados que, em prol da família, de Deus e até da ditadura disse “sim” ao impeachment.

## 2. Poesia de Resistência

*Quando a ditadura é um fato, a revolução é um dever.*  
(Trem noturno para Lisboa)

Algumas metáforas que uma poesia carrega servem para “disfarçar” aquilo que não é para ser “descoberto”. O poético da língua se inscreve para significar os contextos histórico-sociais em que o escrito está circulando. O poema com sua escrita produz, muitas vezes, uma ruptura nas imposições para declamar seu desejo de luta e resistência às repressões. As imposições que se fazem ao povo são explicitadas através de versos que vêm trazer o grito da resistência que tem como sonho fazer os opressores caírem.

Nos dias de ditadura, muitos artistas ganharam reconhecimento por seus trabalhos e movimentos surgidos das obras referentes ao que estava acontecendo no período. Diversos deles tentavam, por meio da arte, denunciar e abrir os olhos da população sobre a violência que se passava no país, mas foram barrados e suas obras de teor político foram censuradas. Em primeira instância, a maioria não foi punida, mas com a implementação do Ato Institucional nº 5 (AI 5), a repressão caiu sobre os que tentavam denunciar ou eram contra o governo militar (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.). Com isso, músicos, escritores, poetas, atores e artistas precisaram encontrar outra maneira de expor as crueldades e clamar por uma união social a fim de caminhar para o encerramento desse período.

Orlandi (2007, p.123) expressa como a censura intensifica a produção de sentidos de que as produções artísticas da resistência necessitam. Vemos então “[...] censura e resistência jogando, cada uma de seu lado, o mesmo jogo de sentidos.”, dando significação ao contexto histórico-social. A censura, muitas vezes, vinha falada nas próprias palavras dos autores, exalando a poética do implícito para que as obras pudessem chegar até as pessoas. Em *Cálice* (1973), de Chico Buarque, a clássica música que virou marco de denúncia das crueldades e injustiças sofridas no período militar, mostra o silêncio e a censura que estavam por todos os lados. Mas sua poética trouxe a falha no muro construído diante da arte, rompendo, assim, com o “cale-se” quando diz:

[...] Como é difícil  
Acordar calado  
Se na calada da noite  
Eu me dano  
Quero lançar  
Um grito desumano

Que é uma maneira  
De ser escutado  
Esse silêncio todo  
Me atordoa  
Atordoadado  
Eu permaneço atento  
Na arquibancada  
Prá a qualquer momento  
Ver emergir  
O monstro da lagoa [...]

O autor “brinca” com os sentidos para produzir significações capazes de furar com a imposição do silêncio e instaurar a resistência por meio da poética (o calar adquire voz, o silêncio no grito é ouvido). Para que haja um sentido nos diferentes movimentos do sujeito, o silêncio se mostra essencial, como sendo a “respiração da significação” (ORLANDI, 2007). Em contrapartida, o silêncio violento presenciado naquele período como o da prisão e das torturas vê-se materializado em outros escritos, como os de Ferreira Gullar. Em meio à sua prisão e exílio na Argentina, publicou algumas obras que pretendiam expor para todos o que era calado. Em “Poema Sujo”, de 1975, seu objetivo era “escrever um poema que fosse o meu testemunho final, antes que me calassem para sempre” (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

[...] e todos esses dias enlaçados como anéis de fumaça  
girando no cata-vento  
esgarçando-se nas nuvens  
e o alarido das pipiras na sapotizeira  
às seis da tarde  
ou  
no cubo de sombra e vertigem  
da água  
do dito poço  
da dita quinta  
que os anos não trazem mais

E trazem cada vez mais  
por ser alarme agora em minha carne  
o silêncio daquela água  
por ser clara  
a sua sombra  
debaixo das minhas unhas

como então sob as folhas com açúcar e luz  
pingar de água  
um pio  
um sopro de brisa  
sem pressa  
e por todas as partes  
se fabricava a noite

que nos envenenaria de jasmim  
E a noite mais tarde pronta passaria aos trambolhões  
com sua carruagem negra  
batendo ferros  
feito um trem  
pela Costela do Diabo  
com seu cortejo de morcegos [...]  
(GULLAR, 1975, p. 31-33).

A poética das palavras do autor traz a dor e o sofrimento vividos nas prisões, mas não se deixa abater e faz sua arte romper as celas e chegar ao povo, contando os dias de censura e repressão. Vê-se então que “não são só as palavras, aquilo que o poema tem a dizer, que age socialmente, mas sim o poema como um todo, principalmente sua estrutura.” (CLEMENTE, FARGNOLLI, 2016).

Não só nos dias da ditadura, mas também nos momentos políticos atuais, a poesia se firma como uma voz de protesto e resistência contra as injustiças do governo para com a população (por exemplo, aumento da jornada de trabalho, congelamento dos investimentos na educação). Nas mídias digitais, o descontentamento com o atual presidente Michel Temer aparece em posts tanto “sérios” como os de divertimento/humor.

Dizeres e sátiras sociais se manifestam nos escritos de Gregório Duvivier, um artista contemporâneo adepto de diversas mídias e que expressa sua indignação por meio das palavras, fazendo chegar a poesia da resistência à população. No Rio de Janeiro, o Circo Voador recebeu o projeto "Canta a Democracia" (THUSWHL, 2016), no qual se reuniram diversos artistas que fizeram do festival um grito contra a corrupção. Em meio a muitas apresentações teatrais, musicais e poéticas, Duvivier fez uma performance em que interpretou o presidente Temer, escreveu e leu um poema, que mais tarde publicou em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo:

[...] Chamar-me-ão de vampiro  
De golpista ou morto-vivo  
Chamar-me-ão de mordomo  
Ou de vice decorativo  
Alguns me chamam de Drácula  
Outros usam Nosferatu  
Alçaram-me à presidência  
Pra acabar com a Lava Jato  
Confessar-vos-ei meu nome  
Antes que eu me vá embora  
Meu segundo nome é Temer  
Meu primeiro nome é Fora.

Seu poema traz dizeres que circularam nas mídias, redes sociais e conversas

nos dias de hoje acerca do presidente. Podemos utilizar de análise a “demora” que o autor teve em revelar de quem era o personagem a quem queria se referir, podemos então despertar o questionamento de que se foi proposital para exemplificar o silenciamento que a população recebe através da censura e de seus direitos golpeados, ele se cala em revelar o personagem de Temer, expressando o silenciamento que ocorre em nossos dias através das decisões políticas que nos fogem o controle e não tem nossa participação.

Em “Conjugação”, temos:

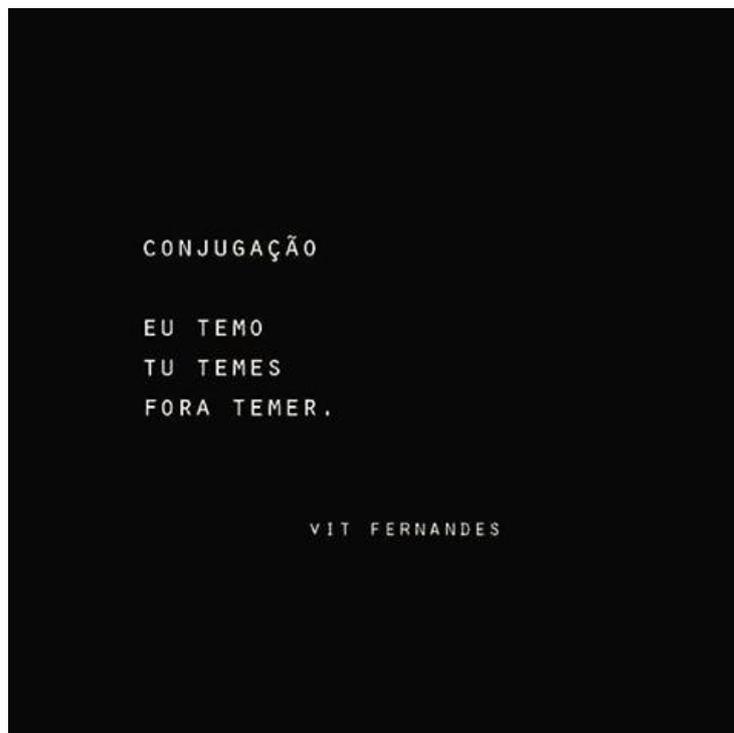


Figura 1: Página do Facebook: Peripécias

As redes sociais se mostram um espaço bem diversificado para encontrar escritos de resistência de variadas formas. E brincar com a linguagem já não é algo inédito. A autora intitulada como Vit Fernandes utiliza as redes para divulgar seu trabalho, rompendo assim com os efeitos estabilizados, cristalizados para as palavras. O poema acima utiliza dizeres que podem ser interpretados de diversas maneiras, mais uma vez se mostra aqui a beleza do implícito. Um silêncio que corta a conjugação, que quebra os direitos, cala os verbos das palavras, tira a educação e grita a resistência através do poético.

Por fim, a ideologia que os espaços de significação apresentam, carregam uma gama de interpretações capazes de intentar produzir furos no silenciamento e na censura impostos contra a população. Vimos que a arte, a escrita e a poética se

mostraram grandes deslocadoras de sentido possibilitando e mantendo viva a resistência.

## Considerações Finais

Como intentamos mostrar em nosso texto, no período ditatorial, os poemas de resistência que circularam fazem uso da letra, da palavra para dizer como o período de 1964-1985 foi sombrio, de violências, em que o silêncio era duramente imposto. Já, nas poesias de resistência, que circulam no período do governo “democrático” de Temer, sustentam-se dizeres que escancaram a impopularidade um presidente que chegou ao poder por meio de um golpe trajado de impeachment.

Buscamos, por fim, analisar neste trabalho como o poético produz resistência e diz sobre as formas de repressão que passam os sujeitos em governos autoritários que se fantasiam, muitas vezes, de democráticos, mas que cala e faz calar, inúmeras vezes, pela violência brutal, os sujeitos que ousam beber do “cálice” imposto.

## Referências

AUGUST, Bille. **Trem noturno para Lisboa**. [Filme-vídeo]. Produção de Kerstin Ramcke, Peter Reichenbach, Günther Russ, direção de Bille August. Alemanha, 2013. 111 min. color. son.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

CAMILO, Vagner. A cartografia lírico-social de *Sentimento do mundo*. **REVISTA USP**, n.53, p. 64-75, São Paulo, março/maio 2002.

CLEMENTE, Isabela Maia. FARGNOLLI, Thaís Moreno. Poemas como forma de resistência, em *A Rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade. **Vocábulo**. Ribeirão Preto, vol. 11, 18 p., 2016.

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. P.27

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos**. Reprodução eletrônica: Mensanapress, 2011.

THUSWOHL, Maurício. **Artistas cantam a democracia e exigem 'Fora, Temer' no Circo Voador**. 2016. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/08/artistas-cantam-a-democracia-e-exigem-201cfora-temer201d-no-rio-6955.html>> Acesso em: 11 de maio de 2017.

**MEMÓRIAS DA DITADURA**. Disponível em:

<<http://memoriasdaditadura.org.br/>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

MOISÉS, C. F. **Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta.** São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes Editores, 1999a.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: os silêncios da memória. IN: **PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória.** Campinas: Pontes Editores, 1999b.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos.** 6<sup>o</sup> edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

SILVA, José Afonso da. A lei no Estado democrático de Direito. **Direito Administrativo.** Rio de Janeiro, 173, p. 15-34 jul-set. 1988.

Artigo recebido em: 02/04/2018

Aprovação final: 19/11/2018

## TRENDY BLENDS IN THE LINGUISTIC LANDSCAPE OF NATAL/RN

Naiara Medeiros De Oliveira<sup>1</sup>

Jennifer Sarah Cooper<sup>2</sup>

Karinne Rosário Da Cunha Spencer Batista<sup>3</sup>

### Resumo:

*Este trabalho pretende discutir as implicações práticas das misturas linguísticas usadas nas fachadas de lojas em Natal/RN. Nossos objetivos foram mapear as áreas onde ocorrem os blends, identificar as características e significados construídos, bem como analisar suas funções morfossintáticas e identificar as motivações para o uso de blends. Esta pesquisa exploratória se baseia no arcabouço teórico-metodológico de pesquisas em Linguistic Landscape. A coleta de dados foi realizada através de questionários e análise de fotos, das quais foram criadas categorias. De acordo com essas categorias, o uso do inglês nas fachadas tem fins comerciais e estéticos. Além disso, nossas descobertas revelam que algumas palavras em inglês vêm sendo integradas ao idioma local.*

**Palavras-chave:** *Blends; Linguistic Landscape; Motivações.*

### Abstract:

*This work intends to discuss the practical implications of linguistic blends used on storefront signs in Natal/RN. Our objectives were to map the areas where blends occur, to identify the characteristics and meanings construed, analyzing their morphosyntactic functions and to identify the motivations for this use. This exploratory research is based on a theoretical-methodological framework of Linguistic Landscape research. The data was collected through questionnaires and the analysis of photos, from which were created categories. According to these categories, the use of English in the storefronts is used as a marketing strategy and for aesthetic purposes. Also, our findings reveal that some English words have been integrated into the local language.*

**Keywords:** *Blends; Linguistic Landscape; Motivations.*

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras-Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista de PIBIC – UFRN. Contato: [naiara\\_may2@hotmail.com](mailto:naiara_may2@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (UFRN) e professora Adjunta II no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: [jennifersarahj@gmail.com](mailto:jennifersarahj@gmail.com).

<sup>3</sup> Aluna do curso de Letras-Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contato: [karinnecunha@yahoo.com.br](mailto:karinnecunha@yahoo.com.br).

## Introduction

Despite English having become the global *lingua franca*, in Natal-RN, a great part of the population does not have access to English language courses whereby they may become proficient in the language. Nevertheless, even without this formal English language instruction, Natalenses are notorious for using it in a variety of contexts. In Natal, English is used in commercial enterprises, on the frontages of stores, restaurants, gyms, and more. Some prefer the names of their businesses completely in English, while others make “adaptations”, mixing English and Portuguese at the same time. This type of linguistic realization is known as a ‘blend’ (ROIG-MARIN, 2016; KELLY, 1998). Pasari (2015) defines a blend as “a word in which different ideas are brought together into a new, integrated concept by simply fusing the corresponding words into a single lexical item” (p. 23).

Given the frequency of blends used in the Linguistic Landscape (LL) of Natal, we posed the following research questions: Where and how are these blends formed?; What meanings are construed?; Why do business owners use blends? To answer these questions, this study proposes the following objectives: (1) to map the areas where blends occur in Natal; (2) to identify the morphosyntactic elements and functions of the blends; and (3) to identify the perceptions of the users about their motivations to use blends.

The remainder of this paper is divided into four sections: Section 2 describes the theoretical-methodological framework of this research; section 3 describes the methods used; section 4 reports the results with a discussion of the data; and in section 5 we offer our final considerations, including suggestions for future works, followed by references.

### 1. Mapping the merging of cultures

This study is based on a theoretical framework that regards morphological blends of the English and Brazilian Portuguese language on signs in selected neighborhoods in Natal, RN. The following sections describe this framework, based on studies of Blends and Linguistic Landscape Research.

According to Roig-Marín (2016), words of any language “attest to new realities and societal changes”. These social changes can result also in a revolution in the way we express ourselves and interact with the world. Kelly (1998) affirms that globalization and the use of technologies is clearly reflected in “coined words”, which

are the combination of two or three source words that can also be from different languages. Thus, a new blended lexical item is created, making evident the merging of words on the level of their morphology (through free and bound morphemes<sup>4</sup>), but may also rely on the phonemic expression to create meaning, transmitting information in a succinct and creative way. Also, when two different words from different languages are combined, the word carries cultural aspects/nuances, as well. Ultimately, it is also a form of language/culture play, as Kelly affirms (1998).

Roig-Marín (2016, p. 5), supports this view, adding that: “their coinage involves playing with sounds, sense relations and, all in all, reversing our expectations as to what we consider to be existing and permissible words”. A lexical blend becomes a unique way to play with words and meanings, soliciting from the readers all their potential and creative skills.

However, there are motivations for these uses that go beyond “mere playfulness”, as Leher, (2007) posits, affirming that having a new clever word on a storefront is eye-catching, piquing curiosities, which prepares the public to receive the information being presented. The author also suggests that people create blends because they think it is fashionable to do so, showing they are trendy and cool.

### **1.1 Linguistic Landscape**

One way to analyze languages in context is to focus on the written information that is available in signs in a specific area or the “linguistic landscape” according to Landry and Bourhis (1997). “The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration” (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 25).

Lanza and Woldemariam (2014) discuss that, currently, LL studies have focused on signage in world cities and its significance for the construction of cultural and social meaning in urban spaces. As English is considered an international language, its broad and worldwide presence in LL investigations is one of the main indicators of the globalization process. The driving force for this spreading movement is certainly economic: as companies aim to increase their markets and sales, these occurrences have been increasingly present in LL studies as a result of the globalized new economy.

---

<sup>4</sup> Free morphemes are those that have more lexical content, while bound morphemes have grammatical function, containing minor parts of speech (CELCE-MURCIA; LARSEN-FREEMAN, 1999).

Signs that rely on code-mixing and blends with English, can be found in a variety of urban spaces, as Sayer (2010) observed in Oaxaca, Mexico. Although the population was not proficient in English, it was common to find English on signs that did not function to inform English language speakers, serving then a symbolic function. The author comments that one possible interpretation of this phenomenon is the result of linguistic and cultural imperialism, as the linguistic landscape reflects the relative power and status of different languages in a specific sociolinguistic context.

## 2. Research Methods

Aiming to consider language in context, thus, we carried out an exploratory research, as characterized by Nunan (1992) – a study that establishes criteria and techniques for its elaboration and aims to offer information about the object of the research. It can also be considered a qualiquantitative, Linguistic Landscape study of linguistic blends, observing the following methods.

First, we mapped the occurrences of blends in the linguistic landscape of the best-known neighborhoods in Natal, using the tool, Google Maps. After making a map of these areas, we quantified and categorized the examples according to the highest frequency morphemes. Secondly, we analyzed the meanings they construed within the blend, and any recognizable pattern. For example, many blends rely on the use of a part of an owner's name joined to an English morpheme related to the service the business provides – *Márciocar*, *Renart*, *Nilcar*.

Finally, we visited the businesses applying a questionnaire of the following questions: (1) What was your motivation to choose this name for your store? (2) What meaning did you want to create by choosing this name? (3) Is there any particular reason for using English in the name of your store? And (4) What response from the public did you anticipate?

## 3. Results and Discussion

With this mapping, we observed that, among the neighborhoods targeted, all of which have different socioeconomic profiles, those with the most blends were located in the Alecrim (14) with a percentage of 31.1% of the total, followed by Lagoa Nova (28.9%), Candelária (11.1%) and Igapó (6.7%).

One interpretation of these findings is that the use of blends is related to zoning – commercial or residential. More blends were found in the Alecrim, which is the oldest and lowest scoring neighborhood on the quality of life<sup>5</sup> index (BARROSO, 2003), in Natal, for example, as it is zoned commercially. Reflections on the socioeconomic aspects and statistical treatment of a more in-depth survey are anticipated in future studies. These findings, however, act as preliminary results, to direct these future studies.

The following presents the geographic context of the state of Rio Grande do Norte and the city of Natal in Brazil, as well as the neighborhoods in which the highest frequency of blends in Natal were found, outlined in red, which are pictured from top to bottom: Igapó, Alecrim, Lagoa Nova, and Candelária.



Picture 1: Location of Rio Grande do Norte and Natal in Brazil. (Source: Prefeitura Municipal do Natal)

<sup>5</sup> “O Índice de Qualidade de Vida - IQV - The Quality of Life Index was developed in order to measure the quality of life of the resident population in the various districts in Natal, from seven indicators, expressed in three dimensions: income, education and environmental dimension, which established the three specific indexes” (BARROSO, 2003, p. 6, our translation).



Picture 2: Location of the neighborhoods from top to bottom - Igapó, Alecrim, Lagoa Nova, and Candelária. (Source: Prefeitura Municipal do Natal)

### 3.1 Blends and their meanings

Our second and third objectives focus on a brief analysis of the morphological construction and semantic realizations of the blends based on the analysis of all the pictures taken, from which we derived the following categories: 1) Name (Portuguese) + Service (English); 2) Service (Portuguese) + Characteristic (English); 3) Mix of service/characteristic (English) + Service/characteristic (Portuguese).

Firstly, our results show that in 71.1% of the occurrences of blends analyzed, the first morpheme represented is in Portuguese. Also, the morphemes in English tend to contain fewer syllables. According to the users, many reported that it made the word sound better: *“these words are smaller and produce a nice sound, so it is better to say ‘tech’ than the whole word”*- P10<sup>6</sup>.

6 The questionnaire and all excerpts used in this work were translated from Portuguese to English by the authors of this study. Participants are indicated in this study as ‘P’, and given an arbitrary number. Further demographic information about the participants were not included in this present study, yet, future works will include this information. The original excerpts were removed due to character limitations. Nevertheless, we are available to provide the original answers of participants in Portuguese.

### 3.1.1 Blends: Name + Service

In Natal, it is very common to find businesses with the name of their owners. This practice is carried over with the blends, being one of the most common occurrences of blends covered by this study. Through the analysis of the pictures, we identified a common pattern associated with these blends: the first morpheme represents the name of the business owner, the second, which is written in English (or cognate) is related to the product or the service offered, as shown in Table 1:

Table 1

<b>Márciocar</b>
<b>Renart</b>
<b>Nilcar</b>
<b>Téocell</b>
<b>Niltech</b>
<b>Glaysoncell</b>

The participants affirmed that the preference for their own names combined with a second word in English would make it “*more original*”, as mentioned by P3. In some cases, such as “Márciocar” and “Nilcar”, there is an erasure of the possessive, which is marked by an apostrophe in the English language, but not in Standard Brazilian Portuguese. According to P3, the intention of this omission is “to bring the word closer to Portuguese and to make it easier to write it”. Firmino (2008) explains that this kind of erasure of foreign traits guarantees the acceptance of Portuguese as a symbol of national unity and official language.



Picture 3: Renart (Source: Google Maps, 2017)



Picture 4: Niltech (Source: Google Maps, 2017)

### 3.1.2 Portuguese-English Blends: Service + Characteristic

Another common characteristic of blends found in this study is the combination of a word in Portuguese representing the product or service offered to a “popular” English word, such as “art”, “car”, “center” and “cell” referring generally to the product. The initial Portuguese morpheme (bound or free) is added to a free morpheme in English to form a neologism (complex/compound). The owner of the car store, “Formulacar”, told us that he intended to invoke Formula 1, creating a “double meaning”. Table 2 shows some examples (Portuguese morphemes in bold).

Table 2: Portuguese-English Blends

COMPLEX	COMPOUND
<b>Plast</b> center, <b>Plast</b> cell	<b>Fórmula</b> Car
<b>Eletro</b> point	<b>Pneu</b> drive
<b>Lav</b> clean	<b>Digital</b> line.com
<b>Chic</b> pizza	<b>Audio</b> car

Notably, some participants reported some English words have become so common in storefronts that people often use them to “fit in with the market” and “keep up with the competition” - P20. This was the case of participants who did not intend to use English or did not know the real meaning of the word used, but still adopted the morpheme to name their stores because “many of the other stores are doing the same” - P11.



Picture 5: Eletropoint (Source: Google Maps, 2017)



Picture 6: Formulacar (Source: Google Maps, 2017)

### 3.1.3 English-Portuguese Blends

In this case, the initial English morpheme (bound or free) is added to a Portuguese base form (free morpheme) to form a neologism. In some cases, the English morpheme has an adjectival function, as in the stores “Bigeleetro”, “Biglar” and “Bigboi”. Participant 13 explained he wanted *“to give the impression that the store is big in size, that there is a huge variety of products, and exceptional quality”*. Additionally, the stores “Artlab” and “Artmundy”, by using the word “art” aimed to signify the creation of art: *“We wanted to say that our store is in the world of arts, because we create art for our clients”*, according to P14. In “Petmania” and “Petmimo”, the words in Portuguese are used to give the impression of love for animals: *“The word ‘mimo’ symbolizes our love for animals, I mean, a caring feeling”*, P16 reported. The following, Table 3, presents some examples (the English morpheme in bold):

Table 3: English-Portuguese Blends: an initial English morpheme (bound or free) added to a Portuguese morpheme (bound or free).

<b>Big</b> Eleetro
<b>Fachik</b>
<b>Art</b> lab
<b>Big</b> Lar
<b>Gold</b> sol
<b>Copy</b> Graf
<b>Big</b> boi
<b>Colo</b> rtel
<b>Pet</b> mania
<b>Art</b> mundy
<b>Pet</b> mimo

In the formation of the blends from this section, 72% of the English morphemes identified have only one syllable. These occurrences may indicate an emergent language change, considering that some of these English words are already considered part of the Portuguese language by the users. For example, P16 told us that “pet” is considered a common word in their Portuguese vocabulary: *“Actually, the word ‘pet’ has nothing to do with English. The word ‘pet’ it is like ‘animal’... it is common for us [the employees]. Everyone uses it for stores that sell products for animals”*.



Picture 7: Petmimo (Source: Google Maps)



Picture 8: Bigboi (Source: Google Maps, 2017)

## 3.2 Motivations

In this section, we investigate the motivations that led business owners to opt for the use of blends with the English language. However, similar to the unwitting use of English morphemes by participants in this study, cited in the previous section, we also include some who could not explain the meaning they were actually creating or who did not intend to use English, as P1 reported. *“In fact, the intention was not to use English at all ... the intention was to give a better effect to the word "art", which could differentiate itself from other stores, drawing more attention from people who pass by”*. The motivations are categorized in three types as follows.

### 3.2.1 Marketing strategies: “English is cool and beautiful”

Our first category presents the most common motivation that led business owners to use blends, beginning with those who intentionally used English morphemes. These shared a common motive: using English is popular and makes the business more attractive as P2 states, *“Today, Brazilians have this common custom of making relations between English and their products or services” ... the name becomes prettier, more striking and presentable*. Our findings showed that the majority of business owners in Natal, participating in this study, perceive blends as being popular and aesthetically pleasing, as English *“causes a good impression,*

*makes the name of the store, much prettier and exclusive*” - P3. This idea is corroborated in Lehrer (2007), who affirms that people use blends because it is a trendy practice.

### **3.2.2 Visual effect: “English catches people’s attention”**

The second most common theme cited by participants was the visual effect of English, as catching people’s attention effectively and rapidly, stating that the name *“becomes different and unusual”*. Also, P5 pointed out that when the name is creative, *“people will be able to remember it and share the information about the store”*, recommending it to others. In addition, P12 reported: *“English is well seen, it gives more visibility to the store. You can cause more impact”*. This perception is also confirmed in Lehrer (2007), in which he found that a new creative word is able to make people curious and ready to receive the information presented.

### **3.2.3 Abbreviations of words in Portuguese: “Is that English?”**

Among the participants who did not intend to use English, a very common motivation was simply to abbreviate words in Portuguese. Notably, some words in Portuguese are cognates in the English language, such as the words "car", "cell" and "art". These morphemes were the most frequently used. They justified the use of the term "art", "car", for example, *“to make the word smaller”* and, consequently, *“to make it sound much better”* P6. According to P8 *“there was no specific intention of using English, but the word 'cell' is very popular among stores that sell accessories for cellphones, so I decided to use it”*.

From these answers we find that, even without knowing that the word is in English, people will use it if it brings some positive response from buyers. When the use becomes common, people add it to their vocabulary, oftentimes in a slightly different context and creating a new meaning for the word, or it is a cognate or is absorbed into the dominate language, as in ‘pet’. This is an important indication of emergent language change, which merits further study.

## **Final Considerations**

With regard to where, how, and why blends are used in Natal, we found that the neighborhoods Alecrim and Lagoa Nova had the highest frequency of blends. In the majority of cases, in the neighborhoods analyzed, the use of blends in the names

of businesses in Natal/RN is directly related to commercial purposes and motivated by three main factors: as a marketing strategy because of its social status as ‘cool’ and ‘trendy’, for the visual effect of Portuguese-English blends, catching people’s attention quickly and effectively, and because they are phonetically simple enough to remember easily.

Lanza and Woldemariam (2014, p. 9) argue that LL intersects with other discourses, especially the discourse of development. Our findings, which confirm the predominance of English in the LL of Natal, corroborate with their conception that English is an indicator of “the important role the language plays in society and hence the high placement on the vertical scale of prestige”. Its use in advertising by shop owners in Natal serves the symbolic function of associating the business and its products with popularity, modernity and trendy practices. This symbolic function also construes an identity as modern for both the shop owner and customer.

Furthermore, thinking of the sector of the population that was not aware that they were actually using English on their storefronts, we may interpret this to be an indication that these morphemes have become so thoroughly naturalized that their creative use in the linguistic landscape is evidence that they have entered into the lexicon of Brazilian Portuguese, evidence of emergent language change that merits further study. It could also mean that business owners have no intention of construing meaning, but rather use the English language pictorially – visually aesthetic – following patterns set by others who have language awareness. Broader samples of blends are needed on regional and nationwide scales to confirm or not these hypotheses. Nonetheless, this exploratory study provides us with a clear indication of the important social and commercial role English plays in the linguistic landscape of Natal/RN, as well as the creativity of business owners in their morphological play with Portuguese—English blends.

## References

BARROSO, Arimá Viana. **Mapeando a qualidade de Vida em Natal**. Natal-RN, Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica, 2003.

BEN-RAFAEL, E. *et al.* Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The Case of Israel. **International Journal of Multilingualism**, v. 3, n. 1, 2006.

CARSTAIRS-MCCARTHY, A. **An Introduction to English Morphology**: Words and Their Structure. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002. 151 p.

CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN, D. **The Grammar Book: An ESL/EFL Teacher's Course**. 2. ed. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999. 854 p.

EWING, R. What is a functional model of language? **PRIMARY ENGLISH TEACHING ASSOCIATION**, Marrickville, p. 1-6, 2001.

FIRMINO, G. Processo de transformação do Português no contexto pós-colonial de Moçambique. **Colóquio Português: Língua Global**, Maputo, p. 2-13, mar. 2008.

HALLIDAY, M.; MATTHEISSEN, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. Oxford: Routledge, 2014.

KELLY, M. To “Brunch” or to “Brench”: some Aspects of Blend Structure. **Linguistics**, v. 36, n. 3, p. 579–590, 1998.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality An Empirical Study. **JOURNAL OF LANGUAGE AND SOCIAL PSYCHOLOGY**. v. 16, n. 1, p. 23-49, 1997.

LANZA, E.; WOLDEMARIAM, H. Indexing modernity: English and branding in the linguistic landscape of Addis Ababa. **International Journal of Bilingualism**, v.18, n.5, 2014, p. 491-506.

LEHRER, A. Blendalicious. In: MUNAT, J. (ed.). **Lexical Creativity, Texts and Contexts**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 115–136.

MARTIN, J.R.; ROSE, D. **Genre Relations: mapping culture**. Equinox: London, 2008. p. 6.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PASARI, P. A Detailed Investigation and Perusal of Lexical Blends: Semantics in Blends and Types of Blends and Their Frequency. **INTERNATIONAL JOURNAL OF INNOVATIVE RESEARCH & DEVELOPMENT**. Indore, p. 23-25. jun. 2015.

ROIG-MARÍN, A. ‘Blended’ Cyber-Neologisms. **English Today**, v. 32, n. 128, p. 2-5, 2016.

SAYER, Peter. Using the linguistic landscape as a pedagogical resource. **ELT JOURNAL**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Artigo recebido em: 03/04/2018

Aprovação final: 19/11/2018

## FLIPPED CLASSROOM COMO ESTRATÉGIA PARA REVERSÃO DO FRACASSO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Flávio Marcelo de Carvalho Silva\*

### Resumo:

*A FACECA é uma Instituição de Ensino Superior filantrópica, mantida pela Rede CNEC. Oferta o Curso de Administração há mais de 40 anos e sempre conviveu com o fracasso escolar. Com o aparecimento de novos métodos de ensino, o seu Curso de Administração adaptou e adotou o modelo da Flipped Classroom aos alunos em dependência. Esse artigo objetiva verificar se a Sala de Aula Invertida, nos moldes adotados pela FACECA, contribuiu para com a melhoria no desempenho escolar desses alunos, contribuindo para sua aprovação/apre(e)nsão do conteúdo. Na busca dessa resposta, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e procurou-se significar tal fracasso. Analisou-se, também, o modelo adotado, contrapondo-o ao tradicional para, então, baseados em pesquisa feita junto aos discentes, concluir a pesquisa proposta. Os resultados percebidos mostram que a metodologia, como aplicada, contribuiu para a redução do fracasso escolar.*

**Palavras-chave:** *Flipped classroom; Fracasso escolar; Curso de Administração; FACECA.*

### Abstract:

*FACECA is a philanthropic college, maintained by CNEC. Its Administration course has been offered for more than 40 years and the scholar failure has been presented. With the appearance of new teaching techniques, the Administration course has adopted and adapted the Flipped Classroom to those students who had not been approved before. This survey aims to verify if the Flipped Classroom, as adopted by FACECA, contributed to the scholar performance and to the approval of those students. To do so, besides defining what is failure for FACECA, a bibliographical study was presented. After analyzing the adopted model, checking the results of a questionnaire applied to the students, the effects were verified. The results demonstrate that the methodology, as applied, contributed to the reduction of the scholar failure.*

**Keywords:** *Flipped classroom; Scholar failure; Administration; FACECA.*

---

\* Doutorando em Ciências da Linguagem, Mestre em Administração, Pós-graduado em Metodologia de Ensino da Língua Inglesa, em Gestão Educacional e em Gestão de Empresas, licenciado em Letras, administrador, economista, estudante de ciências contábeis. Professor universitário. Coordenador do curso de administração da Faculdade CNEC varginha – FACECA. Contato: [adm.flaviomcsilva@gmail.com](mailto:adm.flaviomcsilva@gmail.com).

## Introdução

Fracasso, malogro, derrota... resultados vistos, para alguns, como oportunidade de aprendizagem, de recomeçar, tentar novamente. Para outros, condição que pode levar à frustração, indignação, desistência.

Quando o fracasso em discussão é o escolar, raramente é visto como uma oportunidade nova de aprender. Ao invés disso é normalmente encarado como motivo de grande sofrimento, contribuinte para o atraso do nosso país, um problema social e politicamente produzido (BOSSA, 2008).

Buscando a reversão dessa situação, o Curso de Administração da FACECA adotou, em caráter experimental, a Metodologia “Sala de Aula Invertida - SAI”, como estratégia para que alunos que já havia, de acordo com o Regimento da faculdade, falhado, ou seja, encontravam-se em regime dependência, pudessem superar a reprovação.

Dessa experiência surgiu a necessidade de analisar se tal metodologia contribuiu para com a melhoria no desempenho escolar desses alunos e para sua aprovação/apre(e)nsão do conteúdo<sup>1</sup>. A busca por essa resposta levou à elaboração desse artigo, que objetiva analisar tais resultados no segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016.

Ressaltasse que este artigo não objetiva discutir as causas do fracasso escolar, mas analisar de que forma a “Sala de Aula Invertida” contribuiu para que alunos do Curso de Administração da FACECA superassem tal fracasso, passando a se /engajar no estudo do conteúdo e assumindo o papel de protagonistas das aulas, debatendo e apre(e)ndendo conteúdos de modo a alcançarem aprovação na disciplina, tornando-se, com isso, aptos a exercerem a carreira de Administradores.

Para tanto, duas hipóteses são propostas: acredita-se que a metodologia denominada “Sala de Aula Invertida”, nos moldes adotados pela FACECA, contribuiu para o sucesso escolar, recuperando alunos do Curso de Administração que se encontravam em dependência. Supõe-se, ainda, que a aplicação dessa metodologia contribuiu para o estabelecimento de uma formação acadêmica mais sólida dos mesmos alunos, sobretudo em função de que a Metodologia da “Sala de Aula Invertida”, nos moldes adotados, propõe ciclos de discussões e debates que orientam

---

<sup>1</sup> Conforme Regimento Interno da FACECA, considera-se como aprovado aquele aluno que conseguiu desempenho acadêmico igual ou superior a 70%.

a aplicação da teoria em práticas empresariais, possíveis de serem vivenciadas pelos alunos, mesmo que ainda em processo de formação.

Espera-se que esse artigo possa funcionar como mais um lugar de reflexão sobre a relação entre metodologias de ensino, o processo ensino-aprendizagem e iniciativas que possam combater o fracasso escolar.

### 1 Significando o Fracasso Escolar para a FACECA

O Ensino de Administração é regulamentado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (2005), que estabelecem que o Projeto Político-pedagógico - PPC do curso deve abranger, inclusive, o perfil do egresso, as competências e habilidades que um administrador formado pelo curso deve demonstrar ter adquirido/desenvolvido.

Especificamente em relação ao Curso de Administração da FACECA (2012), o PPC é fruto das análises do Núcleo Docente Estruturante, que estabeleceu que o Administrador formado pela FACECA deverá ser um profissional empreendedor com sólida formação científica e técnica, ciente das exigências mercadológicas, capaz de perceber, identificar e acompanhar as mudanças contextuais da realidade na qual está inserido, e realizar autoavaliação sobre seu desempenho. Deverá inserir-se de forma dinâmica e capaz, porém, flexível, ante as mudanças que possam ocorrer no mundo do trabalho, fazendo intervenções necessárias, baseadas em princípios éticos e de cidadania, como resultado de uma sólida visão humanística e da ciência de sua responsabilidade social.

Para analisar os motivos que impediram que o aluno do Curso de Administração da FACECA atingisse a meta quantitativa de 210 pontos, estabelecidos no PPC, para sua aprovação, aplicou-se um questionário estruturado, construído com base nas observações academicamente observadas. As seguintes respostas foram encontradas:



Gráfico 1. Motivos da Reprovação

Fonte: Google Formulários.

Foram apontadas, portanto, como as três principais causas do fracasso escolar desses alunos: falta de embasamento do Ensino Médio, falta de estudo e o não entendimento do conteúdo.

Especificamente sobre esta pergunta, o questionário também contemplava a alternativa “a metodologia de ensino utilizada pelo professor (expositiva) não foi eficaz na produção de aprendizagem”. Apesar de tal alternativa não ter sido apontada, no campo do questionário destinado ao registro de outros motivos que poderiam justificar a reprovação do aluno, dois dos respondentes relataram que não entenderam o conteúdo, pois não entendiam a explicação do professor. Esse campo foi, ainda, utilizado por outros alunos que relataram: número excessivo de faltas, falta de atenção ou, ainda, dificuldade para conciliar vida profissional e acadêmica.

Inicia-se a próxima seção deste artigo discorrendo sobre métodos de ensino utilizados no Brasil, sua relevância na superação do fracasso escolar para, então, discorrer sobre o Flipped Classroom e o modelo adotado pela FACECA.

## **2 Reversão do fracasso escolar**

### **2.1 Métodos encontrados no Brasil**

Arroyo (1992) defende que as metodologias de ensino contribuem para a reversão do fracasso escolar, posição essa também defendida por Oliveira (2002) que aponta pesquisas que evidenciam que as práticas pedagógicas, o sistema de ensino e as relações ocorridas dentro das escolas contribuem para o insucesso dos alunos.

No Brasil, as Escolas vêm protagonizando metodologias de ensino específicas, seja para o alcance de resultados acadêmicos estabelecidos, seja enquanto estratégia mercadológica. Débora Spitzcovsky (2015) defende que cinco metodologias de ensino diferentes estariam predominantemente em operação nas escolas brasileiras, a saber:

- Tradicional: contempla provas, notas, vestibular, ENEM, reprovação. É o método centrado no professor e em livros e apostilas, que contém o que o aluno deve aprender.
- Construtivista: método idealizado por Piaget que defende a construção do conhecimento, por parte do aluno, como estratégia. O aluno aprende fazendo e interagindo com o meio, em seu próprio tempo.

- Montessoriano: esse método defende que o aluno aprende agindo, atitude que o leva a se tornar um indivíduo criativo, independente e confiante.
- Waldorf: nesse método os alunos são vistos como “seres singulares”, que aprendem não apenas pelo desenvolvimento de novos conhecimentos, mas também pela evolução e pelo aperfeiçoamento de suas capacidades anímicas, intelectivas e morais (SANTOS, 2015). A vivência é a base de tal método.
- Freinet: essa metodologia busca inserir na escola instrumentos e técnicas que possibilitem um trabalho voltado às necessidades funcionais dos alunos, que aprendem pela experiência, pela realização de atividades reais. Tal metodologia propõe a valorização do desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, em comparação com o desempenho em avaliações anteriores (LEBER, 2006).

## 2.2 O Experimento da FACECA

A FACECA é uma Instituição de Ensino Superior mantida pela Rede CNEC de Ensino, que oferece o curso de Administração há mais de 40 anos. A metodologia de ensino adotada é a tradicional, aliada a oferta de atividades práticas e trabalho com estudos de caso, objetivando a formação do seu egresso.

É uma instituição que recebe alunos de diversas cidades do Sul de Minas, majoritariamente de escolas públicas. Apesar de oferecer atividades de nivelamento acadêmico, convive com o fracasso escolar<sup>2</sup>.

Como tentativa de reversão desse fracasso, a FACECA adotou, para os alunos em dependência no curso de Administração, a Metodologia de Ensino denominada “Sala de Aula Invertida”, que se funda na proposta de inversão de papéis: o aluno passa a ser o protagonista do processo de ensino-aprendizagem.

A “Sala de Aula Invertida” ou *Flipped Classroom* foi originalmente proposta por Alison King. Na visão desse autor, tal metodologia é fundamentada no processo de apre(e)nder uma nova informação em relação àquilo que o indivíduo já sabe. Para tanto, o conhecimento e experiências anteriores do aluno são usadas para auxiliá-lo a se posicionar diante do “material novo”, pois, ao assumir uma posição ativa no processamento de informação, pela reconstrução dessa informação recorrendo a

---

<sup>2</sup> O índice médio de reprovação, no Curso de Administração, é de 7%.

formas novas e significativas, ele, motivado, provavelmente se lembrará e conseguirá aplicar os conhecimentos assim adquiridos (KING, 1993).

A metodologia *Flipped Classroom* foi esquematizada por Abeysekera e Dawson (2015), tal como reproduzido na Fig. 1, a seguir. Segundo esses autores, ao assumir o papel central no processo de aprendizagem, o aluno desenvolve seus sentidos de competência e autonomia, de relação entre o conhecimento e sua realidade. Esse desenvolvimento e esse conhecimento possibilitam que o aluno se motive, tanto intrínseca quanto extrinsecamente<sup>3</sup> e que melhor gerencie sua bagagem cognitiva.

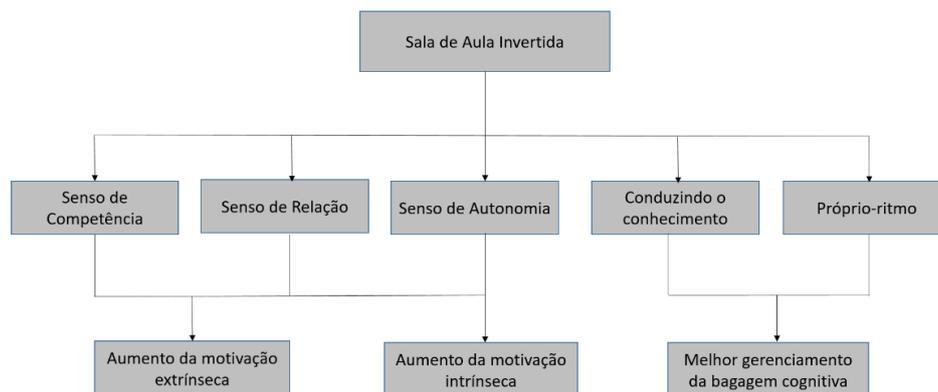


Figura 1. Flipped Classroom

Fonte: ABEYSEKERA; DAWSON (2015)<sup>4</sup>

Na adaptação da metodologia à realidade, na FACECA, ao invés dos professores prepararem e disponibilizarem o material ao aluno, o conteúdo proposto no Plano de Ensino da disciplina cursada foi dividido em partes, que foram trabalhadas em um número específico de encontros presenciais. Sugeriu-se, também, a bibliografia básica a ser pesquisada, como estratégia de incentivo à leitura.

Além disso, foi estabelecido um eixo norteador<sup>5</sup> das discussões, que objetivava levar o aluno a não apenas refletir sobre o conteúdo, mas estabelecer relações a partir dele. Dessa forma o aluno pode fazer algo com a informação e correlacioná-la com seus conhecimentos prévios. Mazur (1997) discorre sobre esse eixo norteador como uma *conceptual question*, que contribui para testar o entendimento dos alunos sobre o assunto estudado.

<sup>3</sup> Entende-se por Motivação Extrínseca aquela devida a uma recompensa externa, como, por exemplo, a aquisição de nota. Já a motivação intrínseca é aquela proveniente do próprio sentimento de competência (ABEYSEKERA; DAWSON, 2015).

<sup>4</sup> Versão traduzida sob responsabilidade do autor.

<sup>5</sup> A metodologia proposta pela FACECA prevê salas multidisciplinares, formadas por alunos em dependências em disciplinas correlatas. Portanto, e para incentivar o debate entre os alunos, estabeleceu-se a criação de um eixo norteador, um assunto discutido por todos e que possibilitou o estabelecimento de relações entre a teoria e a prática.

Essa troca, possibilitada pelas discussões sobre o eixo norteador estabelecido, constitui o “Peer Instruction”<sup>6</sup>, prática também prevista no modelo da Sala de Aula Invertida.

A adaptação da “Sala de Aula Invertida” à FACECA previu, portanto:

1. a divisão do conteúdo do Plano em Ensino em partes;
2. realização de reunião com alunos e professores, objetivando explicar o funcionamento da metodologia e conscientizar os discentes acerca do papel de protagonista que eles deveriam desempenhar nas aulas;
3. a disponibilização do Plano de Ensino ao aluno, bem como a indicação da bibliografia básica e complementar a ser consultada/estudada;
4. exposição do aluno, protagonista, do conteúdo estabelecido para o encontro. Tal ação objetivava verificar a apre(e)nsão do conteúdo e a capacidade do aluno em estabelecer as relações esperadas com o eixo norteador definido;

Caso o professor considerasse que o aluno dominou aquele conteúdo e que a metodologia produziu efeitos positivos sobre a aprendizagem, ele era “promovido” para a parte seguinte do Plano de Ensino, devendo estudá-la, prepará-la e apresentá-la no próximo encontro. Caso contrário, o aluno era instruído a retrabalhar o conteúdo e a apresentá-lo, num segundo momento<sup>7</sup>;

Ao final desse processo, havia a aplicação de uma avaliação escrita, uma verificação final da aprendizagem.

### 3 Método de pesquisa

Esta pesquisa, de caráter exploratório e qualitativo fundamentou-se em ampla pesquisa bibliográfica e de campo para avaliar os resultados da implementação da SAI na FACECA. Especificamente sobre a pesquisa de campo, aplicou-se questionário junto aos alunos que se submeteram a essa metodologia, disponibilizado pelo *Google Forms*.

O questionário utilizado dividiu-se em duas partes que objetivavam identificar os motivos que sustentariam a não aprovação em determinada disciplina do Curso de

---

<sup>6</sup> Mazur (1997) apresentou o resultado dos seus testes com o *Peer Instruction*, em um artigo intitulado *Peer Instruction: getting students to think in class*. Segundo o autor, quando os alunos tentam convencer uns aos outros de que a sua resposta para determinada questão é a correta, o nível de acerto final da sala é sempre maior do que sem a aplicação do método. Ele também atribui esse resultado ao fato de os alunos prestarem mais atenção, sendo “contagiantes” a energia e entusiasmo deles durante a atividade.

<sup>7</sup> A metodologia implantada pela FACECA previu, no mínimo, 10 encontros e, no máximo, 12. Portanto o aluno tinha a possibilidade de “falhar” 02 vezes.

Administração da FACECA e identificar se a metodologia adaptada e aplicada funcionou como esperado. A definição dessas perguntas baseou-se tanto nas teorias da Sala de Aula Invertida, bem como nos moldes implantados pela FACECA.

#### 4 Resultados observados

Apresentam-se, a seguir, as respostas atribuídas à parte do questionário, destinada a identificar se a metodologia adaptada e aplicada funcionou como esperado<sup>8</sup>.

**Pergunta 1:** Após cursar a(s) disciplina(s) acima relatada(s) na metodologia "Sala de Aula Invertida" você foi<sup>9</sup>:

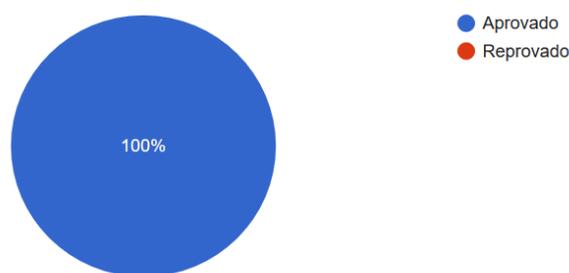


Gráfico 2 – Respostas levantadas para a pergunta 1 (aprovação após a aplicação da metodologia)  
Fonte: Google Formulários.

**Pergunta 2:** Caso você tenha sido aprovado, você afirmaria que a metodologia da "Sala de Aula Invertida" contribuiu para sua aprovação porque:

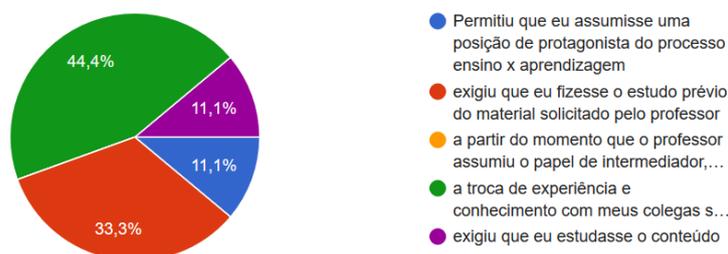


Gráfico 3 – Respostas levantadas para a pergunta 2 - Contribuição da metodologia para a aprovação do aluno  
Fonte: Google Formulários.

<sup>8</sup> As respostas à primeira parte do questionário já foram apresentadas na seção "Significando o fracasso escolar para a FACECA".

<sup>9</sup> Como, para a FACECA, essa é uma metodologia experimental e embasados no fato de que a metodologia interfere na aprendizagem, mas não é a única responsável pelo fracasso escolar, novas reprovações poderiam ocorrer.

A aprovação de 100% dos alunos, conforme demonstrado pelos resultados da pergunta 1, deveu-se, segundo os dados levantados, principalmente à troca de experiência com os colegas de sala (44,4%). Outro fator marcadamente responsável, foi a exigência do estudo prévio do material (33,3%), situação também previstas na metodologia da “Sala de Aula Invertida”, no modelo adotado pela FACECA.

Apesar do critério “permitiu que eu assumisse uma posição de protagonista” ter sido escolhido por apenas 11,1% dos alunos, as respostas à questão 3, transcrita abaixo, confirmou a importância dessa nova posição sujeito, assumida pelo aluno, forjada a partir de seu aparente engajamento na proposta da SAI. Ressalta-se a resposta que considerou a liberdade de expressão e à proximidade ao professor como determinantes à aprovação.

**Pergunta 3:** Aponte outras contribuições da metodologia "Sala de Aula Invertida" que você avalia como decisivas para sua aprovação.

Respostas registradas:

- O aprimoramento do meu conhecimento e a clareza como foi exposto o conteúdo.
- Ter menos alunos em sala de aula.
- Além de fazer um estudo prévio da matéria, e já ir para a aula sabendo, a troca de experiência com os colegas e o professor é muito significativa. Diria que até mais eficaz que a metodologia normal que é utilizada nas salas de aula.
- Domínio sobre o conteúdo para apresentação a todos os presentes em sala de aula.
- Ter que apresentar para a sala o conteúdo
- Era preciso fazer estudo em vários exemplares para aprofundar no conteúdo.
- Liberdade de expressão, melhor comunicação entre aluno x professor, estudo prévio do material solicitado.
- Estudo prévio do conteúdo solicitado.

**Pergunta 4:** você apontaria outras razões para sua aprovação? Registre-as a seguir (questão aberta).

Respostas registradas:

- Sim, a vontade de esclarecer as dúvidas dos amigos presente em sala.
- Aproveitava mais o professor para tirar dúvidas
- Não.
- A apresentação dos trabalhos diferenciados foi bem melhor, dando mais oportunidade de pesquisa para apresentação no dia.
- Trabalho em equipe.

Apesar das questões 3 e 4 solicitarem “outras razões”, as respostas podem ser agrupadas como dizendo respeito ao próprio *peer instruction* e ao papel de orientador, assumido pelo professor. O fato do aluno ter assumido o papel de protagonista do processo de ensino-aprendizagem, foi também constatado. Essas situações também são previstas na metodologia da SAI, bem como no modelo adaptado e implantado pela FACECA.

**Pergunta 5:** O espaço abaixo é livre para você registrar outras observações sobre a metodologia "Sala de Aula Invertida" (questão aberta). Respostas registradas:

- a. Uma metodologia diferente e bem aplicada e discutida pelo orientador.
- b. Uma metodologia muito eficaz, aprendi mais com a sala de aula invertida do que quando fiz a disciplina normal.
- c. Acho que aprendi mais com a sala de aula invertida, pois era preciso pesquisar cada assunto em um determinado tempo! Super apoio.
- d. Sala de Aula Invertida é uma maneira do aluno expor mais sua opinião e ter mais comunicação com o professor.
- e. Aulas são mais dinâmicas.

As respostas aqui transcritas mostram que, na opinião dos alunos, o método proposto funcionou, resultando em 100% de aprovação.

### **Considerações finais**

Após análise das informações, percebe-se que a metodologia da Sala de Aula Invertida, nos moldes adotados pela FACECA, resultou em uma redução extremamente significativa do fracasso escolar no seu curso de Administração. Os principais motivos apontados pelos alunos são: o estudo prévio do conteúdo, o fato de terem assumido o papel de protagonistas do processo de ensino-aprendizagem e o

*peer instruction*, ou seja, os alunos ajudando-se mutuamente a entender e aplicar o conteúdo.

Tal resultado vem ao encontro com as pesquisas de Tune, Sturek e Basile (2013) e Touchton (2015), que já haviam estudado a aplicabilidade desse método em várias disciplinas de vários cursos.

Especificamente sobre as hipóteses elencadas para este artigo, quanto à suposição de que a metodologia contribuiu para o sucesso escolar, recuperando alunos do Curso de Administração que se encontravam em dependência e que esse resultado provavelmente deveu-se ao fato de que os alunos foram levados a estudar antecipadamente os conteúdos e participar ativamente da aula, não se comportando apenas como o tradicional ouvinte, seguindo metodologias convencionais, essa hipótese mostrou-se verdadeira.

Verdadeira também, após os dados levantados, é a hipótese de que o sucesso escolar pode ser construído a partir de discussões, debates (*peer instruction*), aplicação da teoria em assuntos empresariais e do dia a dia dos alunos (eixos norteadores) e na prática intermediada pelo professor responsável pelo experimento.

Concluimos que a Metodologia da Sala de Aula Invertida pode, de fato, contribuir para que o aluno se motive a realizar os estudos prévios, discuti-los e auxiliar os colegas em seus percursos de aprendizagem, mostrando-se decisiva para a diminuição do fracasso escolar no contexto estudado.

## Referências

ABEYSEKERA, L.; DAWSON, P. **Motivation and cognitive load in the flipped classroom**: definition, rationale and a call for research. New York, 2015. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/figure/10.1080/07294360.2014.934336?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em 04 nov. 2016.

ARANHA, M.L.A. **História da Educação e da Pedagogia**: geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, M. G. **Fracasso-Sucesso**: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. Brasília: INEP, 1992. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1834/1805>. Acesso em 03 dez. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº 4**: Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração. Brasília: MEC, 2005. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf). Acesso em 29 nov. 2016.

FACECA. **Projeto Político-pedagógico do Curso de Administração**. Varginha: FACECA, 2012. Disponível em: [www.cne.faceca.br](http://www.cne.faceca.br). Acesso em 30 out. 2016.

FERREIRA, A.C.; OLIVEIRA, B.J. **Epistemologia do Professor**. Belo Horizonte: Veredas, 2005. (Módulo 7, Vol. 1.)

KING, A. From Sage on the Stage to Guide on the Side. **College Teaching**. 41:1, 30-35. Londres, 1993. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/87567555.1993.9926781?journalCode=vc0l20>. Acesso em 04 nov. 2016.

LEBER, V.M.S. **Revisitando a pedagogia Freinet: contribuições para o processo de aprendizagem da língua materna**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/91238>. Acesso em 02 dez. 2016.

MAZUR, E. **Peer Instruction: getting students to think in class**. [Periódico]. Harvard University, Cambridge, 1997. Disponível em: [http://generative.edb.utexas.edu/classes/2007CISpring/CIreadings/02A/peer%20instruction/Mazur\\_1997%20Peer%20Instruction.pdf](http://generative.edb.utexas.edu/classes/2007CISpring/CIreadings/02A/peer%20instruction/Mazur_1997%20Peer%20Instruction.pdf). Acesso em 04 dez. 2016.

SANTOS, E.C. **Formação de professores no contexto das propostas pedagógicas de Rudolf Steiner (pedagogia Waldorf), Maria Montessori e da experiência da Escola da Ponte**. 2015. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132194>. Acesso em 02 nov. 2016.

SPITZCOVSKY, D. **Metodologia de ensino utilizada nas escolas brasileiras**. [Periódico]. 2015. Disponível em: <http://canaldoensino.com.br/blog/metodologia-de-ensino-utilizada-nas-escolas-brasileiras>. Acesso em 07 set. 2016.

TOUCHTON, M. **Flipping the classroom and student performance in advanced statistics: evidence from a quasi-experiment**. [Periódico]. Boise State University, EUA, 2015. Disponível em: [http://scholarworks.boisestate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1150&context=polsci\\_facpubs](http://scholarworks.boisestate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1150&context=polsci_facpubs). Acesso em 05 nov. 2016.

TUNE, J.D.; STUREK, M.; BASILE, D. P. **Flipped classroom model improves graduate student performance in cardiovascular, respiratory, and renal physiology**. [Periódico]. Bethesda, 2013. Disponível em: <http://advan.physiology.org/content/ajpadvan/37/4/316.full.pdf>. Acesso em 05 nov. 2016.

VALENTE, J.A. **Blended Learning e as Mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala de aula invertida**. Educar em Revista, UFPR, Curitiba, 4ª. ed., 2014.

Disponível em <http://www.pucpr.br/arquivosUpload/5379833311461697514.pdf>.  
Acesso em 05 dez.2016.

VIANA, L.C.A.. *et al.* **Proposta de uma metodologia de avaliação de ambientes educacionais a distância baseado em concepções pedagógicas.**

Volta Redonda: UFF, 2012. Disponível em:

<http://www2.ic.uff.br/~mguelpeli/Arquivos/Artigo10.pdf> . Acesso em 02 dez. 2016.

Artigo recebido em: 13/04/2018

Aprovação final: 07/12/2018

## DAS POSIÇÕES DISCURSIVAS ÀS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM CENAS DO FILME COMO ESTRELAS NA TERRA – TODA CRIANÇA É ESPECIAL

Miriã Costalonga Mac-Intyer Siqueira<sup>1</sup>

### Resumo:

*A linguagem constitui o sujeito que está imerso nas mais diversas atividades humanas. Nessa perspectiva atentamos para a análise da constituição do sujeito discursivo numa instância de fundamental relevância social: o contexto escolar. Espaço este, repleto de discursos contraditórios dos quais podem se revelar diferentes efeitos de sentido. Uma temática amplamente discutida nos mais diversos meios de interação social. Escolhemos como corpus para este estudo recortes de cenas do filme Como estrelas na Terra – toda criança é especial. Nas análises buscamos deflagrar os efeitos de sentidos dos dizeres dos sujeitos educadores nas práticas em sala de aula, dos quais emergem as posições discursivas e as diferentes tendências pedagógicas em que estão alinhados.*

**Palavras-chave:** *Posições discursivas; Sujeitos educadores; Tendências pedagógicas.*

### Abstract:

*Language is the subject that is immersed in the most diverse human activities. From this perspective, we analyze the constitution of the discursive subject in an instance of fundamental social relevance: the school context. This space is full of contradictory discourses from which different effects of meaning may be revealed. A theme widely discussed in the most diverse means of social interaction. We chose as a corpus for this study clippings from scenes from the movie Like Stars on Earth - every child is special. In the analysis we seek to trigger the effects of the meanings of the words of the educating subjects in the classroom practices, from which the discursive positions emerge and the different pedagogical tendencies in which they are aligned.*

**Keywords:** *Discursive positions; Educational subjects; Pedagogical trends.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras/Linguística e Pedagoga. Universidade Vale do Rio Verde (UNICOR). Contato: [mmcostalonga@yahoo.com.br](mailto:mmcostalonga@yahoo.com.br).

## Introdução

A linguagem constitui o sujeito que está inserido nas interações sociais em qualquer campo das atividades humanas. A formação humana, em todas as suas etapas, está atrelada ao funcionamento da linguagem nas/pelas interações languageiras, na qual está intrínseco o contexto sócio-histórico. Refletir sobre o funcionamento da linguagem é ao mesmo tempo aprofundar sobre as questões da constituição do sujeito, sua língua, sua história. A linguagem já traz implícita uma ideia carregada de sentido que revelam as posições discursivas dos sujeitos, mesmo que ele não tenha consciência disso.

A Análise do Discurso, ancorada nos pressupostos de Pêcheux (1969, 1975, 1983) atenta para produção de sentido que constitui o sujeito, considerando a língua e o materialismo histórico. Os dizeres remetem aos efeitos que constitui o sentido e está atrelada a uma matriz proveniente da memória discursiva. São sentidos que interpelam os sujeitos formando seu discurso

[...] nesse prisma, não é o sujeito que fala a língua, mas sim a língua que fala e (d)enuncia o posicionamento do sujeito enunciado, uma vez que aponta para as formações ideológicas e para os vários discursos que legitimam seu dizer (CAVALLARI apud FERREIRA; ORLANDI, 2014, p. 17)

Entende-se que os enunciados não são constituídos por palavras soltas, mas estão alinhadas a um fio discursivo que produz um sentido e não outro; vai depender das diferentes formações discursivas em os sujeitos estão inscritos.

Nesse sentido, ao iniciar os estudos linguísticos sobre a complexidade do funcionamento da linguagem nas atividades humanas, a autora desse trabalho, que há alguns anos atua como pedagoga, se vê impulsionada a estudar sobre o assunto de interesse - a prática discursiva dos sujeitos educadores.

Nesse viés, esse estudo é parte da pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar os efeitos de sentido deflagrados nos enunciados dos personagens de um filme para compreender as posições assumidas pelos sujeitos educadores nos/pelos seus discursos. Um estudo norteado pela seguinte questão: Como as posições discursivas dos sujeitos educadores, inscritas numa determinada formação podem orientar para determinadas tendências pedagógicas?

Para analisar e compreender as práticas discursivas dos sujeitos educadores, escolhemos alguns recortes do filme *Como estrelas na terra – toda criança é*

*especial. Uma narrativa permeada por discursos contraditórios, que de certa forma pode representar o espaço escolar e os discursos do contexto educacional.*

O filme foi lançado na Índia em 2007, dirigido pelo ator e produtor *Aamir Khan*. Trata-se da história de um menino chamado Ishaan Awasthi, que está cursando o terceiro ano do Ensino Fundamental e apresenta um quadro de dislexia, mas suas limitações são desconsideradas por seus pais e professores, os quais o julgam como preguiçoso, desatento e indisciplinado. Assim, Ishaan enfrenta problemas nas interações escolares, sendo discriminado e humilhado, até que um professor de artes, substituto, ingressa na escola com um discurso diferenciado e promove embates e interações importantes no cenário daquela instituição, provocando mudanças significativas.

Vemos que muitas produções cinematográficas nacionais ou internacionais tratam de reflexões sobre o papel da escola, papel do professor, do aluno, do sistema educacional. São curtas e longas metragem que abordam a temática da educação sobre diversas facetas, procurando refletir sobre a prática educativa no século XXI. Percebemos que já é de longas décadas que o modelo tradicional de educação reproduzido pelas escolas do século XVIII vem sendo questionado e retratado nos mais diversos espaços de interação social.

## **1. Apontamentos teóricos**

A Análise do Discurso considera que o uso da linguagem em todas as atividades humanas é constituído por “linhas de demarcações” discursivas estabelecidas pelo interdiscurso, ou seja, pelos efeitos do “pré-construído” e da “articulação” (PÊCHEUX, 2014, p. 197), imbricados nas condições de produção, no interior das formações discursivas. Na linguagem em uso, o discurso, como produção de sentido, revela-se no movimento da linguagem, tendo em vista seu interior e sua exterioridade a partir da condição histórica e da posição do sujeito. No discurso, estão ocultos os sentidos, que podem esclarecer o funcionamento da linguagem. Ao analisar o discurso, podemos perceber que

[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras expressões e proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 2014, p. 149).

Para desvendar os implícitos presentes no discurso, é preciso compreender a não transparência da linguagem. Nessa linha, afastamo-nos de uma visão da linguagem homogênea, na qual o discurso ideal é padronizado e despreza a diversidade da produção de sentidos, e, passamos a entender que o sujeito se constitui pela heterogeneidade da linguagem, ou seja, por meio da interação com o outro no seu contexto histórico.

O sujeito do discurso está inserido nas situações de linguagem que se dão em todas as atividades humanas e, por meio dessa interação, acaba sendo determinado por uma formação discursiva, que conduz a produção de sentido do seu dizer. Sendo assim,

[...] o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2006, p. 122).

Nessa perspectiva, percebemos que os sujeitos constituídos pela linguagem assumem diferentes posições, um processo que se evidencia no espaço instituído para a formação e a apropriação de conhecimentos. Nas interações languageiras do contexto escolar, podemos perceber práticas discursivas diferenciadas, representadas pelas formações discursivas em que os sujeitos estão alinhados.

O sujeito do discurso se posiciona a partir da interpelação ideológica e do sentido representado pelo interdiscurso, evidenciando a modalidade discursiva em que se inscreve. O sujeito não é dono do seu dizer. Seu dizer está atrelado às dimensões sociais, históricas e ideológicas, bem como às formações discursivas. Há uma representação imaginária e identitária constitutiva do discurso do sujeito.

**Sujeito do discurso – Assujeitamento**

Fonte: Elaborado pela autora.

Os sujeitos podem representar as relações imaginárias, ligadas à forma de produção de trabalho constituída na sociedade. Cabe destacar que existe um lugar social estabelecido que autoriza o dizer do sujeito, num determinado espaço, sem que ele tenha conhecimento disso. Ele pode apresentar uma ideia já estabelecida historicamente, repetindo o “já sempre aí” (PÊCHEUX, 2014, p. 203) ou reformulando-a com outros sentidos.

Os discursos podem ser “conduzidos a isolar, no campo, *espaços discursivos*, isto é, subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 35. Grifo do autor). Como podemos notar, os discursos dos sujeitos representados no recorte desta pesquisa fazem referência ao campo discursivo pedagógico. Um campo pedagógico que se subdivide em diversas tendências, ou seja, há um movimento discursivo determinado historicamente que provoca mudanças. Exemplificando, dos deslocamentos da tendência pedagógica tradicional surgem outras tendências pedagógicas.

Nessa instância, outros campos discursivos emergem, originando subconjuntos: as formações discursivas constituídas pelas diferentes tendências pedagógicas. Uma tendência surge a partir da dependência de outra, em contradição e em defesa de novas ideias, ou seja, no mesmo campo discursivo, os sujeitos pronunciam enunciados a partir de diferentes concepções.

No contexto educacional, percebemos um cenário em constante mudança, caracterizado por distintas tendências pedagógicas que interpelam os sujeitos educadores. Podemos apontar, de forma sucinta, as principais características dessas

duas tendências. A pedagogia liberal que “sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar o indivíduo para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais” (LIBÂNEO, 1990, p. 21) e a pedagogia progressista que se relaciona às finalidades sociopolíticas da educação considerando o sujeito histórico e as transformações sociais (LIBÂNEO, 1990, p. 22).

Nesse sentido, as políticas educacionais começam a conceber o conhecimento como uma ação que se dá entre o sujeito e o objeto, pela mediação de uma proposta pedagógica que contempla o aluno como um ser integral, considerando os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais importantes para o seu desenvolvimento.

Dessa forma, fazendo uma associação entre os discursos dos sujeitos educadores do *corpus* analisado e essas concepções, ou seja, com essas tendências, podemos perceber que, de certa forma, os sentidos estão bem demarcados nos conjuntos dos enunciados, revelando como as posições discursivas se vinculam distintamente a uma determinada formação discursiva.

## 2. Fragmentos analíticos

Na primeira cena temos um professor veterano do colégio interno na aula de português abordando um tema específico: poesia. Na segunda cena o professor substituto abordando o assunto da dislexia, utilizando estratégias diversificadas sem apresentar o nome específico do distúrbio da linguagem.

### CENA 1 – Prática discursiva do professor veterano – aula de português



Fonte: Imagem do filme aos 57 min

**Prática discursiva – representação da tendência liberal**

PR: esse aqui é Ishaan Nandskishore Washi... venha aqui pra frente... com sua mochila... de agora em diante seu lugar é aqui na minha frente... ao lado de Rajan Damodaran... Rajan Damodaran é sempre o primeiro da turma... sua companhia vai lhe fazer bem... entendeu... sente-se... o tema de hoje é interpretação de poesia... página vinte oito... “Perspectiva”... Rajan Damodaran.... você vai recitar o poema... e Ishaan Nadskhore Washi... vai interpretá-lo... certo? Vá em frente Rajan

RJ: “perspectiva” “quando olho de cima... você é um pedaço de céu cheio de nuvens... até aparecer um elefante sedento ou meus amigos pularem... talvez uma buzina de bicicleta ou um pedregulho ou dois... até a bengala de um cego serve... então a imagem se dissipa... e você torna-se rio outra vez”.

PR: ((sorrindo)) excelente... ((sério)) agora Ishaan explique o significado do poema...

IS: ((põe-se em pé e diz)) bem eu acho que... o que não vemos não sentimos... mas às vezes... o que vemos na verdade não é... e... o que não vemos... na verdade é... quero dizer...

PR: o que são todos esses “é”? não é? ((os alunos riem)) Mini Patel ... explique...

MP: ((põe-se em pé e responde em alto tom)) O poeta diz que quando vê o rio... vê o céu refletido... usando diferentes objetos ele destrói os reflexos... e percebe então que é um rio... ((Ishaan senta-se com expressão triste))

RJ: ((o colega de Ishaan diz para ele)) você explicou o verdadeiro significado do poema... o senhor Tiwari é muito exigente... lembre-se do que ele diz e imite-o...

Legenda: PR: professor Tiwari ; RJ: aluno Rajan; IS: aluno Ishaan; MP: aluno Minu Patel.

Percebemos que o professor apresenta Ishaan e pede para que se assente ao lado Rajan, referindo-o como “sempre primeiro aluno da turma” categorizando-o como melhor diante dos outros. Revela em seu enunciado o estereótipo de um aluno que corresponde ao fator de excelência, exigido pela avaliação classificatória que diferencia alunos bons e ruins a partir dos pré-requisitos já estipulados. Segundo Perrenoud (1999, p. 66) essa prática está fundamentada numa avaliação normativa e comparativa. O dizer desse professor se alinha a um discurso da prática avaliativa tradicional que prioriza o conteúdo e não as habilidades e desenvolvimento processual do aluno, ou seja, há comparações entre os alunos e não a observação do processo de desenvolvimento do aluno.

Assim, o enunciado do professor, ao categorizar o aluno diante de todos, mobiliza uma memória discursiva do ensino tradicional, pois “tradicionalmente a avaliação escolar é associada à hierarquização de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos” (PERRENOUD, 1999, p. 11). E,

conforme já vimos, essa memória corresponde a um fio discursivo ancorado a uma formação discursiva e ideológica determinando o que ele diz.

Ao demonstrar a visível aparência de alegria com a leitura feita pelo o aluno Rajan, talvez por ser “o primeiro da turma”, o professor volta-se com a feição séria para Ishaan e pede para explicar o significado da poesia, demonstrando no seu modo de dizer evidenciando certa preferência.

O professor não gosta da resposta e questiona “o que são todos esses “é”? e “não””, recorrendo às perguntas retóricas que, em sua estrutura, mobilizam memória discursiva do discurso homogêneo, pois admite somente uma forma de interpretação, ou seja, a resposta previamente padronizada, característica de uma proposta das atividades para resultados já pré-estabelecidos. Apesar da interpretação feita por Ishaan ter certa coerência, é imediatamente rejeitada pelo professor, pois não corresponde à resposta prevista por ele. Prevalece, assim, a interpretação única do texto literário, já pronta normatizada. Bem como o colega do Ishaan disse, “você explicou o verdadeiro significado do poema”, mas deveria ter reproduzido o que como o professor queria, imitando-o. Como a resposta não correspondeu, em sua formulação, à pré-estabelecida pelo professor, foi refutada, julgada e ridicularizada diante dos colegas, atribuindo a ele um estereótipo de incompetente, reforçando o estigma que já vinha sofrendo em sua vida escolar. Segundo Perrenoud, “a avaliação inflama necessariamente as paixões, já que estigmatiza a ignorância de alguns para melhor celebrar a excelência de outros” (PERRENOUD, 1999, p. 9).

Pelo imaginário social, o discurso reproduz a concepção pedagógica que privilegia o desenvolvimento cognitivo do aluno, criando parâmetros ideais para formar o aluno ideal. No entanto, em diversos enunciados do professor nessa cena (“excelente!”, uma *exclamação* que representa uma valoração, um julgamento que encontra no professor a posição privilegiada de avaliação; e “Ishaan, explique o significado do poema...”, uma *injunção* que prevê como resposta um gesto de interpretação único), uma memória discursiva é manifestada, ancorada na educação tradicional que valoriza o acúmulo de informações e a aquisição de conteúdos para alunos ideais e não alunos reais constituídos pelas dimensões sócio-históricas. Essa é uma herança histórica que aponta para uma determinada ideologia. Todos os alunos são testados a partir de um parâmetro determinado, desconsiderando o desenvolvimento integral do aluno e os demais aspectos sociais, culturais e históricos. Há uma fragmentação do conteúdo estudado em relação ao contexto social e real do

aluno, distanciando assim das práticas discursivas pedagógicas que promovem a aprendizagem significativa e contextualizada<sup>2</sup>.

Dessa forma, quando o professor se mostra indiferente ao dizer do aluno, tanto nas atividades específicas quanto na interação com o aluno acentua-se uma postura de julgamento, uma visão estereotipada, conforme a prática avaliativa tradicional que “não satisfeita em criar fracasso, empobrece as aprendizagens e induz, nos professores, didáticas conservadoras e, nos alunos, estratégias utilitaristas” (PERRENOUD, 1999, p. 18).

Compreendemos que os enunciados do professor no fragmento acima remetem às repetições dos efeitos de sentidos já pré-existentes, ou seja, de práticas pedagógicas repetitivas valorizando a homogeneidade. Uma tendência que condiz com a prática política burguesa elencada por Pêcheux (2014, p. 203), do lugar da política na “pedagogia”, uma prática pedagógica burguesa assumindo as formas do realismo metafísico e do empirismo lógico. Quando o professor segue a mesma postura arbitrária e não reconhece outras possibilidades de interpretar o poema, assume uma prática pedagógica pela qual o conhecimento tem um viés voltado para o efeito ideológico do sistema instituindo a transmissão do conteúdo pela “convenção arbitrária” e não como produção social do conhecimento.

Nesse sentido, a prática do discurso autoritário que perpassa as práticas da avaliação da aprendizagem reforça os lugares de hierarquia na escola, “essas hierarquias têm em comum mais informar sobre a posição de um aluno, em grupo ou sobre sua distância relativa à norma de excelência, do que sobre o conteúdo de seus conhecimentos e competências” (PERRENOUD, 1999, p.12).

São evidentes as formações imaginárias das posições que cada sujeito ocupa, o professor é detentor da palavra e o aluno não sabe nada, não tem espaço para se posicionar, é passivo e dependente. Da autoridade da posição do professor emerge valoração classificatória e excludente, onde acentua-se o erro diante do padrão da excelência, a ideologia da subordinação e desigualdade.

Podemos também destacar que o sujeito professor adota consciente ou inconscientemente uma representação social, engajada pelas normas institucionais ou pela identificação de um grupo direciona seu posicionamento e conseqüentemente sua identidade discursiva.

---

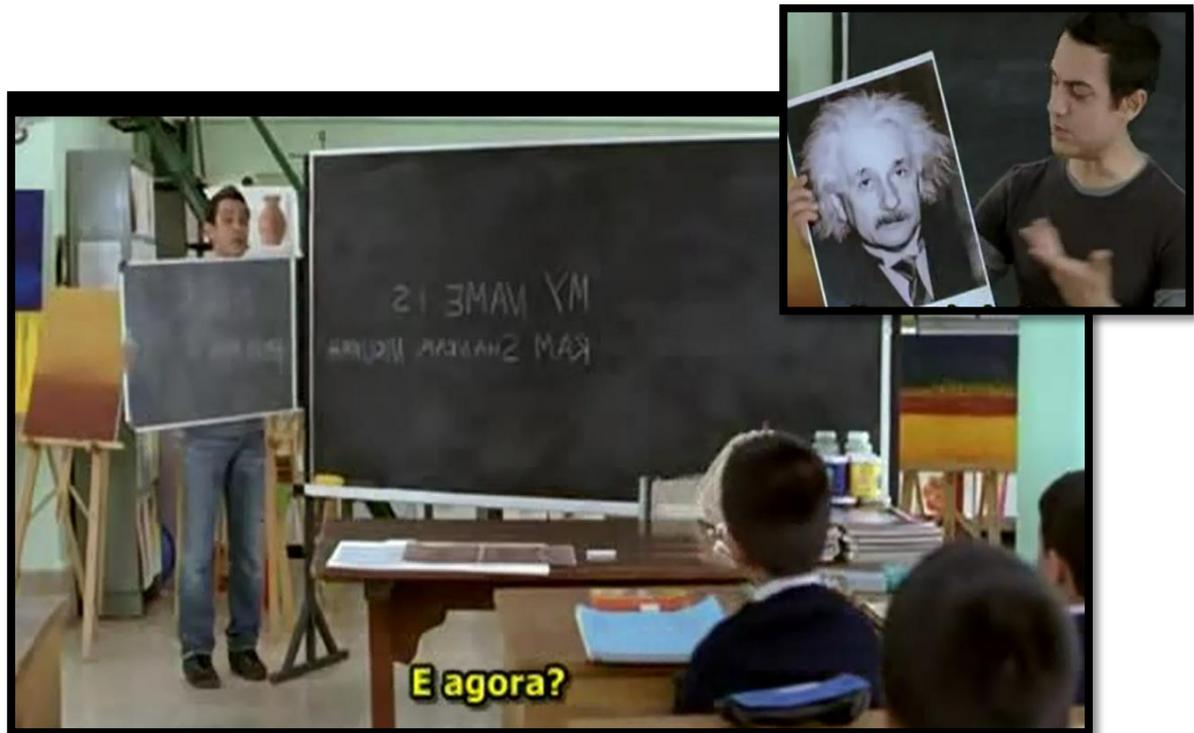
<sup>2</sup> Uma das diversas práticas pedagógicas que se encontram no decorrer da História.

A condição de produção do discurso do professor na cena deste fragmento está associada às posições discursivas constituídas pelas formações imaginárias, quer dizer, à sua posição como professor; à sua posição como sujeito interlocutor e com o objeto do discurso. O dizer e o modo como o professor diz “venha aqui pra frente... com sua mochila... de agora em diante seu lugar é aqui na minha frente... ao lado de Rajan Damodaran... Rajan Damodaran é sempre o primeiro da turma... o que são todos esses “é”? não é? está relacionado à posição que ele ocupa como professor que segue a tendência conservadora. Ele constrói a imagem de um aluno limitado e incapaz por causa de sua dificuldade. Compara o aluno explicitamente com base nos padrões desconsiderando a diversidade, se vinculando à concepção de sala homogênea e em relação ao conteúdo pedagógico mantém a interpretação fixa e normatizada sobre a interpretação da poesia, rejeitando outra possibilidade de sentido. O dizer do professor está vinculado a uma identidade enunciativa, engajada numa prática política que defende uma formação ideológica, uma prática política pedagógica da evidência, do sempre-já-aí. Dessa forma

[...] estão sendo confundidas a prática de produção dos conhecimentos e a prática de transmissão-reprodução desses conhecimentos, e sendo evitado o ponto – crucial, a nosso ver – da não existência de qualquer *começo* pedagógico (não existência que é mascarada por certas “evidências”, como a do ingresso das crianças na escola). O reconhecimento desse ponto crucial nos permite compreender que todo efeito pedagógico se apóia sobre “o sentido” pré-existente, sentido este produzido em formações discursivas “sempre-já-aí” e que lhe serve de matéria prima [...] isto significa que toda pedagogia supõe um “ir a fundo à questão”, que faz com que se possa falar do começo uma vez que se tenha “começado”- quando, na verdade, cada sujeito já começou desde sempre -, de modo que essa questão, que é a forma específica do “efeito Munchhausen” no domínio da apropriação subjetiva dos conhecimentos, designa o lugar da política na “pedagogia” (PÉCHEUX, 2014, p. 203).

As características identitárias do sujeito educador podem demarcar diferenças em sua prática discursiva, revelando assim uma atividade de simbolização representacional e um imaginário sociodiscursivo que o coloca numa posição, no lugar político e pedagógico. O sujeito professor demarcam nos enunciados os efeitos de sentidos incorporando o pré-construído retomando a mesma formação discursiva atrelada um determinado tempo e história da conjuntura educacional.

**CENA 2 - Prática discursiva do professor substituto - aula de artes**



Fonte: Imagem do filme às 1h 51min.

**Prática discursiva – representação da tendência progressista**

PN: Amigos...hoje irei contar uma história ((os alunos gritam entusiasmados)) de um garoto ((olha para Ishaan)) era uma vez um garoto... não me pergunte onde... ((conta, andando pela sala entusiasmado, dá uma olhadinha discreta para Ishaan)) que não sabia ler ou escrever... mesmo tentando muito ele não conseguia lembrar que o B vem depois do A para fechar... as palavras eram suas inimigas... dançavam feito formigas... assustando-o e atormentando-o... ((os alunos riem e Ishaan fica de cabeça baixa))... os estudos causavam terror...mas quem compartilharia sua dor? Seu cérebro estava meio... nada fazia sentido no meio... o alfabeto dançava em devaneio...certo dia o pobre garoto falha e nos estudos desmorona... todos riram em sua cara... mas sua coragem ninguém arrancava... e um dia ele achou ouro... o mundo ficou maravilhado com a teoria que ele contou... podem adivinhar quem é ele?

((o professor mostra um retrato grande de Albert Einstein))

RJ: ALBERT EINSTEIN ((Ishaan olha rapidamente admirado, passa a olhar para o professor e prestar atenção na história que o professor está contando))

PN : Correto, Rajan. Albert Einstein... Um grande cientista... o homem sacudiu o mundo com sua teoria da relatividade... (...) pelo qual recebeu o prêmio Nobel em 1921.

Agora... o que é isso?

AL: UM HELICÓPTERO...

PN: não é qualquer helicóptero... o grande artista-inventor Leonardo da Vinci... quem?

AL: Leonardo da Vinci.

PN: ele inventou isso aqui... um esboço de um helicóptero... sabe quando... no século XI... quatrocentos anos antes do primeiro helicóptero levantar voo... mas Leonardo da Vinci tinha dificuldade de escrever... ele escrevia mais ou menos assim... ((vai ao quadro e escreve as palavras espelhadas, Ishaan olha assustado e os outros alunos ficam balbuciando tentando ler o que o professor escreveu)) conseguem ler?

AL: não ((professor afasta um pouco o quadro para diagonal e coloca o espelho do lado para refletir a imagem do que está escrito))

PN: e agora?

AL: MY NAME IS RAM SHANKAR NINKUMBH... HEHEHE ((batem palmas, felizes pelo evento))

Legenda: PN: professor Ninkumbh, professor recém-chegado à escola, AL: alunos, RJ: Rajan, colega mais próximo de Ishaan

Esta cena é auge<sup>3</sup> da narrativa fílmica, pois representa o momento em que o professor Ninkumbh consegue estabelecer uma interação com o aluno Ishaan, pois até o presente momento ele estava deprimido e cabisbaixo.

O professor substituto, oriundo de uma escola de prática inclusiva, tem seus enunciados alinhados a uma formação discursiva que contempla a diversidade, o discurso que contempla a diversidade, ou seja, a uma linguagem heterogênea. Por fazer parte de sua experiência profissional com o trabalho na escola para crianças especiais, a condição de produção de seu discurso abre espaço para o discurso do outro. Nesse sentido, o processo de produção das formações discursivas não é evidente e natural, neles evidenciam-se as falhas e deslocamentos. Entre os processos das ideologias há um espaço que possibilita que o sujeito se aproprie e se reinscreva em outra formação discursiva e constitua uma nova forma-sujeito.

Podemos perceber os efeitos de sentido que emergem na prática discursiva do professor ao contar a história: o diagnóstico planejado feito antecipadamente, o conhecimento sobre as características de uma criança com dislexia, a competente estratégia de criar expectativa, a contextualização do tema e a realidade, a fundamentação teórica ou científica utilizada. Os enunciados que constituíram a história, remetem a um posicionamento atrelado ao viés da prática social, que ao incluir o aluno atinge aos outros, promovendo um discurso significativo na produção

<sup>3</sup> Considera-se auge porque é o momento que a prática discursiva do professor produz sentido para o aluno. Até aquele momento o fazer pedagógico estava distante de sua realidade, os dizeres dos professores não faziam sentido, sua limitação era acentuada e a causa do corte dessa interação.

A aprendizagem torna-se significativa no momento em que o dizer tem sentido na relação professor-aluno.

do conhecimento social, pela prática que integra a ciência e a prática política. Vemos, dessa forma, a concepção voltada pelo interdiscurso de sua formação profissional que atenta para a diversidade valoriza o diagnóstico, uma avaliação com um novo sentido, a ruptura da avaliação somatória, classificatória para a formativa e processual.

Nessa tomada de posição o professor prioriza o desenvolvimento integral do aluno e não somente o cognitivo, considera-se as diferentes habilidades e promove uma intervenção pedagógica contínua e mais próxima do aluno.

Nota-se que o professor adota uma postura de avaliação formativa, quando atenta para as limitações do aluno, não o estigmatizando e comparando com os demais, mas buscando informações que direcionam o processo pedagógico possibilitando uma intervenção coerente com a necessidade do aluno. Ao apontar os estudos de grandes cientistas, de pessoas do contexto histórico que também apresentavam um quadro de dislexia, o professor valoriza o conhecimento científico para fundamentar o que acredita e o que argumenta a favor do aluno.

Essas performances inclusivas apontam para uma prática discursiva que se alinha tanto à ciência quanto à política, pois recorre aos estudos científicos e a luta pela prática política considerando o sujeito social e histórico. O sujeito do discurso ao ser interpelado pelo interdiscurso revela a formação discursiva que constitui o efeito da forma-sujeito. Os efeitos de sentidos podem ser deflagrados à medida que o fio discursivo aponta para uma determinada formação ideológica.

### **Considerações finais**

O estudo possibilitou a compreensão de como a linguagem está associada à constituição do sujeito. Entendemos que o sujeito está submetido à dimensão da linguagem ao ser interpelado pelas condições de produção do seu discurso, considerando os aspectos sociais, históricos e ideológicos. Assim, o indivíduo deixa de ser um sujeito empírico e passa a ser constituído discursivamente pelo assujeitamento das formações discursivas e ideológicas.

A linguagem passa a adquirir efeitos de sentido específicos na enunciação a partir dos lugares sócio-históricos de fala. Os diferentes sentidos produzidos são decorrentes de suas filiações discursivas, que vão desde o pré-existente, o sempre-já-aí, às articulações com outros dizeres, o interdiscurso.

Numa perspectiva, o professor é detentor da palavra; em outra, há uma valorização da participação do aluno, quer dizer que a prática discursiva pedagógica

do educador na pode orientar para diferentes efeitos de sentidos, ou manter-se atrelado ao discurso do sistema e parâmetros a ser seguido ou contextualizar ao sujeito a sua linguagem e a sua história. O processo avaliativo faz transparecer a construção da imagem dos sujeitos envolvidos “e está no âmago [a parte mais íntima ou fundamental; a essência] das contradições do sistema educativo, constantemente na articulação da seleção e da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades” (PERRENOUD, 1999, p. 10).

Podemos, dessa forma, depreender que os posicionamentos estão vinculados às formações discursivas e ideológicas, e ao demarcar as posições discursivas deflagramos a que as suas práticas estão alinhadas a uma determinada tendência pedagógica.

## Referências

FERREIRA, Eliana Lucia. ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs). **Discurso sobre inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014. 286p.

KHAN, Aamir. **Como estrelas na Terra**: toda criança é especial (2h42min.25s). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=8TC\\_iFnzdIE](http://www.youtube.com/watch?v=8TC_iFnzdIE)>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. II. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. (1975) Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento (1983). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Artigo recebido em: 18/04/2018

Aprovação final: 07/12/2018

## CORPO-SUJEITO-DISCURSO: REFLEXÕES INICIAIS

Aline Bedin Jordão<sup>1</sup>

### Resumo:

*O presente artigo, inscrito nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, traz à baila algumas reflexões sobre as relações entre sujeito, corpo e discurso. Propõe-se uma discussão acerca do corpo enquanto materialidade discursiva e objeto simbólico, configurando-se como uma superfície de inscrição que dá a ver o que é da ordem do sujeito e dos atravessamentos do exterior que o constitui, em especial no que tange ao indizível e ao inominável. Aponta-se para a relevância de considerar os efeitos das condições de produção contemporâneas nos discursos do/sobre o corpo, bem como sobre o lugar da imagem do corpo e ao que ela comumente se encarrega. Exemplos disso são a suspensão da exposição “Queermuseu” e as manifestações de sofrimento psíquico em relevo na atualidade, como as automutilações. Afirmando as possibilidades de os sentidos desdobrarem-se e deslizarem através do corpo, afirma-se a importância de problematizar o que o corpo e sua imagem põem em cena em seu estatuto discursivo.*

**Palavras-chave:** *Corpo; Sujeito; Discurso; Análise de Discurso; Psicanálise.*

### Abstract:

*This article, enrolled in the theoretical assumptions of Discourse Analysis, brings to light some reflections about the relations between subject, body and discourse. The discussion here proposed it is about the body as a discursive materiality and symbolic object, configuring and setting itself as a surface of inscription that shows what it belongs in the order of the subject and the crossings of the exterior that constitutes it, especially in regard to the unspeakable and the nameless. The relevance of considering the effects of contemporary production conditions on the discourses of the body as well as on the place of the image of the body and what it is commonly handled is pointed out. Examples of this are the suspension of the exhibition "Queermuseu" and the manifestations of psychic suffering in the present day, such as self-mutilation. Affirming the possibilities of the senses unfolding and sliding through the body, one affirms the importance of problematizing what the body and its image put into the scene in its discursive status.*

**Keywords:** *Body; Subject; Discourse; Discourse analysis; Psychoanalysis.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos, filiada à linha de pesquisa “língua, sujeito e história” do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Graduada em Psicologia (UFSM), Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (ICPT-POA/RS), Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Contato: [alinebjor@gmail.com](mailto:alinebjor@gmail.com).

## Palavras iniciais

Este trabalho tem como proposta discutir questões atinentes ao corpo enquanto materialidade discursiva. Busca-se tecer algumas reflexões iniciais acerca da dimensão do insuportável e do indizível atrelados ao corpo, em especial naquilo que ele dá a ver acerca do sujeito, a partir de sua(s) imagem(s) e de suas manifestações sintomáticas na atualidade. Considera-se o corpo constituído por atravessamentos históricos, ideológicos e inconscientes, a partir dos quais o sujeito, em suas tomadas de posição, fala e é falado, produzindo sentidos e promovendo resistências.

A temática do corpo é trabalhada em diversos campos do saber, com diferentes gestos de interpretação, sendo, muitas vezes, compreendido em seu estatuto “concreto”, enquanto objeto manipulável ou espetacularizado: são estas concepções que se propõe desconstruir. Nesse viés, embasarão a discussão aqui proposta os pressupostos teóricos da Análise de Discurso e da Psicanálise.

A Análise de Discurso francesa concebe um corpo que não só “fala”, mas também “falha” e, nessa falha, enuncia, anuncia e denuncia algo do sujeito e de seu exterior constitutivo. A Psicanálise, desde seus primórdios, também promove um deslocamento no modo de olhar e escutar o corpo, rompendo com a ordem biológica-organicista e propondo um corpo que pulsa, que fala, que denuncia algo, que carrega um apelo ao outro, que clama por ser ouvido e lido através de seus sintomas e atos. Em suas dimensões do real, do simbólico e do imaginário, o corpo remete à matriz estrutural do sujeito e é situado enquanto uma materialidade discursiva. Diante disso, alguns questionamentos fazem-se pertinentes à discussão, são eles:

Que corpo é esse que habitamos? Que relações ele estabelece com o que é da ordem do Inconsciente e da Ideologia? Como pode ser compreendido o processo de assujeitamento dos corpos a determinadas condições de produção que engendram posições-sujeito? O que é da ordem do mais singular da relação do sujeito com o corpo? O que esse corpo suporta e a que se faz suporte? Que marcas, registros, traços, letras o constituem? De que ele padece? Como e a que ele resiste? O que ele dá a ver a partir de seus invólucros e de suas interioridades? Como o corpo veicula o que é do registro do insuportável e do indizível para o sujeito? As questões ainda são muitas e dizem de algumas das interrogações que se colocam no mote das discussões pertinentes ao corpo-linguagem e/ou ao corpo-discurso.

Sublinha-se, quando se trabalha com a temática do corpo, a importância dos “litorais” (COSTA, 2015), uma vez que, no litoral, as margens são impossíveis de serem delimitadas, sugerindo um movimento constante de inter-relação entre campos heterogêneos que se retroalimentam e que, ao se tangenciarem, produzem modificações no que veio antes, e os sentidos deslizam, alteram-se. Dada a complexidade do objeto de estudo em questão, Courtine (2008, p. 11) auxilia na sustentação dessa ideia quando afirma que “a história do corpo faz pouco caso das fronteiras, sejam elas nacionais ou disciplinares”.

Este trabalho vai perpassar um trajeto que tem início com a discussão sobre o lugar do corpo na constituição do sujeito, tomando o corpo enquanto seu exílio estrutural por excelência e enquanto materialidade na qual se inscrevem também suas tomadas de posição. A historicidade do corpo e os efeitos das condições de produção contemporâneas nos discursos do/sobre o corpo sustentarão este estudo, em especial considerando-se o incremento de manifestações sintomáticas via corpo (como, por exemplo, a produção de cortes corporais), e o *boom* na lógica das medicalizações. Por fim, discute-se a imagem do corpo e a que ela se empresta, em especial quando nos referimos às dimensões do estranho, do horror, do indizível e do insuportável que o corpo comporta, muitas vezes provocando um dissenso ao produzir novas formas do visível. Uma exemplificação disso é a suspensão da polêmica amostra de arte “Queermuseu”, cuja exposição foi alvo de manifestações de repúdio acerca do que tal amostra anuncia e/ou denuncia, o que ilustra o que temos pensado sobre o indizível que a imagem do corpo se encarrega de pôr em cena.

## **1. Corpo, sujeito e discurso**

Falar de corpo é falar de sujeito e de sua constituição. Se a materialidade do discurso é a língua, a materialidade do sujeito é o corpo. “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (FERREIRA, 2013, p. 78). As postulações da Análise de Discurso e da Psicanálise inscrevem-se frisando o descolamento do corpo empírico, orgânico, tecnicista, o qual é comumente tomado por abordagens ortopédicas e utilitaristas.

A Análise de Discurso concebe o corpo enquanto objeto discursivo, que se constitui no e pelo discurso. Ou seja, o corpo desloca-se para o “lugar da opacidade, revelando-se como forma material que se constitui no-pelo olhar que o discurso

possibilita” (HASHIGUTI, 2007, p.02). Ou, ainda, trata-se do corpo “que se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. Corpo da visibilidade e da invisibilidade, corpo que se deixa olhar e que se coloca na posição de quem olha” (FERREIRA, 2013, p. 128).

Freud ([1895] 2006), a partir de seus trabalhos sobre as pulsões, o narcisismo e a histeria, postula que o “eu” é, antes de tudo, corporal e que as pulsões situam-se na fronteira entre o psíquico e o somático. O corpo da histérica, considerando suas conversões, passa a ser desnaturalizado e lido enquanto um corpo que se recusa a obedecer, que denuncia as demandas da época e que expressa desejos inconscientes.

É por meio da leitura do Outro primordial (função materna<sup>2</sup>) que se dá a delimitação, os recortes, as marcações dos orifícios e bordas do corpo. É nesse ponto que o sujeito torna-se ser de linguagem, alienado ao que o outro devolve com seus (des)investimentos e “banhos” de linguagem. O espelho (sempre torcido) oferecido pelo outro marca o sujeito em sua constituição primária (FREUD [1914] 2006; LACAN [1949] 1998). O sexual veiculado no/pelo corpo é destacado por esses autores, e é o que lhe dá um estatuto antagônico por excelência. O fascínio e o horror atrelam-se, aí, ao caráter de estranhamento e de insuportabilidade associados ao corpo.

Trata-se, então, tendo em vista as teorias brevemente consideradas, de tomar o corpo enquanto atravessado e afetado pela historicidade, pela memória, pela ideologia e pelo inconsciente. Lugar de falha, furo, dispersão, traições, torções. “O corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação e, por isso mesmo, tem relação estreita com o discurso” (FERREIRA, 2013, p.77). Matriz e morada do sujeito, lugar de alienação e de resistência. Corpo que se empresta enquanto *slogan* da repressão, da libertação e da revolução (COURTINE, 2008). O que o corpo põe em cena quando “encena”?

Há aí, também, aspectos políticos imbricados. O corpo que domina e/ou é dominado, o que controla e/ou é controlado, o corpo medicalizado apropriado pelo discurso da ciência ou o corpo tratado pela religião, com seus saberes, muitas vezes, totalizantes e ditadores são exemplos disso.

---

<sup>2</sup> Tanto Freud quanto Lacan consideram a função materna como suporte fundamental para a estruturação do *infans*. O Outro primordial – encarnado por esta função – realiza uma antecipação imaginária do sujeito de desejo, oferta referências simbólicas que interferem na sustentação e recobrimento deste corpo inicialmente desprovido de sentido. É a partir dos significantes recolhidos no campo da alteridade, portanto, que o sujeito e seu corpo se constituem.

Orlandi (2017, p. 219) situa o corpo enquanto “edifício de um múltiplo”. Segundo a autora, ainda que haja uma coerção para que o corpo seja visto enquanto uno (ideia de identidade), enquanto um “duplo”, na vertente de uma imagem especular/refletida, trata-se de uma miragem cujo efeito é ideológico, já que sujeitos e corpos são sempre múltiplos, dispersos.

Nessa mesma direção, Foucault (2013, p.14) afirma que o corpo “não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos”. O autor define o corpo enquanto uma “topia desapiedada, implacável”, um corpo utópico, que não se deixa esquecer, pois está sempre denunciando a sua presença, funcionando como uma espécie de “jaula”: “É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado” (FOUCAULT, 2013, p.8).

## **2. A historicidade do corpo e os efeitos do contemporâneo nos discursos do/sobre o corpo**

O corpo responde e reage às vicissitudes de sua época. Cabe considerar, portanto, a forma-sujeito-histórica capitalista que é regida pelo jurídico na relação com o que é da ordem do corpo, que não obedece, não sucumbe, resiste.

O corpo pode ser concebido enquanto lugar de visualização do sujeito e como lugar de memória: ele comparece como dispositivo que permite lançar luz acerca da historicidade e das condições de produção do sujeito. Hashiguti (2008, p.11) aborda o corpo enquanto matriz simbólica que produz sentidos, sendo significado em “processos complexos de memória que dizem respeito à subjetividade, à história, à sua espacialização”. A corporalidade produz-se na relação do sujeito com o outro, com o interdiscurso, com a ideologia. Há, portanto, todo um processo de construção imaginária dos corpos que constrói olhares e discursos acerca deles. Escapa-se, assim, a uma compreensão naturalizante de um corpo biológico, “apesar de assim nos parecer pela ilusão e pelo esquecimento que nos constitui no discurso. Eles são construídos pelo/no discurso, são representações desses corpos” (HASHIGUTI, 2008, p.33). São discursos como o médico, o antropológico, o sociológico, o estético, o religioso, e seus entrecruzamentos que vão especificando e situando aspectos como a normalidade, a perfeição, o “molde” ideal ao qual o corpo precisaria responder.

A partir do corpo desenvolve-se uma reflexão que questiona a própria estrutura e representações que circulam no cenário contemporâneo, seus modelos,

conceitos, as especificidades dos laços sociais etc. O corpo discursivizado não só se inscreve no contexto sociocultural e político circundante, mas também atende a uma certa estética normativa, embebida de preceitos ideológicos. Há um discurso do socialmente vigente que formata o corpo, sob a égide de um saber que se apoia em formações imaginárias acerca da saúde, da doença, do bem-estar etc.

Foucault (1987) e Courtine (2008) são autores que agregam a essa discussão, pois mobilizam em seus trabalhos o lugar ocupado pelo corpo ao longo do tempo – bem como as práticas disciplinares que historicamente regularam e ainda regem o corpo, produzindo sanções homogeneizantes que fabricam corpos dóceis, submetidos: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 1987, p.119). Courtine (2008) também situa o corpo como lugar de intermináveis experimentações, explorações, bem como debate acerca do poder de normalização sobre os corpos.

A cultura visual de massa integra esse cenário em que o corpo é enaltecido. Ferreira (2015) refere que em nome de uma necessidade de um mundo “semanticamente normal”, produz-se uma domesticação e um controle do corpo. Exemplo disso é o “boom” dos procedimentos da medicina que podem (re)configurar o corpo. Assiste-se a uma invasão e apropriação sobre o corpo. Um corpo desnaturado, mutante, corpo como lugar de risco, superfície de desamparo. A autora faz uma crítica a esse excesso, que toma uma proporção de destruição. Um excesso que se transforma em falta.

Soma-se a isso a presença, na contemporaneidade, de um incremento de manifestações sintomáticas irrompidas no corpo. O corpo parece estar servindo de superfície representativa do mal-estar do sujeito. Mal-estar este que não cessa de se manifestar e que não podemos dissociar do mal-estar embutido nos laços sociais de hoje. Birman (2003) e Roudinesco (2000) são autores da Psicanálise que lançam questões acerca das manifestações sintomáticas que têm ganhado espaço atualmente, atreladas à valorização aos aspectos narcisistas em nossa cultura, vinculados à sociedade do espetáculo, individualista e do consumo vigentes, repercutindo na intensificação do desamparo do sujeito. Depressões, toxicomanias, transtornos alimentares, sintomas psicossomáticos, síndrome do pânico, *stress*, automutilações, são exemplos de situações clínicas muito presentes em que o corpo está em relevo. Tais manifestações respondem a que condições de produção? O que permite que isso esteja mais em cena hoje? São questões que nos interessam explorar.

Em “Dor e sofrimento num mundo sem mediação”, Birman (2003) discute a fragilidade e as quedas dos suportes simbólicos da sociedade e as consequências disso no modo em que o sofrimento se apresenta nos sujeitos, com um incremento de psicopatologias situadas no registro do corpo e da ação. O excesso de medicalização também é problematizado: “Nunca se consumiu tanto medicina e medicamentos como hoje, de forma tal que podemos dizer sem pestanejar, no que concerne à medicalização, que o céu é o limite” (BIRMAN, 2003, p.02). Roudinesco (2000, p. 09) faz uma crítica contundente a tal hipermedicalização e defende que precisamos “lutar contra as pretensões obscurantistas que almejam reduzir o pensamento a um neurônio ou confundir o desejo com uma secreção química”. A autora discute o incremento também de práticas místicas e religiosas que têm oferecido soluções mágicas para o mal-estar que atinge o sujeito e seu corpo.

O corpo, hoje, na sociedade ocidental, também é discursivizado como propriedade privada, assumindo a condição de liberdade e prazer a cargo de cada um. Esse “tom” dado ao corpo, liberando suas amarras, gêneros ou preferências sexuais, acaba tornando-o um espelho capaz de representar o valor do sujeito no mercado das trocas imaginárias, carregando uma valoração narcísica. Corpo que consome e que é consumido. A “gestão” dos corpos é discutida por Ana Godoy (2007, p. 05), que afirma que “o corpo é aprisionado em e para subjetividades pré-fabricadas”.

Diante disso, pode-se situar o corpo em seu estatuto significante, portador de uma verdade daquilo que insiste em se inscrever. As marcas e/ou manifestações no corpo são concebidas como materialidades significantes no discurso, que posicionam os sujeitos em lugares de fala, criando identificações e determinando sentidos. Traços e restos de histórias, memórias, não-ditos, que parecem se configurar enquanto letras no corpo, via sintoma. As marcas e cortes operados no corpo – sejam na dimensão de tatuagens, escarificações ou em situações mais extremas de automutilação – colocam em causa o sujeito que (se) marca e é marcado pela linguagem e pela ideologia. Memórias e historicidades fazem-se presentes nas entranhas do corpo, inscrevendo o que não cessa de não se inscrever – o inominável e indizível do sujeito, operando deslizamentos do dizer e promovendo movimentos de resistência via corpo. Baldini e Souza (2012, p.77) propõem que “nas inscrições na pele se faz furo no ideológico exatamente pela multivocidade do discurso do corpo: o discurso do Outro se mostra no corpo do sujeito, por meio de um texto pré-construído aquém e além”.

Baldini e Souza (2012, p.86) discutem como as marcações corporais indicam a tentativa de discursivizar o que é da ordem do real, “jogar com o sentido e o *non-*

*sense*, o assujeitamento e a revolta, a individuação e a resistência”. Ainda, pelo funcionamento do interdiscurso, tais marcas ou recortes no corpo aludem a vozes discursivas que ecoam sentidos. Assim, a incompletude estrutural do sujeito produz alguma espécie de sutura e, ao mesmo tempo, cicatriz, marca, traço. O recurso à produção de marcas corporais (ainda que seja necessário ser tomado no caso a caso) parece indicar uma tentativa de escrita de um corpo próprio, na direção de constituir uma borda (COSTA, 2015). Atos que dizem da inscrição do sujeito com o laço social. O que se mostra e o que se silencia via corpo convoca a um olhar e a uma escuta.

### **3. Corpo e o insuportável da imagem**

A imagem do corpo “enquadra” uma cena que paradoxalmente enaltece e denuncia o seu exterior constitutivo. O corpo, assim, põe o discurso em ato e faz furo no que está logicamente estabelecido como evidente: imperativos, ideais, lógicas hegemônicas e universalizantes. O corpo, através de sua imagem, comumente dá a ver tudo o que se empresta enquanto abjeto/resto.

A dimensão do real faz-se notar via corpo e suas imagens “desordenadas”, caóticas, desfragmentadas, atrozes. Tais imagens tensionam os limites do suportável. A imagem configura-se como aquilo que diz algo, mas, ao mesmo tempo, também escapa. Há um jogo entre o que se pode apreender e o que resta inapreensível nas imagens. A imagem deseja, interpela e, ao mesmo tempo, a imagem “não fala”, ela é.

Rancière (2014) sublinha o caráter político das imagens. Para ele, a imagem “rasga” a representação, desmonta a cena, desmascara, denuncia uma realidade pela miragem de uma outra realidade. Diante do insuportável de acessar o real, a imagem faz barreira, baliza, produz uma certa mediação. Ainda ao tratar da distribuição do visível, Rancière (2014, p.144) postula que “uma imagem nunca está sozinha. Pertence a um dispositivo de visibilidade que regula o estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção que merecem”.

O corpo, atrelado a essa discussão, empresta-se enquanto materialidade que veicula a dimensão do real, daquilo que escapa à nomeação, às palavras, ao simbólico. Assim, o corpo remete ao real da língua (a falha) e ao real do sujeito (o inconsciente). Nesse sentido, o real do corpo seria compreendido como o impossível, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado (FERREIRA, 2013). “Corpo espacializado, falado, olhado, opaco, contraditório, impossível de ser apreendido discursivamente em uma totalidade lógica, tal qual a língua” (HASHIGUTI, 2007, p. 06).

Assim como “se fala *do* sujeito [...] e se fala *ao* sujeito, antes que ele possa dizer: ‘Eu falo’” (PÊCHEUX, [1982] 1996, p. 149), o corpo pode ser apreendido como o que também se mostra por essa via: tanto quanto o sujeito, o corpo é chamado a existir. E, nesse chamado, o corpo põe à mostra (predominantemente através de sua imagem) os seus excessos, as suas bordas, suas faltas, sua extimidade<sup>3</sup> - numa torsão na concepção corriqueira do dentro e fora (extimo – íntimo).

Assim, a imagem do corpo, frequentemente veiculada pela mídia, pelas artes e pelo cinema, coloca em cena (“encena”) o que é da ordem do insuportável. Imagens que carregam, em suas formulações visuais, “metaforizações metonímicas” (LAGAZZI, 2017, p. 208). A imagem do corpo sofrido, cortado, recortado, fragmentado, adoecido, ou que se localiza na margem do que socialmente se estabelece como “ideal” traz à tona elementos que se referem à relação do sujeito com a alteridade. Lagazzi (2013) aponta que a textualização das imagens no corpo dizem da discursivização do social e dá a ver, na articulação entre metáforas e metonímias, as tensões contraditórias entre o sujeito e o seu exterior constitutivo. Na textualização dessas imagens, podemos ler desdobramentos, condensações, faltas que dizem das impressões nesses corpos do que circula nas demandas do corpo social mais amplo, ainda que isso não lhe seja transparente. É via imagem que se desdobram possibilidades do corpo movimentar-se fora dos lugares “hegemônicos”. Romper com uma estética normativa implica romper com uma ordem, com uma homogeneidade, causar estranhamento: dar a ver corpos não utilitários, que se distanciam da lógica da performance, do desempenho e do socialmente suportável e aceito.

Exemplo disso é a suspensão da amostra de arte ocorrida em 2017 – nomeada “Queermuseu: cartografias das diferenças na arte brasileira” – no espaço de exposições temporárias do Santander Cultural, em Porto Alegre-RS. A acusação por parte de críticos e grupos organizados foi de que algumas das 270 obras que abordavam questões de gênero e de diversidade sexual dessa amostra eram ofensivas, destacando que algumas representavam “blasfêmia” e faziam “apologia à zoofilia e pedofilia”, além de “ameaça e afronta aos bons costumes Sagrados”. O “demoníaco” aparece como referência, a partir de preceitos de um discurso religioso, higienista, purificador. Face a uma suposta “liberdade” que circula nos discursos sociais sobre o que é da ordem do corporal e do sexual, contradições como essa são vivenciadas. O que pode se oferecer à visibilidade e o que precisa manter-se invisível, inacessível? O

---

<sup>3</sup> Êtimo é um neologismo criado por Lacan para indicar a condição estrutural paradoxal do sujeito que lhe é mais íntima, mais singular, mas que está fora, no exterior.

que é da ordem do insuportável para aquém e além do discurso liberal e democrático vigente? Qual o lugar para a arte, campo por excelência de subversão dos moldes engessados ideológica e politicamente, naquilo que ela se propõe a enunciar/denunciar acerca da diversidade dos corpos e das sexualidades?

Baldini (2017) e Mariani (2017) trazem para discussão o intangível, o indizível e o insuportável que o corpo porta, isto é, a dimensão do encontro com aquilo que não tem inscrição na linguagem – o muro da linguagem, o real e o indizível no processo de constituição do sujeito. O que é dessa ordem se marca, mas não se diz (BALDINI, 2017). Corpo e estrangeiridade andam juntos. Os efeitos de estranheza e de perda do domínio do sujeito acompanham a relação com o corpo desde sempre.

Diante disso, resta ao sujeito buscar inscrever esse corpo (ou escrevê-lo). Aí se coloca a relação entre escrita e aquilo que é dado a ver, ali onde o sujeito não vê. Trata-se da tentativa de escritura do que se apresenta como um ponto inapreensível ao sujeito. Podemos pensar, aqui, nas produções de marcas corporais, uso excessivo de *piercings*, tatuagens, escarificações etc. como tentativas de construção de uma narrativa e de inscrição simbólica do sujeito, endereçadas a um outro (COSTA, 2005).

### **Algumas retomadas e conclusões (iniciais)**

A relação produzida no imbricamento corpo-sujeito-discurso é, de fato, complexa, o que justifica o esforço teórico e metodológico aqui empreendido na busca por compreender um pouco mais sobre o que ela engendra. Os pressupostos teóricos e dispositivos interpretativos da Análise de Discurso e da Psicanálise aproximam-se em muitos aspectos ao trabalhar com o corpo – em especial ao desnaturalizá-lo e tomá-lo enquanto “faltante”, carregando algo do “real” inapreensível, atravessado por fatores inconscientes e que desdobra uma narrativa, uma historicidade, uma memória. O corpo é lido como “furado”, disperso, plural e constituído por atravessamentos inconscientes, ideológicos e políticos. O corpo marca a deriva do sujeito e a sua opacidade, materializando sua divisão constitutiva.

Concomitantemente íntimo/familiar e exterior/estrangeiro ao sujeito, o corpo empresta-se enquanto matriz simbólica que lança luz sobre o social, a cultura, o sujeito, a historicidade, a memória, a ideologia. O caráter que o corpo assume relaciona-se, em maior ou menor grau, com todos esses fatores. Assim, a heterogeneidade dos saberes sobre o corpo e do corpo precisa ser acolhida em suas contradições constitutivas.

Baldini (2010), ao distinguir corpo e organismo, aponta para o lugar do corpo como lócus de resistência. Do excesso de sentido à falta absoluta de sentido, o corpo padece, produz efeitos, grita, clama, se apaga, morre. O corpo carrega uma escritura/texto e uma amarração que diz do sujeito e de seu entorno.

Afirmando as possibilidades dos sentidos se desdobrarem e deslizarem via corpo, e enfatizando a necessidade de problematizar e reproblematicar os mecanismos implicados na construção das “evidências” acerca do corpo, renova-se a pergunta acerca da relação corpo - sujeito - discurso: O que o corpo enuncia, anuncia e denuncia ao pôr em cena o que é da ordem do indizível e do insuportável? Que posições-sujeito o corpo oferece à visibilidade, vinculadas às condições de produção e aos discursos e saberes hegemônicos e ideológicos que circulam na atualidade? Como produzir uma escrita de um corpo próprio, singular? É por essa via que se pretende seguir, bordeando o discurso do corpo e sobre o corpo.

## Referências

BALDINI, L. O que se pode dizer do indizível? In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J.; BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói, RJ: Editora Eduff, p.71-82, 2017.

\_\_\_\_\_. Um pouco de possível, senão eu sufoco. Em: ROMÃO, L.M. e PACÍFICO, S. M. **Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento**. Cidade: Alphabeta editora, 2010, p.57-66.

BALDINI, L. J. S.; SOUZA, L. L. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.

BIRMAN, J. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In: **Estados Gerais da Psicanálise. II Encontro Mundial**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <<http://docplayer.com.br/345150-Dor-e-sofrimento-num-mundo-sem-mediacao.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

COSTA. **Tatuagens e marcas corporais**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Litorais da Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2015.

COURTINE, J. J. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. ; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Vozes, v. 3, p.7-12, 2008.

FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **Revista Vitória da conquista**, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

\_\_\_\_\_. **Conferência sobre o corpo proferida no II Seminário Discurso, Cultura e Mídia (SEDISC)**. Unisul – Campus Grande Florianópolis – Unidade

Universitária Pedra Branca, 2015. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=SYydq3nEqA>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico; As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. II, [1895] 2006.

\_\_\_\_\_. Uma introdução sobre o narcisismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, [1914] 2006.

GODOY, A.; FERRAZ, J.; FERREIRA, J.; BELCHIOR, J. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Revista Alegrar**, n. 4, 2007. Disponível em:  
<[http://www.alegrar.com.br/04/textos\\_A\\_04/05\\_materia.pdf](http://www.alegrar.com.br/04/textos_A_04/05_materia.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

HASHIGUTI, S. T. **Corpo de memória**. 2008. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. O corpo como materialidade do discurso. In: SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em:  
<<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador das funções do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1949] 1998.

\_\_\_\_\_. Literatorra. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1971] 2003, p. 15-25.

LAGAZZI, S. O significante em metáfora no movimento metonímico da falta. In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J. e BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Cidade: Editora Eduff, p.203-213, 2017.

\_\_\_\_\_. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Vitória da Conquista**, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013.

MARIANI, B. (In)dizível, In(dizível), In(visível): Linguística, Análise de Discurso, Psicanálise. In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J.; BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói, RJ: Editora Eduff, p.31-47, 2017.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele – Discurso e real da história**. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1982] 1996.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: JZE, 2000.

Artigo recebido em: 25/04/2018

Aprovação final: 07/12/2018

## SENTIDOS SOBRE “TERRORISMO” NA MÍDIA DIGITAL

Camila de Moraes Crisofolletti<sup>1</sup>

Fernanda Correa Silveira Galli<sup>2</sup>

### Resumo:

*Sob o ponto de vista teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, em convergência com outras áreas do conhecimento, este artigo apresenta uma reflexão sobre os sentidos relacionados a “terrorismo” no contexto de uma tradução específica – do francês para o português – publicada pela Agence France-Presse (AFP) na mídia digital.*

**Palavras-chave:** *Terrorismo; Mídia digital; Sentidos.*

### Résumé:

*Du point de vue théorique et méthodologique d'Analyse de Discours (AD) française, basé sur les études de Michel Pêcheux, en convergence avec d'autres domaines de la connaissance, cet article présente une réflexion à propos des sens liées au «terrorisme» dans le contexte d'une traduction spécifique - du français au portugais - publiée par l'Agence France-Presse (AFP) dans les médias numériques.*

**Mots-clés:** *Terrorisme; Médias numériques; Sens.*

## Introdução

Quando se trata de definir o que é “terrorismo”, muitas são as acepções. Os autores de diferentes áreas buscam conceituar o termo, mas normalmente dividem terrorismo entre nacional e internacional, o que reforça que não há consenso em relação aos tipos de terrorismo e suas motivações. Na área da Linguística, mais

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UNIP). Discente do curso de Bacharel em Letras com Habilitação em Tradução (IBILCE/UNESP). Contato: [milla.calvo@gmail.com](mailto:milla.calvo@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela UNESP/Assis (1997), Mestre em Letras - Filologia e Linguística Portuguesa pela UNESP/Assis (2002), Doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP (2008) e Pós-doutora em Ciência da Informação e Comunicação pela FFCLRP/USP (2012). Atualmente, é pesquisadora e professora no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP e bolsista do PNPd/CAPES. Contato: [fcs Galli@hotmail.com](mailto:fcs Galli@hotmail.com).

especificamente na área da Análise do Discurso de linha francesa, é importante citar as contribuições de Orlandi (2000), que, em uma análise lexicográfica discursiva, apresenta o posicionamento ideológico sobre o termo em dicionários de língua portuguesa. É, portanto, relevante considerar que todas as definições apresentam, por si mesmas, uma posição sócio-histórica-ideológica que reflete a conceptualização do verbete, seja em dicionários de campos específicos ou não específicos.

Do ponto de vista midiático, se a Guerra do Golfo (1990) contou com transmissão televisa maciça, as invasões do Afeganistão (2002) e do Iraque (2005) pelos Estados Unidos e os países a este aliado contaram com jornalistas infiltrados dentro dos pelotões norte-americanos. Os jornais passaram, desse modo, a ser inundados pelo termo “terrorismo”, muitas vezes fora de contexto. A rede de TV egípcia *Al Jazeera* se transformou, durante esse período, na “rede da Al-Qaeda”, por divulgar os vídeos da organização e trazer outra visão, diferente da reproduzida em massa. Nessa perspectiva, refletir sobre a circulação do termo “terrorismo” no contexto de uma tradução específica – do francês para o português, publicada pela *Agence France-Presse* (AFP) na mídia digital é a proposta deste artigo. Para tanto, nos apoiamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, e também em outras áreas do conhecimento como o Jornalismo e Tradução.

## 1. Sobre a Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa é a base teórica principal da presente pesquisa, que se apoia também em estudos de outras áreas, conforme já apontado. O interesse dessas áreas ocorre, principalmente, pelo poder de propagação da notícia na rede digital, de maneira que o acréscimo da internet como objeto de estudo do Jornalismo é um fenômeno importante para compreender as mudanças na forma de se fazer e, portanto, de se consumir fatos. Porém, as Teorias do Jornalismo, que em sua maioria são baseadas na observação da prática do jornalismo impresso diário, mantem-se como um norte para os estudos (TRAQUINAS, 2005; PENA, 2005). Dos estudos sobre mídia, percebe-se que existe uma preocupação em entender qual o seu papel na sociedade e sua construção ideológica (ROCHA, 2007), questão vista por um outro viés pela perspectiva teórica discursiva.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Entendemos a ideologia não como “um conjunto de representações nem a ocultação da realidade, nem tampouco um ‘defeito’ dos que não têm consciência. Discursivamente, a ideologia, como prática significante,

Para a AD, o sentido é construído no tempo e no espaço das práticas discursivas, de maneira que a língua não é vista enquanto sistema abstrato, homogêneo, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. Dito de outro modo, a AD trabalha com o discurso, objeto sócio histórico em que o linguístico intervém como pressuposto e o sentido não é visto como “conteúdo”; interessa, para a AD, portanto, o funcionamento da língua para a produção de sentidos, não a partir do que a linguagem (ou o texto, na Análise de Conteúdo) quer dizer, mas do como a linguagem funciona. Ao considerar a linguagem como não transparente, a AD produz conhecimento a partir do próprio texto, do como ele significa enquanto uma materialidade simbólica e significativa, com uma espessura semântica que o concebe em sua discursividade (ORLANDI, 2001, p.18).

Desse modo, a proposta da AD é refletir sobre o modo como a linguagem se materializa na ideologia e, também, como a ideologia se manifesta na língua, que é condição de possibilidade de um discurso, materialidade ao mesmo tempo linguística e histórica. Nesses termos, para a perspectiva teórico-metodológica da AD, o discurso “não se confunde com sua evidência empírica”; ele permite entender o texto como lugar “onde se produz o encontro da língua com o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.96) e onde é possível observar a relação entre língua e ideologia e compreender como a língua produz sentidos para os sujeitos (ORLANDI, 2001, p.17), processo em que a noção de leitura distancia-se de uma leitura literal (que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto) e também de uma leitura hermenêutica (que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto).

O discurso é, portanto, “o objeto que nos permite observar as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua” (FERREIRA, 2003, p.193). É, então, por meio do discurso que buscamos compreender como um material – nesta abordagem, uma tradução do francês para o português publicada pela *Agence France-Presse* (AFP) na mídia digital – produz sentidos em determinado momento historicossocial, já que, conforme pontua Ferreira (2003, p.193), o discurso é “lugar privilegiado de observação entre a língua, a

ideologia e o sujeito”, e “propicia, como bom observatório, a visualização das propriedades do complexo dispositivo teórico-analítico.”.

## 2. Sobre o Jornalismo e a Tradução

A tradução jornalística é um dos campos mais frutíferos na área da Tradução; porém, um dos menos estudados (GUERRERO, 2006, p.126). Por esse motivo, a reflexão acerca da prática tradutória no ambiente das notícias deve sempre ser buscada, afim de atingir-se uma excelência e uma melhora na prática profissional. Pensando nisso, escolhemos um texto jornalístico como objeto de análise para este trabalho, o qual retrata, na convergência de vários temas, a situação atual na França. A notícia foi veiculada pelo site *Le Devoir*,<sup>4</sup> em francês, e pelo site de notícias *Yahoo*<sup>5</sup> em português, a partir da produção da agência de notícias *Agence France-Presse* (AFP). A opção por um texto que já contasse com uma tradução não foi impensada, mas ao contrário, deliberada na busca por um exercício não só de reflexão sobre escolhas estruturais e lexicais, mas da prática tradutória como um todo no contexto jornalístico.

A referida notícia foi comprada pelos jornais da agência de notícias AFP, a qual se encontra hoje entre uma das três maiores agências de notícias do mundo, junto com a Reuters e a Associated Press (AP). A AFP conta com mais de 200 sucursais em 150 países, como China e Brasil. No site da AFP,<sup>6</sup> encontra-se o objetivo da empresa e a forma como ela trabalha, além das mídias em que produz conteúdo:

A *Agence France-Presse* (AFP) é uma agência de notícias mundial que fornece informações de forma rápida, verificada e completa em vídeo, texto, foto, multimídia e infográficos sobre os eventos que fazem a atualidade internacional. Desde guerras e conflitos à política, esporte, espetáculos até aos grandes desenvolvimentos em questões de saúde, ciências ou de tecnologia<sup>7</sup> (tradução nossa).

O posicionamento da AFP reflete a própria ideologia das agências de notícias e que remonta ao surgimento desses organismos. Ao falarmos da história das agências,

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.ledevoir.com/international/europe/479737/terrorisme-pres-de-300-personnes-arretees-depuis-janvier-en-france>>. Acesso em 16 set. 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/300-detidos-janeiro-franca-vinculos-redes-terroristas-142210714.html>>. Acesso em 16 set. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.afp.fr](http://www.afp.fr)>. Acesso em 16 set. 2017.

<sup>7</sup> L'*Agence France-Presse* (AFP) est une agence de presse mondiale fournissant une information rapide, vérifiée et complète en vidéo, texte, photo, multimédia et infographie sur les événements qui font l'actualité internationale. Des guerres et conflits à la politique, au sport, au spectacle jusqu'aux grands développements en matière de santé, de sciences ou de technologie.

estamos falando da história da própria AFP. Em 1832, Charles-Louis Havas criou um escritório para traduções de matérias jornalísticas estrangeira, denominado *Bureau Havas*. Já em 1835, muda a forma de trabalho e renomeia sua companhia para *Agence Havas*, sendo essa a primeira agência de notícias transnacionais do mundo. Em 1851, um ex-sócio de Havas funda, em Londres, a *Reuters*. Ao final do século XIX, a *Agence Havas* contava com profissionais em diversas capitais do mundo. Entre um de seus muitos feitos, destaca-se a instauração do primeiro serviço de telégrafo na França (BRITANNICA, 2016).

Durante a ocupação alemã na França, na Segunda Guerra Mundial, a agência foi nacionalizada pelo governo Vichy e muitos de seus jornalistas continuaram atuando de forma autônoma e clandestina. Em 1944, com a liberação da França, os profissionais se uniram e criaram o *Office français d'information*, que acabou por herdar todos os escritórios da antiga Havas (LARROUSE, 2016). Em 1957, autonomiza-se e adota o nome de *Agence France-Presse*. Desde Havas, as agências de notícias procuram levar informações de maneira transnacional. Para tanto, trabalham diretamente com os veículos de notícias, ou seja, o foco não é levar o fato diretamente para o público leitor, mas sim, vender o material para outro, que o publicará. Nesse método, as notícias não são assinadas pelos jornalistas e sim pela agência produtora.

A presença das agências de notícias pelo mundo é relevante e a importância desses organismos midiáticos é extrema, como observa Araújo: “Desde o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, se tornaram [as agências] responsáveis por aproximadamente 90% do noticiário estrangeiro utilizado por meios de comunicação de massa em todo o mundo. (ARAÚJO apud ROCHA; OSÓRIO, 2006, p.2). Uma das principais características e, talvez, a mais importante para explicar a amplitude desses organismos está ligada aos componentes textuais e refere-se a estrutura do texto. A produção das agências baseia-se nos moldes da pirâmide invertida, prática em que as informações mais importantes se encontram entre o título, a linha fina e o primeiro parágrafo, denominado *lead*.

Em um primeiro momento, pode parecer apenas a repetição de uma prática em voga no jornalismo moderno; porém, em relação ao método das agências, o modelo deve ser seguido sem exceções, em uma tentativa de atingir conceitos como a imparcialidade e a objetividade, ambos tratados em diversas teorias dentro do jornalismo, como a Teoria do Espelho, por exemplo. Essa busca pelo retrato mais próximo do fato real acontece por se tratar de um texto além-fronteiras, que será lido

por diversas culturas diferentes. Contudo, nesse modelo de comercialização de notícias, a compra do material pelos veículos abre a possibilidade para alterações no texto. Quando isso ocorre, no campo de identificação do produtor deve aparecer o nome da agência de notícias juntamente com o nome do jornalista ou com o de outras agências utilizadas como fonte.

Diferentemente de outros organismos midiáticos, o funcionamento das agências obedece a características próprias. Segundo Rocha e Osório (2006), a AFP conta com um escritório central em Paris que comanda quatro centros de coordenação espalhados pelo mundo. No caso do Brasil, os escritórios da AFP estão submetidos ao centro de Montevideú. Outro detalhe importante destacado pelos autores é a necessidade pelos profissionais da AFP Brasil de falarem pelo menos quatro idiomas: português, inglês, espanhol e francês (ROCHA; OSÓRIO, 2006, p.3). Para um veículo ter acesso às notícias produzidas pelas agências, é preciso uma assinatura, com pagamento de anuidade e também mensalidade, ou pode-se comprar apenas um material, prática pouco utilizada devido ao custo elevado. Os valores variam de acordo com a tiragem dos veículos, em ordem inversamente proporcional (ROCHA; OSÓRIO, 2006, p.14).

No caso da notícia escolhida – intitulada “Terrorisme: près de 300 personnes arrêtées depuis janvier en France”, podemos analisar as diferenças em relação ao formato adotado na produção de materiais pelas agências de notícias. Segundo Guerrero (2006, p.127), os títulos franceses costumam ser menos diretos do que os de jornais espanhóis, um possível reflexo da constituição da mídia francesa, polarizada e com posição política clara. Porém, o que se observa no título da notícia é uma construção mais próxima ao jornalismo espanhol, por exemplo. Essa padronização pode ser explicada a partir do relatório “Um mundo, muitas vozes”, ou Relatório McBride, que retoma o conceito de uniformização das notícias com o objetivo de venda:

As agências vendem seus serviços no mercado uma recompilação e reportagem dos fatos e a sua avaliação dos acontecimentos. Para "vender" esses fatos, as agências modificam a natureza e a importância relativa dos acontecimentos, que na verdade não "aconteceram" para o público em geral, mas sim quando as fontes de notícias as selecionaram para sua publicação. Para que seja notícia, um acontecimento deve apresentar-se de forma "vendável". Estruturalmente implícita na concepção mercantil da notícia se encontra a discriminação sistemática contra os acontecimentos que não podem se "vender" e que não são notícia porque não interessam

ao mercado dominante (UNESCO apud ROCHA; OSÓRIO, 2009, p. 03).

Na prática das agências de notícias, fatores como veículo e público são colocados em outras esferas e surge a seleção do que deverá ser noticiado, em uma aproximação ao descrito na Teoria do *Gatekeeper*. Pensando na teoria e na contextualização dada pelo relatório, conclui-se que a notícia selecionada para análise foi escolhida obedecendo critérios econômicos e de noticiabilidade, adequando os fatos a um padrão de escrita “universal”. A universalização buscada pela agência de notícias reflete na prática tradutória. Baseado em Guerreiros (2006), os contextos pragmáticos da notícia, que envolvem, entre outros, as diferenças de veículos, as questões socioculturais, tanto na produção jornalística como no conhecimento prévio dos temas tratados, são essenciais na tradução e refletem nas escolhas realizadas.

Porém, são esses contextos que procuram ser apagados pelas agências de notícias, o que subverte a prática tradutória. Tal comprovação pode ser encontrada na afirmação “não são apenas tradutores de notícias, são jornalistas que fazem traduções” (ROCHA; OSÓRIO, 2009, p. 11). Tais reflexões apontam para um espaço não pensado dentro do processo tradutório, uma vez que ao analisarmos a afirmação de que “são jornalistas que fazem tradução”, o interesse não se encontra na qualidade da tradução, mas sim na possível qualidade do texto jornalístico. Nesse ponto, a AFP Brasil apresenta uma postura despreocupada quanto à tradução, mas preocupada com o texto jornalístico que é, sempre, o seu produto final.

### 3. Sentidos sobre “terrorismo” na mídia digital

Conforme já sinalizado, o material de análise foi coletado na internet, em postagens dos meses de agosto e setembro de 2016 pela *Agence France-Presse* (AFP)<sup>8</sup>. A escolha da agência de notícias se deu pela sua característica, uma vez que essa é uma organização midiática que ultrapassa fronteiras. De nosso ponto de vista, o cruzamento entre o texto em francês e a sua tradução em português apresenta questões interessantes acerca das escolhas tradutórias, em especial no que diz respeito à ideologia de quem traduz. Na prática tradutória, emergem diferentes

---

<sup>8</sup> Disponíveis em: <http://www.ledevoir.com/international/europe/479737/terrorisme-pres-de-300-personnes-arretees-depuis-janvier-en-france> e <https://br.noticias.yahoo.com/300-detidos-janeiro-franca-vinculos-redes-terroristas-142210714.html>. Acesso em 16 set. 2017.

formações discursivas e, ainda, marcas linguísticas que sinalizam formações ideológicas características de quem produz o material discursivo.

Há, nos estudos tradutórios, um debate sobre a questão ideológica: a tradição diz que uma boa tradução é aquela que busca reproduzir com fidelidade o texto original. Os Estudos da Tradução modernos rejeitam a ideia de fidelidade, pois sabem que a produção do texto de partida e o de chegada são produzidos em condições diferentes. Pela perspectiva da Análise do Discurso francesa, pode-se afirmar que os dois textos são produzidos em condições de produção sócio históricas diferentes, por sujeitos ideologicamente constituídos. Com isso, não se pode afirmar que fidelidade seja algo real quando se trata de tradução.

Em relação à tradução jornalística, além do ideal de fidelidade, há a ideia de objetividade e imparcialidade do texto jornalístico. Dessa forma, percebe-se três questões que permeiam a tradução e que só podem existir quando se ignora a existência de uma ideologia. Porém, ao analisar a materialidade linguística, é impossível ignorar a presença e/ou marca de um posicionamento. No material selecionado para análise, já no título (Figuras 1 e 2) é possível perceber diferentes posições ideológicas entre o texto de partida e o texto de chegada: em francês, o termo “terrorisme” aparece em destaque, pois é a primeira palavra do título, seguida de dois pontos; já na tradução em português, a palavra “terroristas” aparece na última posição da frase. Há uma alteração entre os termos. Enquanto no francês é utilizado o termo para designar a fenômeno, no português foi escolhido a denominação de quem pratica o ato. Mesmo que os termos “terrorisme” e “terroristas”, correspondentes em um certo nível semântico, apareçam nos dois títulos, conforme vemos nas figuras a seguir, suas diferentes posições na frase marcam diferentes efeitos de sentido. No primeiro caso, em francês, a ideia é destacar as ações institucionais que estavam sendo realizadas com o intuito de prevenir novos ataques; no segundo caso, na tradução em português, o objetivo parece ser o de marcar a prisão de pessoas suspeitas de conexão com terrorismo.



Figura 1 – Título do texto em francês



Figura 2 – Título do texto em português

Outros efeitos ideológicos se manifestam nas fotos que acompanham as notícias: na figura original, em francês (Figura 3), estão presentes dois policiais; já na tradução, em português (Figura 4), a foto é do ministro do Interior francês. Por mais que não façam parte da materialidade linguística, as fotos são elementos que contribuem para a construção dos sentidos do texto: a “escolha” da imagem de um político francês, no lugar de policiais, para acompanhar o texto traduzido parece marcar um efeito de atenuação do caráter militar das ações e uma marcação da atuação política. Quando a França era um dos países mais influentes no cenário mundial, o Brasil possuía conhecimento e proximidade com a cultura francesa. Hoje, dificilmente um leitor reconhecerá com facilidade a imagem de um político francês.



Figura 3 – Foto do texto em francês



Figura 4 – Foto do texto em português

Outra questão que destacamos é a própria contextualização em relação ao conteúdo da notícia. Os atentados contra a França tiveram início em 2015, após a publicação de uma charge pela revista Charlie Hebdo<sup>9</sup>. Os autores do ataque alegaram que estavam defendendo a honra de Maomé, que foi o tema de uma tirinha

<sup>9</sup> Em 7 de janeiro de 2015, o escritório da revista satírica *Charlie Hebdo* sofreu um ataque de fuzil realizado por dois indivíduos. Após uma série de novos ataques, os responsáveis foram mortos. O grupo denominado terrorista Estado Islâmico (EI) assumiu a responsabilidade pelos ataques.

que a revista satírica havia publicado. O Estado Islâmico (EI)<sup>10</sup> assumiu a autoria de outro atentado, o de novembro de 2015, o qual atingiu diversos lugares de Paris, entres ele uma boate, deixando centenas de mortos e feridos. Em uma nota sobre o ataque, o grupo jihadista destacou que a França “é a capital da perversão e abominação” e que “o país e todos aqueles que seguem seu caminho devem saber que permanecem o principal alvo” dos terroristas (UOL, 2015). O grupo ainda afirma que os atentados são motivados pela coalizão contra o EI na Síria e Iraque.

Porque a França é o principal alvo do EI? Trata-se de um dos países que mais luta contra o grupo em si, apoia o ditador Sírio, que luta contra o EI, e, também, é o segundo maior contribuinte para as operações aéreas da coaligação internacional liderada pelos EUA contra o EI na Síria e Iraque. Segundo Mónica Ferro, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, há duas razões principais: a primeira é o empenho militar francês no combate ao Estado Islâmico (EI) na Síria, Iraque e Líbia; a segunda é que a França tem grandes comunidades de jovens que estão “desenraizados” e que são mais facilmente cooptados por grupos terroristas. Para Peter Neumann, especialista em radicalização no King’s College de Londres, “a França é odiada não apenas como nação que é associada às Cruzadas, como outros países europeus, mas também porque é acusada de ter uma agenda anti-islâmica.” Além disso, também é um dos países mais expostos em relação às políticas estrangeiras, pois é um dos únicos que possui, efetivamente, oficiais em campo envolvidos em países muçulmanos.

Destacamos, do corpo do texto da notícia em francês (Figura 6), a utilização de “djidhdiste”: «Près de 300 personnes ont été arrêtées en France depuis janvier pour leurs liens avec « des filières terroristes », a déclaré samedi le ministre de l’Intérieur Bernard Cazeneuve, louant les « résultats » obtenus par ses services face à la menace djidhdiste.». O termo, segundo a definição do Dicionário Larousse, está fortemente ligado ao terrorismo de caráter islâmico. Na tradução para o português (Figura 5), o termo utilizado foi “extremista” – *Quase 300 pessoas foram detidas na França desde janeiro por vínculos com “redes terroristas”, declarou Bernard Cazeneuve, que elogiou os resultados obtidos pelas forças de segurança ante a ameaça extremista* –, embora haja jihadista<sup>11</sup> na língua portuguesa. Essa escolha lexical (“extremista”) no texto traduzido, em uma primeira leitura, parece apontar para uma forma de não se

<sup>10</sup> O Estado Islâmico (EI) é um grupo denominado terrorista, o qual iniciou sua atuação no Iraque e na Síria, e tem executado ataques em vários lugares do mundo. Segundo a Encyclopedia Britannica, o grupo começou a operar na guerra do Iraque (2003-2011), sendo derivado do grupo Al-Qaeda. O EI luta para instituir um mundo baseado na lei islâmica.

<sup>11</sup> Relativo a jihad ou a jihadismo; que ou pessoa que defende ou participa na jihad (guerra santa muçulmana).

repetir o termo. No entanto, nenhuma escolha é inconsciente. Ao escolher extremista no primeiro momento do texto, a tradução demonstra uma suavização e um distanciamento. Jihadista é um termo que deriva de Jihad, a guerra santa muçulmana. Ameaça extremista pode se referir a qualquer grupo que seja ligado a ideias radicais. A tradução mantém o termo jihadista no segundo momento, porém o efeito de atenuação parece ter sido alcançado.

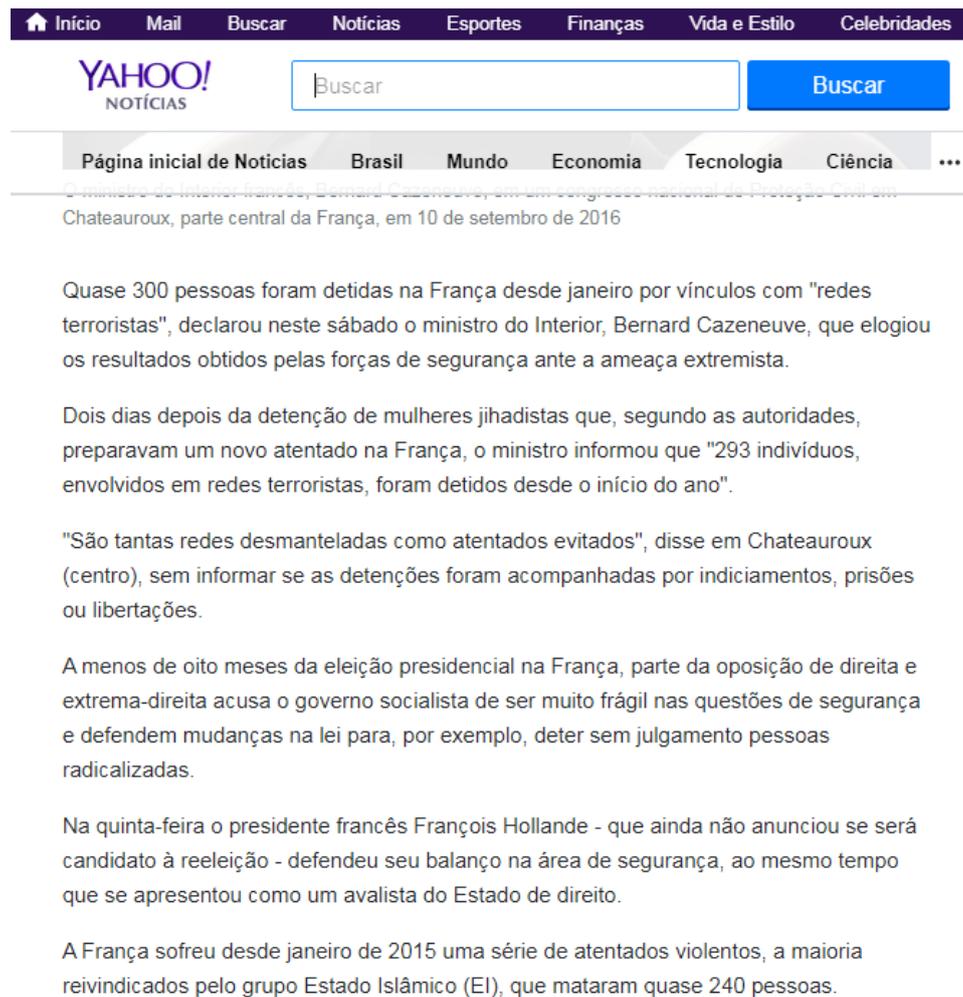


Figura 5 – Notícia em português

No segundo parágrafo da notícia em francês, há menção sobre a prisão de mulheres – «Deux jours après l’arrestation d’un commando de femmes djihadistes qui, selon les autorités, préparaient un nouvel attentat contre la France, le ministre a fait état de l’arrestation de « 293 individus, engagés dans des filières terroristes, depuis le début de l’année » –, de modo que a utilização da preposição “contre” parece marcar que os ataques seriam contra o país. Já na tradução da notícia em português, a formulação é outra: “Dois dias depois da detenção de mulheres

jihadistas que, segundo as autoridades, preparavam um novo atentado na França, o ministro informou que ‘293 indivíduos, envolvidos em redes terroristas, foram detidos desde o início do ano’”.



Figura 6 – Notícia em francês

O uso das preposições “contre” (notícia em francês) e “na” (notícia traduzida para o português) marca as diferentes posições ideológicas: o texto de partida, em francês, apresenta uma proximidade em relação aos ataques; já a tradução, em português, tal proximidade é inexistente. Entre o texto de partida (francês) e o de chegada (português), há a omissão do seguinte parágrafo:

« Nous sommes dans une action extrêmement intense, de chaque instant pour protéger les Français et nous obtenons des résultats », a encore plaidé le ministre, alors que les mesures prises pour répondre à la menace jihadiste sont au coeur de la campagne pour la présidentielle du printemps 2017.

A omissão dessa passagem, a qual fala das eleições e do bom trabalho do governo francês para combater o terrorismo, produz um efeito de apagamento no texto traduzido, ao anular a discussão acerca do trabalho realizado pelo governo

francês. Esse apagamento parece instaurar uma tentativa de silenciamento, de ordem histórico-político (ORLANDI, 1997), que visa à perpetuação de determinado ponto de vista – a do tradutor, o qual não é consciente, mas se justifica pela posição (sócio-histórica-ideológica) assumida no discurso. O silêncio pode permitir, ainda, nesse caso, a produção de outros sentidos pela ausência, como, por exemplo, a ideia de que a ação do governo francês teria pouca influência nos acontecimentos.

## Conclusão

Ao longo dessa abordagem, procuramos refletir sobre os sentidos relacionados a “terrorismo”, em uma tradução específica – do francês para o português – publicada pela *Agence France-Presse* (AFP) na mídia digital. Conforme sinalizamos, os diferentes usos lexicais, bem como apagamentos de termos e/ou de trechos da notícia são recorrentes na versão traduzida, o que promove a emergência de sentidos outros e parece indicar a impossibilidade de fidelidade do processo tradutório. Da perspectiva discursiva em que a discussão está ancorada, também não é possível pensar em um sentido único e verdadeiro, já que a ideologia se impõe e regula o que pode e o que deve ser dito, bem como o que não pode e não deve ser dito acerca de “terrorismo”, de maneira que os sentidos são sempre passíveis de serem construídos e reconstruídos, de acordo com a posição de cada tradutor e, ainda, de cada leitor da notícia publicada na mídia digital.

## Referências

AFP. Quase 300 detidos desde janeiro na França por vínculos com redes terroristas.

**Yahoo! Notícias**, 10 set. 2016. Disponível em:

<<https://br.noticias.yahoo.com/300-detidos-janeiro-fran%C3%A7a-v%C3%ADnculos-redes-terroristas-142210714.html>>. Acesso em: 16 set. 2017.

AFP. Terrorisme: près de 300 personnes arrêtées depuis janvier en France. **Le**

**Devoir**, 10 set. 2017. Disponível em:

<<http://www.ledevoir.com/international/europe/479737/terrorisme-pres-de-300-personnes-arretees-depuis-janvier-en-france>>. Acesso em: 10 set. 2017.

AFP. Informação sobre a agência de notícias AFP. Disponível em:

<<https://www.afp.com/fr>>. Acesso em: 16 set. 2017.

AGENCE FRANCE-PRESSE (A.F.-P.). In : **Encyclopedie Larousse**. Disponível

em: <<http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/France-Presse/120130>>. Acesso em: 16 set. 2017.

AGENCE FRANCE-PRESSE (AFP) FRENCH NEWS AGENCY. In: **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em:

<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:o-iidtzmhToJ:https://www.britannica.com/topic/Agence-France-Presse+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 16 set. 2017.

CHARLES LOUIS HAVAS. **Encyclopedie Larousse**. Disponível em:

<<http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Havas/123348>>. Acesso em: 16 set. 2017.

DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa [online]. Porto: Porto Editora.

Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jihadista>>. Acesso em: 16 set. 2017

[FERREIRA, M. C. L.](#) O caráter singular da língua no discurso. **Organon** (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 17, n.35, p. 189-200, 2003.

MALDIDIÉ, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed, Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Lexicografia discursiva. **Alfa**, São Paulo, 44:97-114, 2000.

PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

ROCHA, G. G.; OSÓRIO, P. L. S. **Notícias à venda**. O processo de produção da *Agence France-Presse* (AFP), São Leopoldo-RS, 2009. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1843-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

ROCHA, H. C. L. Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação. **Contracampo**, v.16, p.113-130, 1º sem. 2007. Disponível em:

<<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/395>>. Acesso em: 16 set. 2017.

THE 2015 TERRORIST ATTACK AT CHARLIE HEBDO'S OFFICES. In:

**Encyclopædia Britannica**. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/topic/Terrorist-Attack-on-Charlie-Hebdo-s-Offices-The-2033415#ref328864>>. Acesso em: 16 set. 2017.

TRAQUINAS, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

Artigo recebido em: 26/04/2018

Aprovação final: 12/12/2018

## DA VIOLÊNCIA DO DISCURSO AO DISCURSO DA VIOLÊNCIA: CONSTRUÇÕES MIDIÁTICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA URBANA

Cássio Eduardo Soares Miranda<sup>1</sup>

### Resumo:

*Este ensaio tem como objetivo analisar os discursos construídos acerca da violência urbana pela revista Veja online no intuito de se verificar o modo de organização do discurso acerca do tema, bem como os saberes compartilhados pela revista. Assume como referencial as teorizações sobre o discurso midiático proposto por P. Charaudeau e seus efeitos nos imaginários sociais a partir de J. Lacan. Metodologicamente, o ensaio descreve o corpus coletado, apresenta as regularidades discursivas, identifica suas visadas e demonstra a intencionalidade do veículo de comunicação. Por fim, apresenta os critérios comuns que regem a construção do discurso informativo. Como resultado preliminar, contata-se o uso recorrente da encenação argumentativa pelo sujeito argumentante jornalista com predomínio de fórmulas discursivas que acionam valores compartilhados por um grupo tendo em vista o alcance do horizonte de expectativas desse grupo pela fabricação do consenso social.*

**Palavras-chave:** *Violência; Mídia; Discurso; Subjetividade.*

### Abstract:

*This essay aims to analyze the discourses about urban violence by Veja online magazine to verify the way of organizing the discourse about the theme, as well as the knowledge shared by the magazine. It assumes as reference the theories on the media discourses proposed by P. Charaudeau and its effects on the social imaginaries from J. Lacan. Methodologically, the essay describes the collected corpus, presents the discursive regularities, identifies its aims and demonstrates the intentionality of the communication vehicle. Finally, it presents the common criteria that govern the construction of informative discourse. As a preliminary result, we contact the recurrent use of argumentative staging by the argumentative journalist subject with a predominance of discursive formulas that trigger values shared by a group in order to reach the expectations horizon of this group by the fabrication of social consensus.*

**Keywords:** *Violence; Media; Discourse; Subjectivity.*

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Trabalho "Psicanálise e Educação" da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC). Contato: [cassioedu@ufpi.edu.br](mailto:cassioedu@ufpi.edu.br).

## Introdução

A violência constitui-se como um dos grandes problemas do mundo contemporâneo. Trata-se de um fenômeno relevante do ponto de vista de suas causas e efeitos, sobretudo no que diz respeito aos impactos causados na saúde da população. De outra maneira, trata-se ainda de uma questão de ordem econômica, uma vez que estimativas demonstram que cerca de 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é consumido por custos diretos com a violência (BRICEÑO-LEON, 2002). Como se trata de um fato histórico, sempre presente na história da humanidade, a violência configura-se como uma temática que toca à uma diversidade de interesses do ponto de vista acadêmico, seja no campo da saúde, das ciências jurídicas e sociais, seja no campo comunicacional.

No presente ensaio, discutiremos a problemática da violência estabelecendo um recorte do ponto de vista de sua produção discursiva. Conforme será demonstrado no decorrer deste texto, o discurso é uma instância de formação de subjetividades e a mídia hegemônica constitui-se como um modo privilegiado de produção de sentido no mundo contemporâneo. Sendo assim, propõe-se a discutir os discursos construídos acerca da violência juvenil pela mídia hegemônica brasileira, de modo mais específico pela revista *Veja*, por ser ela a revista de maior circulação nacional e por ter-se constituído, ao longo dos anos, como o principal órgão da imprensa responsável pela veiculação de opiniões marcadamente conservadoras no país. Sendo assim, tomaremos como material de análise matérias veiculadas pela revista *Veja online* acerca da violência urbana, no intuito de se verificar o modo de organização do discurso acerca do tema, bem como os saberes compartilhados pela revista. Tomaremos como referência para nossa discussão, as teorizações sobre o discurso midiático (CHARAUDEAU, 2006; SOULAGES, 2007) e seus efeitos nos imaginários sociais (LACAN, 1979; KEHL, 1996).

### 1 Produção midiática dos sentidos discursivos

As sociedades contemporâneas são marcadas por redes interpenetradas de comunicação e a máxima popularizada de que “informação é poder” tem caracterizado cada vez mais o tempo presente. Cada vez mais partícipe do “império dos sentidos”, o discurso midiático parece crer que “Não existem fenômenos nem

fatos absolutos, eles são construídos pelo discurso (...), mas, mesmo assim, deve-se controlar, regrar, regulamentar (...) esse movimento da linguagem que não apenas relata o referente, mas o significa” (GUIMARÃES, 1999, p. 111). Nesse sentido, Guimarães defende que a lógica própria e relativamente autônoma do discurso midiático não é autossuficiente, mas, de algum modo, de maneira significativa, participa do processo de produção de sentido no mundo.

Segundo Charaudeau, (2006), a mídia é um espelho deformante da realidade ao mesmo tempo em que é uma máquina produtora de mitos (KEHL; BUCCI, 2004). A dupla lógica midiática – simbólica e econômica – transformou a sociedade contemporânea em uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967) e assumiu o pleno caráter que lhe é garantido, que é o da mediação. É desse lugar que o consumo das imagens nas sociedades atuais, somado ao desenvolvimento das tecnologias da instância de produção, deu às mídias e às suas imagens construídas um caráter de autonomia que interfere diretamente na organização social e na vida das pessoas em particular, conforme apontado acima. Ao funcionar segundo lógicas diferenciadas, ela se vê obrigada a seguir não só a lógica semiológica, aquela que se encarrega de produção de signos e sentidos, de representações construídas pelos sujeitos sociais, mas também persegue uma lógica econômica, que implica na sobrevivência em um mercado competitivo e seletivo. Tal lógica – a de mercado – impõe à mídia uma visada<sup>2</sup> de *fazer sentir*, tendo em vista a sedução de um número máximo de pessoas (MIRANDA, 2016, p. 65 ).

No que tange à produção de sentidos acerca da temática a ser tratada neste artigo, a visada de captação se orienta em direção ao parceiro da troca, instituído como destinatário de uma mensagem e que necessita ser despertado para o propósito que o veículo midiático interessa veicular (MIRANDA, 2016, p. 67). Desse modo, na busca pela sobrevivência e “engajada” em uma visada de credibilidade, a mídia jornalística, seja de qual espécie for, “[...] acha-se, então, ‘condenada’ a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida” (CHARAUDEAU, 2005, p. 92). Satisfazer esse princípio implica em realizar uma encenação que mobilize elementos

---

<sup>2</sup> Na perspectiva da teoria semiolinguística do discurso, o termo *visada* refere-se à uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira. De acordo com Patrick Charaudeau (2004), “As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção. As visadas correspondem, assim, à atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional. Os tipos de visada são definidos por um duplo critério: a intenção pragmática do *eu* em relação com a posição que ele ocupa como enunciatador na relação de força que o liga ao *tu*; a posição que da mesma forma *tu* deve ocupar”.

capazes de emocionar sujeitos inscritos em um dado universo. Para tanto, a mídia se apropria de saberes, crenças e figuras prototípicas que se inscrevem em uma regulação coletiva das trocas sociais. *Fazer sentir*, então, implica em acionar estratégias capazes de seduzir o espectador através de estados emocionais aptos a movimentar toda uma ação dramatizante desse espectador, o que implica na construção de um objetivo comunicativo *sedutor* (CHARAUDEAU, 1996).

Segundo esse autor, o homem busca construir sentido, encontrar respostas e dar significado para sua existência através de histórias, de narrativas construídas para dar conta da existência. Tais narrativas podem encontrar fundamento em diversas categorias socioculturais e, para fazer valer sua ideia e seu posicionamento, a sedução passa a se configurar como uma importante estratégia de captação e fidelização do parceiro da troca enunciativa. De todo modo, o sentido se constrói sobre a “teatralização generalizada da vida comunitária, o jogo cotidiano dos simulacros, conscientemente ou inconscientemente assumidos, a partilha de papéis, a metaforização e a figuração de nossas palavras” (PARRET, 1989). De algum modo, um estudo sobre os sentidos construídos acerca da violência pelo discurso midiático passa pela teatralização da vida comunitária realizada por tais veículos.

Sendo assim, uma importante estratégia para o estabelecimento do sentido refere-se à mobilização de imaginários coletivos circulantes em uma dada comunidade, uma vez que os saberes partilhados servem como uma lente pela qual o sujeito lê o mundo e faz com que ocorra uma projeção e uma identificação do sujeito interpretante através da qual ele decodifica o mundo. Os imaginários, assim, são construídos a partir de representações vivenciadas (mais ou menos conscientemente) por uma dada sociedade e faz com que cada cultura tenha uma imagem do que é ser mulher, ser homem, da morte, da doença, da violência *etc.* Daí a tendência à “estereotipagem” pela mídia, pois os estereótipos promovem uma espécie de consenso social.

O estereótipo é uma ideia pré-concebida que se tem do banqueiro, do militante de extrema esquerda ou direita, relacionando-se à imagem que portamos do *cowboy* e da “solteirona”. O termo foi introduzido nas ciências sociais pelo jornalista americano Walter Lippmann, em 1922, segundo o qual ele chamou de uma “imagem em nossa cabeça” (LIPPMANN *apud* AMOSSY, 1991, p. 9) que trazemos a respeito de algo ou alguém, estando relacionado ao esquema fixo através do qual o indivíduo apreende o real. De acordo com Amossy (1991), o estereótipo é o “prêt-à-porter” do espírito, uma vez que se constitui como uma ideia pré-concebida que cada sujeito faz

de uma classe ou tipo de pessoas. Para essa autora, o sujeito é constituído de representações coletivas através das quais ele apreende a realidade quotidiana e constrói as significações do mundo. São as significações construídas que a Psicologia Social denomina de *Representações Sociais* considerando-a como uma descrição que se faz da realidade de acordo com significados elaborados socialmente, cujos sentidos são atribuídos de modo pessoal.

Na atualidade, a imprensa assume um papel preponderante na construção de novos estereótipos e no reforço de antigos. “Reciprocamente”, sustenta Amossy (1991, p. 9), “a produção cultural se nutre das imagens que circulam na sociedade contemporânea”. Ela, por sua vez, se assenta necessariamente em um estoque pré-existente de representações coletivas, fazendo modificações necessárias, alcançando mais ou menos sucesso. Assim, com um vai-e-vem incessante, as imagens se firmam em nossa mente através de uma divulgação abundante das ideias e representações advindas também da mídia. Com Amossy (1991, p. 11), pode-se pensar que o conceito de estereótipo é universal, sendo o seu modo de expressão e de difusão particulares. Cada comunidade a transmite de maneiras e modos diferentes a seus membros. Sendo universal, o conceito, a seu tempo, não é absoluto e eterno, “[...] mas uma noção encontrada na época moderna e bem-feita para servi-la. A consciência do estereótipo é a última defesa que se dá uma sociedade dedicada ao nivelamento por baixo e à automatização”.

Lochard e Boyer (1998) apontam três critérios comuns que regem a construção do discurso informativo e que se aplica ao nosso trabalho proposto. O primeiro é o *critério da atualidade*. Tal critério repousa sobre o fato de, na representação jornalística, a atratividade de um tema estar ligada a seu grau de atualidade. Refere-se à atualidade e instantaneidade de um tema e ainda ao seu grau de importância na atualidade, tal como as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, a corrupção e a violência urbana, somente para listar três exemplos. O segundo critério é o *critério da proximidade*. Trata-se da proximidade geográfica do evento, pois o interesse do leitor é diretamente proporcional à proximidade espacial do evento, conforme sustentam esses autores. Por sua vez, o terceiro e último critério é o *critério psicoafetivo*, que é aquele item que leva em consideração a carga de ressonância emocional e imaginária “[...] em função de sua dimensão insólita, excepcional, dramática ou trágica” (LOCHARD; BOYER, 1998, p. 30). Tais critérios serão levados em consideração no momento da análise, ao se verificar os itens citados como nortes importantes na escolha temática da matéria a ser tratada pela edição *online* revista.

## 2 Discursos sobre a violência

O século XX, por sua característica de revoluções e guerras de dimensões mundiais, possui a violência como seu denominador comum. Trata-se de um fenômeno cujos problemas a ele ligados são numerosos, complexos e de natureza distinta. Como se trata de um tipo de manifestação recorrente nas mais diversas sociedades, sua ocorrência tem efeitos, conforme já dito, nas mais variadas instâncias da vida social e se tornou em uma problemática a ser enfrentada pela saúde pública. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência é definida como o “Uso **intencional** da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiências de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002, p. 5). De tal definição, algumas consequências são extraídas, a saber: a) existe uma associação entre intencionalidade e realização do ato; b) o uso intencional da força causando algum dano; c) a violência é um fenômeno Multicausal, Pluridimensional, Multifacetado e complexo; d) envolve: situações, pessoas e ambientes.

O discurso da saúde, de certo modo, encontra amparo nas Classificações e Códigos padronizadores que servem de orientação na conduta diagnóstica de profissionais desse campo. De acordo com a Classificação Internacional das Doenças (CID), a violência social enquadra-se na categoria de *Causas Externas* de morbidade e mortalidade e abrange uma série de eventos, tais como: suicídios, homicídios e acidentes (OMS, 2008). Como se trata de uma tentativa de descrição de um evento associado ao campo da saúde, destaca-se que a CID-10 possui uma configuração discursiva desagregada das dimensões sociais, políticas, econômicas e subjetivas que entram em causa no fenômeno da violência. Por outro lado, em função do caráter descritivo das mais diversas formas de violência, esse tipo de discurso tentar reduzir implicações pessoais do profissional de saúde responsável pelo atendimento das vítimas das mais variadas formas de violência, bem como do uso de dados e evidências ao se fazer a notificação de ocorrência em saúde.

Por sua vez, a compreensão de que a sociedade é um local de conflitos coloca a violência como um devir social. Do ponto de vista de uma certa sociologia, a violência origina-se na dimensão social presente em todo indivíduo. Por um lado, autores como

Morin (2002) sustentam que parte da dimensão conflituosa do social reside na ambiguidade presente em todo o homem:

O ser humano é razoável e não é, capaz de prudência e de insensatez, racional e afetivo; sujeito de afetividade intensa, sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer objetivamente. É um ser calculador e sério, mas também ansioso, angustiado, embriagado, extático, de gozo; é um ser invadido pelo imaginário e que pode reconhecer o real, que sabe da morte, mas não pode aceitá-la, que destila mito e magia, mas também ciência e filosofia; possuído pelos deuses e pelas idéias, duvida dos deuses e critica as idéias. Alimenta-se de conhecimentos verificados, mas também de ilusões e quimeras. Na ruptura dos controles racionais, culturais, materiais, quando há confusão entre objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, hegemonia de ilusões, insensatez, o *homo demens* submete *homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço dos seus monstros (MORIN, 2002, p. 127).

Como se nota, para o referido autor a violência reside na submissão do racional pelo emocional, sendo uma espécie de desmesura cometida pelo homem. De algum modo, as pesquisas sociológicas mais recentes têm discutido o tema da violência sob o enfoque de uma relação interpessoal na qual ao indivíduo não é dado o devido reconhecimento. Trata-se de uma modificação recente nesse campo do saber, que anteriormente tendia a nomeá-lo como dessocializado ou selvagem. Tal mudança, segundo Morin (2002), deve-se à compreensão de que a ordem das sociedades complexas não se obtém pelo reforço das regras e dos comportamentos conformados a elas. Por outro lado, a partir das considerações desse teórico, pode-se falar em uma *cultura da violência* em função mesmo dela se espalhar em toda a teia social, encontrando-se presente em quase todos os espaços e campos de representação.

Pode-se dizer, por um lado, que os fatores socioeconômicos são quase sempre necessários para explicar certos tipos de violência, mas não são suficientes para elucidar a sua origem onto-axiológica. De fato, é possível estabelecer uma associação entre desigualdade social e violência. Ignacio Cano (1996) apontou que a distribuição dos homicídios no Rio de Janeiro se dá nas áreas de maior pobreza e de maior concentração de favelas. Da mesma forma, estudo conduzido por Claudio Beato (2001) encontrou resultados semelhantes em Belo Horizonte. Igualmente, o Mapa da Violência de 2016 (WAISELFISZ, 2016) apontou que em 2014 quase 60 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. Com uma repetição no padrão de ocorrência, os dados demonstram que há fortes componentes associados aos fatores de classe, gênero,

raça, faixa etária e escolaridade na distribuição dos crimes de maior letalidade. Como detectado, a violência é mais presente principalmente entre os jovens pobres, negros, do sexo masculino e com menos de 8 anos de escolaridade. Da mesma maneira, o Atlas da Violência (WASELFISSZ, 2017) corrobora a tese desse padrão de ocorrência, mostrando que existem categorias de pessoas explicitamente mais vulneráveis à violência em seu cotidiano. Conforme apontado acima, são os jovens, negros, pobres e com menos inclusão e tempo escolar do sexo masculino que pagam com a vida as contradições socioeconômicas, sistêmicas e históricas da sociedade brasileira. De acordo com o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas:

O Brasil registrou, em 2015, 59.080 homicídios. Isso significa 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. Os números representam uma mudança de patamar nesse indicador em relação a 2005, quando ocorreram 48.136 homicídios. As informações estão no [Atlas da Violência 2017](#), produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo analisa os números e as taxas de homicídio no país entre 2005 e 2015 e detalha os dados por regiões, Unidades da Federação e municípios com mais de 100 mil habitantes. Apenas 2% dos municípios brasileiros (111) respondiam, em 2015, por metade dos casos de homicídio no país, e 10% dos municípios (557) concentraram 76,5% do total de mortes (IPEA, 2017).

A desigualdade social é um fator predisponente e, em alguns casos, condicionante da violência, mas tudo depende do contexto, das relações intersubjetivas, dos fatores psicossociais, da estatura moral dos indivíduos, ou seja, o problema envolve dimensões existenciais complexas e, na reflexão aqui proposta, não tomaremos como referência apenas os casos de homicídio e crimes contra a vida, mas também as mais variadas formas de violência existentes no campo social.

Em 1948, o psicanalista francês Jacques Lacan publicou o artigo “A agressividade em psicanálise”, na tentativa de refletir os efeitos da agressividade vivenciados em uma época devastada pela presença de Hitler no mundo. Lá, assim como hoje, a psicanálise estabelece uma distinção entre agressividade e violência. A contemporaneidade, por sua vez, indica uma característica peculiar de certos sintomas que resistem à decifração da linguagem, tais como a anorexia, a bulimia e as toxicomanias; a violência, assim, faz parte também desse rol de sintomas contemporâneos resistentes à significação. Nesse contexto, a violência é vista como um sintoma, no sentido psicanalítico, sendo uma maneira de dizer de algo que não funciona bem dentro de uma ordem estabelecida. Se a agressividade é uma espécie

de “condição humana” em função da própria constituição do *eu*, a violência não parece ser.

No seminário cinco, *As formações do inconsciente (1957- 1958)*, Lacan destaca que a agressividade não pode ser confundida com a “potência agressiva”, sendo que a “potência agressiva” se encontra associada à violência na medida em que esta é “[...] o essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a palavra; inclusive, é exatamente o contrário. O que se pode produzir em uma relação inter-humana é a violência ou a palavra” (LACAN, 1957, p. 468). Nota-se, desse modo, que a violência talvez seja exatamente um curto-circuito no campo da palavra, uma espécie de demissão da palavra: “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?” (LACAN, 1954, p. 376).

Por outro lado, é importante considerar a mídia como função psicossocial, a partir da concepção de que os produtos midiáticos assumem a função de mercadoria, por mais jornalístico que possa parecer. A violência, da mesma forma, surge como uma importante mercadoria no mundo contemporâneo, sustentando e sendo sustentada pelo mercado de segurança. Nesse sentido, uma inversão se opera: a mercadoria produzida pela instância midiática, no lugar de depender das necessidades humanas faz com que as necessidades dela passem a depender. As implicações psicossociais de tal inversão são múltiplas, mas, talvez a mais evidente seja a transposição de uma necessidade social para uma necessidade no âmbito privado.

Longe de se pensar em uma perspectiva comportamentalista do universo midiático, a partir da lógica de que a produção midiática, sobretudo a televisiva gera comportamentos, é importante destacar que existe um efeito das produções imaginárias na formatação do olhar e na produção de subjetividades. A esse respeito, Karprzak (1997) assinala as variadas maneiras de cada sujeito assimilar as enunciações midiáticas, sobretudo as televisivas. O referido autor destaca que determinantes socioculturais, psicológicas e até mesmo econômicas interferem na interpretação que os sujeitos fazem das mensagens transmitidas pela televisão.

No que respeita à violência e sua construção discursiva pelo universo midiático, muitos autores (BANDURA, 1961; SADOCK, 2007; MASSOLO, 1992) ocupam-se dos efeitos do discurso midiático na produção da agressividade. Poucos autores, no entanto, ocupam-se em demonstrar o discurso midiático sobre a violência. Njaine (2006) investiga os sentidos construídos por adolescentes à

violência na mídia, sobretudo a televisão. A autora pesquisa a forma como os jovens interagem com essa mídia e como se apropria de suas mensagens. Alves e Silva (2013), em um estudo que interessa a este artigo, intenta investigar o discurso da mídia impressa sobre a violência escolar na cidade de Belém (PA) e a construção que tal mídia faz acerca da imagem do jovem envolvido na suposta violência escolar. Segundo as autoras, existe, por parte da mídia impressa daquela cidade, a tendência à criminalização da juventude envolvida em algum ato considerado com violência escolar.

De todo o modo, de maneira geral, o discurso midiático sobre a violência é aquele que transforma o fenômeno em espetáculo e o fato violento em consumo emocional. Com a proliferação da violência no campo social e sua recorrente presença na mídia, cabe-nos investigar qual o discurso veiculado pela revista *Veja* acerca da violência urbana, com a hipótese de que existe uma associação entre violência e pobreza por parte desse veículo de comunicação.

### **3 Veja: uma violência**

Este artigo, conforme dito, intenciona realizar uma análise discursiva de reportagens da Revista *Veja* sobre a violência urbana. O referido veículo foi escolhido por ser a revista semanal de maior circulação no país. Trata-se de uma publicação fundada em 1968 e alcança uma parte significativa da classe média brasileira. Da mesma maneira, a versão *online* da publicação apresenta as matérias presentes na edição impressa, bem como artigos instantâneos. Para a realização da investigação acerca do discurso de *Veja* sobre a violência urbana, foi utilizado o método empírico-dedutivo. Para Charaudeau:

A análise do discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, não é experimental, mas empírico-dedutiva. Isto quer dizer que o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurada em uma certa substância semiológica (verbal) e é tal configuração que ele percebe e pode manipular para determinar, por meio da observação das compatibilidades e das incompatibilidades de infinito possível das combinações, os cortes formais simultaneamente às categorias conceptuais que lhes correspondem (CHARAUDEAU, 1996, p. 36).

Partindo de tais preceitos metodológicos, valemo-nos de uma metodologia ascendente, ou seja, partimos de algumas categorias de língua, passamos pelas

categorias de discurso e, por fim, analisamos a situação de comunicação na qual os textos de nosso *corpus* estão inseridos. Assim, o Quadro Metodológico da teoria semiolinguística, em síntese, pode ser explicitado da seguinte maneira: o Método empírico-dedutivo é aquele que se caracteriza quando se parte de uma situação geral e genérica para uma particular. O método dedutivo procura demonstrar, mediante a lógica pura, a conclusão na sua totalidade a partir de algumas premissas, de maneira que se garante a veracidade das conclusões, se não se invalida a lógica aplicada. Trata-se do modelo axiomático proposto por Aristóteles como método científico ideal. Dentre nossos objetivos, procuramos levantar as características dos comportamentos linguageiros (“como dizer”) em função das condições psicológicas que as limitam segundo os tipos de situação de intercâmbio (“contrato”), visando definir o Projeto de fala da revista Veja acerca da temática estudada.

Desse modo, o estabelecimento do *corpus* se deu da seguinte maneira: foram escolhidos artigos sobre a violência urbana publicados na edição *online* da revista Veja no período de junho a agosto de 2017, na rubrica *Brasil*. Foi realizada uma classificação do Projeto de Fala da revista no que respeita à violência urbana bem como os modos de construção discursiva em torno da referida temática. No que diz respeito ao estudo discursivo propriamente dito, buscamos estabelecer princípios de contrastividade e de semelhança entre os textos; examinamos os contratos que os geraram e a época em que estão produzidos, verificando assim a que tipos de leitores se destinam. Do ponto de vista das *visadas* discursivas (CHARAUDEAU, 2004), podemos dizer que elas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva em cada texto, ou seja, neles se configuram elementos da situação de comunicação que convocam outros elementos: identidade, propósito e circunstâncias. No que diz respeito às identidades dos participantes, de um lado temos a instância literária e imagética e, de outro, a instância cidadã-receptora. Se a instância produtora - seja ela literária e/ou imagética - aparece como importante elemento de construção de subjetividades, a instância cidadã-leitora é aquela que identifica os elementos situacionais, as representações sócio-linguageiras, os imaginários.

### 3.1 Procedimentos de análise

Com o objetivo de desenvolver um estudo contrastivo do *corpus* acima descrito, nossa pesquisa obedeceu a três etapas metodológicas:

- (1) descrição dos *corpora* coletados a partir de grades de análise conforme categorias a serem estudadas, no caso: categoria de discurso e contrato situacional.
- (2) comparação (tanto por associação quanto por dissociação) do material produzido a partir da primeira etapa. Foi realizado um levantamento das regularidades e irregularidades discursivas e situacionais.
- (3) Identificação das visadas discursivas de cada texto para verificarmos, por contabilização, a visada dominante dos textos. A partir da comparação das visadas de um e outro texto, pudemos dizer qual a intencionalidade dos textos produzidos em cada momento.

Do ponto de vista de uma análise discursiva a ser apreendida neste artigo acerca da violência, tentaremos estabelecer as regularidades discursivas presentes na revista *Veja* a partir dos elementos presentes nas matérias elencadas para, finalmente, estabelecermos o discurso da revista sobre a violência urbana. Assim, tomaremos, de início, as (i) *visadas discursivas* do referido veículo de comunicação e, (ii) critérios comuns que regem a construção do discurso informativo.

Tomemos como ponto de partida a matéria abaixo, que trata de um assalto realizado no Mooca Plaza Shopping, em São Paulo:

#### **Assalto causa pânico no Mooca Plaza Shopping**

Cientes se fecharam dentro de lojas. Não há registro de feridos

Por **Da Redação**

Access\_time1 out 2017, 12h37 - Publicado em 30 set 2017, 23h32



O **assalto** a uma loja de telefonia celular levou pânico ao **Mooca Plaza Shopping**, na Zona Leste de São Paulo, na noite deste sábado 30. Não há relato de que alguém tenha se ferido. Segundo informações de comerciantes, os assaltantes conseguiram fugir sem ser pegos. Rumores de **tiroteio** se espalharam, mas não há registro de que tenha ocorrido. Muitos frequentadores se trancaram dentro de lojas e restaurantes. Alguns chegaram a fechar as portas. O caso foi registrado no 56º Distrito Policial, da Vila Alpina. O shopping é muito frequentado por famílias com crianças, devido a constantes atrações infantis. O movimento era intenso.

Em nota, o shopping Mooca Plaza Shopping informou: *“Na noite deste sábado (30/09) ocorreu um assalto em uma das lojas de suas dependências. A ação foi próxima ao fechamento do centro de compras e não houve vítimas. O empreendimento está à disposição das autoridades e colabora para a investigação do caso”*.

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/assalto-causa-panico-em-shopping-de-sao-paulo/>

A região da Mooca, em São Paulo, é um tradicional distrito de classe média e média alta da zona leste da cidade de São Paulo. Trata-se de um dos mais tradicionais distritos daquela que é a cidade mais rica do país. Como é uma região que passa por crescente valorização imobiliária, com a presença de imponentes condomínios residenciais, seu shopping é costumeiramente frequentado por famílias de classe média e média alta. O shopping center, por sua vez, aparece no imaginário da população como um local seguro e livre de conflitos sociais.

Como se trata de discurso jornalístico, a visada informativa é a principal, sobretudo em um veículo de comunicação como a revista Veja. Todavia, a visada afetiva não está ausente, sobretudo pelos efeitos pathêmicos<sup>3</sup> causados pela irrupção

<sup>3</sup> No direcionamento teórico adotado neste ensaio, os efeitos pathêmicos são efeitos discursivos que se apresentam como a resultante de estratégias discursivas dos interlocutores, tendo em vista a produção de efeitos emocionais. São efeitos de sentido sociais das emoções produzidas discursivamente. Para maior esclarecimento acerca do conceito, ver CHARAUDEAU, 2007.

emocional que um assalto em região nobre e em local pretensamente protegido causa comoção sobretudo nos frequentadores de shopping centers.

Ao se considerarem os critérios presentes na construção do discurso informativo, temos:

*i) Critério da atualidade.* Trata-se de um fato acontecido recentemente, mas que, no momento de sua ocorrência, foi imediatamente noticiado, uma vez que se trata de uma publicação *online*. Tal elemento permite ao leitor acessar as informações sobre o ocorrido quase no momento do acontecimento do fato. Ademais, o tema da violência é atual, na medida em que o Brasil apresenta dados crescentes acerca desse fenômeno.

*ii) Critério da proximidade.* A proximidade geográfica do evento interessa mais aos moradores da região, mas de algum modo toca a todos em função da possibilidade de generalização que o espaço geográfico “shopping center” promove. Em quase todas as cidades de porte médio e grande do país esse empreendimento está presente e promove a mesma concepção de segurança, conforto e tranquilidade.

*iii) Critério psicoafetivo.* A carga de ressonância emocional e imaginária desperta emoção, sobretudo quando existe a oposição entre o fenômeno esperado e a quebra contratual por ele promovida. No caso, a segurança presente nos shoppings centers de regiões mais abastadas da cidade em oposição à irrupção do fenômeno da violência que ali se passa.

No quadro abaixo, tem-se uma síntese dos principais elementos que compõem a intencionalidade do texto:

Quadro 01: Principais elementos que compõem a intencionalidade do artigo *Assalto causa pânico no Mooca Plaza Shopping*

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	<b>ESTRATÉGIA DISCURSIVA</b>	<b>ENCENAÇÃO DISCURSIVA</b>
Visada informacional: Autor ou fonte do texto: “Da redação”	Estratégias de captação: Título do artigo; “rumores de tiroteio”; presença de crianças; clientes trancados nas lojas	Saberes de crenças: shopping center enquanto local seguro
Critério da atualidade: matéria publicada no mesmo dia do acontecimento; a presença constante da violência nos noticiários	-	-
Critério da proximidade:	-	

<p>matéria que se refere à cidade de São Paulo, mas que, no entanto, o elemento Shopping Center aparece como metonímia de espaço seguro de compras podendo ser considerado, no Brasil, como uma atopia</p>		
<p>Critério psicoafetivo: O caráter insólito e de surpresa do acontecimento</p>	<p>-</p>	<p>-</p>

Em síntese, pode-se dizer que as estratégias utilizadas pelo artigo informativo possuem a intencionalidade de *saber-fazer* o leitor da onipresença da violência no espaço urbano. De algum modo, essa intencionalidade faz apelo aos saberes partilhados em torno da falta de segurança reinante no país. Ainda que de maneira sutil, o tom alarmista se faz presente na medida em que aponta para o leitor a ideia de violência generalizada da qual nem mesmo os centros comerciais mais luxuosos encontram-se ilesos.

**Confrontos entre PM e bandidos deixam 3 mortos e 4 feridos no Rio**

Polícia acredita que os criminosos têm ligação com a quadrilha que está na favela da Rocinha

Por **Da redação** access\_time23 set 2017, 18h13



Tiroteio em um dos acessos à favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, fecha a autoestrada Lagoa-Barra nos dois sentidos. (José Lucena/Folhapress).

*Dois confrontos entre policiais militares e criminosos deixaram três homens mortos, três presos e quatro feridos na Usina e no Alto da Boa Vista, na Grande Tijuca, na tarde deste sábado, no Rio de Janeiro. Um adolescente de 13 anos foi ferido por um tiro, segundo a PM, e encaminhado ao Hospital Souza Aguiar.*

*A Polícia Civil informou que os criminosos têm ligação com a quadrilha que está na favela da Rocinha, pois a comunidade de São Conrado é ligada pela mata a vários outros bairros do Rio, através do Parque Nacional da Tijuca, área coberta por mata atlântica, com muitas trilhas em seu interior.*

### **Armas apreendidas**

De acordo com a PM, os policiais estavam patrulhando o local quando se depararam com homens fortemente armados, em duas ocorrências distintas. Uma na Usina e outra no Alto da Boa Vista, bairros vizinhos. Pelos menos dois fuzis e uma pistola foram apreendidos.

O cerco da polícia também se estende a outros bairros abrangidos pela Floresta da Tijuca, como Santa Teresa e Morro do Turano. O objetivo é evitar que os criminosos que estão acucados na Rocinha escapem ou que outros traficantes venham dar apoio a eles.

No Morro do Vidigal, favela vizinha perto da Rocinha, cinco homens foram presos na tarde deste sábado. Com eles, a polícia encontrou dinheiro, drogas, um caderno com anotações do tráfico e cinco rádios de comunicação.

### **Rocinha**

Na madrugada e na tarde deste sábado, houve intensas trocas de tiros na Rocinha, que está cercada desde sexta por 950 homens das Forças Armadas. A Rocinha é alvo de operações diárias da PM desde o último domingo, quando houve confrontos entre grupos de traficantes rivais pelo controle de pontos de venda de droga da comunidade.

Após uma denúncia, foi preso na Ilha do Governador o traficante Luiz Alberto Santos de Moura, conhecido como Bob do Caju. Aliado de Nem da Rocinha, ex-líder do tráfico na comunidade, detido em um presídio federal em Rondônia, Bob se preparava para uma ação na Rocinha, segundo a PM.

*(Com Agência Brasil e Estadão Conteúdo)*

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/confrontos-entre-pm-e-bandidos-deixam-3-mortos-e-4-feridos-no-rio/>

Do ponto de vista das visadas, a informativa (*O fazer-saber*) permanece, como sempre se espera em veículos de informação. Por outro lado, a visada afetiva, em que fazer-sentir é um importante efeito de captação, permanece na reportagem. Fazer-sentir é, de fato, uma das estratégias utilizadas pelo discurso midiático contemporâneo para fazer valer seu enunciado. Como se trata de um tema que de algum modo choca a maioria da população, a violência mantém seu caráter perturbador quando tratado pela mídia.

O contrato de comunicação informativo deve sempre manter seu critério de atualidade, sobretudo quando se trata de veículos informatizados. Assim, manter o grau de atualidade é tanto uma demanda do público quanto uma provocação midiática, em função da necessidade de sobrevivência de tais veículos. Por outro lado,

um dos efeitos possíveis gerados por tal critério é o efeito de banalização do fenômeno, tendo em vista que sua constante presença nos veículos de comunicação geram a sensação de notícia “já sabida”.

Na matéria em tela, o critério psicoafetivo parece gerar o fenômeno da habituação, ou seja, promove um efeito refratário naturalizante no espectador ao apresentar a favela como um local naturalmente violento. Da mesma forma, existe sempre a associação do tráfico com a favela, na medida em que a *Veja online* não problematiza o fenômeno do tráfico e sua presença tanto em bairros das classes média e alta bem como nas favelas e morros cariocas.

### **Universitário é morto em festa no campus da UFG**

Estudante de Ciências Ambientais na Universidade Federal de Goiás foi morto a tiros ontem à noite, em festa organizada dentro do campus universitário

Por **Da Redação** access\_time16 set 2017, 13h54



*Campus da Universidade Federal de Goiás (UFG/Divulgação)*

Ariel Benrur Costa Vaz, estudante de Ciências Ambientais na Universidade Federal de Goiás (UFG), foi morto a tiros ontem à noite, em uma festa dentro do campus. Ele chegou a ser socorrido, mas morreu a caminho do hospital. Outro jovem foi baleado e passa por tratamento no Hospital de Urgências Governador Otávio Lage (Hugol).

Relatos nas redes sociais apontam para uma discussão, ocasionada por um esbarrão, dentro da festa, chamada “Calourada Integrada”. Não se sabe ainda se Ariel e o outro jovem estavam envolvidos na confusão.

A festa teria sido autorizada pela reitoria da UFG e seguranças estariam acompanhando o evento. A polícia foi acionada, mas não encontrou testemunhas no local. Os detalhes do crime ainda serão investigados.

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/universitario-e-morto-em-festa-no-campus-da-ufg/>

De maneira semelhante, na reportagem acima, existe uma formatação do olhar do espectador a partir do uso de elementos pathêmicos presentes logo na manchete: um estudante que morre no interior de uma universidade. De um lado, acionam-se saberes partilhados de que as festas estudantis sempre acabam em bebedeira, atos de violência e morte, mas, por outro lado, aciona também o efeito dissonante da ideia de que se é “jovem demais para morrer”.

Os critérios presentes na construção do discurso informativo da reportagem acima podem ser elencados da seguinte maneira:

- i) *Critério da atualidade.* Trata-se de um fato que apresenta ares de atualidade, ou seja, em todo o começo de semestre, as festas e calouradas corriqueiras na vida universitária resultam em morte.
- ii) *Critério da proximidade.* A proximidade geográfica do evento interessa mais aos moradores da região, mas de algum modo toca a todos em função da possibilidade de generalização que o espaço geográfico “universidade” é capaz de acionar. Assim, de modo geral, para o leitor de Veja está muito envolvido na vida universitária, seja de filhos ou outras pessoas de graus de parentesco ou amizade variados, o que promove a sensação de proximidade do evento.
- iii) *Critério psicoafetivo.* A carga de ressonância emocional e imaginária desperta uma emoção disfórica associada em primeiro momento à angústia de se ver que em espaços em que a segurança deveria predominar é a violência é que prevalece. Ademais, a morte de um jovem universitário sempre causa comoção, sobretudo em uma sociedade que tende a sobrevalorizar os traços da juventude.

Quadro 02: Principais elementos que compõem a intencionalidade do artigo Universitário em morte em festa em campus da UFG

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	<b>DE</b>	<b>ESTRATÉGIA DISCURSIVA</b>	<b>ENCENAÇÃO DISCURSIVA</b>
Visada informativa: Publicado no site da revista Veja.		Estratégias de captação: Título do artigo; “morte de universitário no interior do campus”; presença de arma de fogo na festa da	Saberes de crenças: não se morre jovem; festa não combina com morte.

	universidade; o caráter dramático do socorro ao jovem.	
Critério da atualidade: A ocorrência de festas e calouradas em inícios de semestre nas universidades brasileiras		Imagem da UFG
Critério da proximidade: pseudo-proximidade ou proximidade psicológica		
Critério psicoafetivo: O caráter insólito e de surpresa do acontecimento	Utilização de pares de oposição geradores de pathemia: juventude e morte; Universidade e segurança; festa e morte.	-

Assim, constata-se a visada de massificação da ideia de violência enquanto fato presente em todos os lugares que talvez nos faça considerar que o discurso midiático de Veja não seja apenas uma visada de informação, mas outras visadas também aí se fazem presentes.

Na última matéria elencada por nós, encontramos os mesmos critérios narrativos presentes nas outras, o que nos faz apostar em uma constante narrativa desse veículo. Assim, podemos destacar uma “memória dos discursos” (CHARAUDEAU, 1997) que servem de suporte para a construção de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo, o que no caso de Veja nos leva a constatar que os saberes de crença são muito mais fortes e evidentes.

### **Adolescente morre após ser espancada por grupo de mulheres**

Uma das agressoras estaria sendo traída pelo marido com a vítima de 17 anos

Por **Da redação**. Access\_time11 set 2017, 11h23 - Publicado em 9 set 2017, 18h01



*Posto de gasolina onde uma adolescente foi espancada até a morte na região de Pirituba em São Paulo (Google Street View/Reprodução)*

Uma estudante de 17 anos morreu após ser agredida em um posto de gasolina no Jardim Mangalot, na Zona Norte de São Paulo, na madrugada desta sexta-feira. Segundo o relato de testemunhas à polícia, a adolescente foi espancada por cinco mulheres ao mesmo tempo. A suspeita é que uma delas estivesse sendo traída pelo marido com a vítima, o que teria motivado o ataque.

Duas das cinco agressoras já foram identificadas, mas ainda não foram presas. O caso está sendo investigado pelo 33º Distrito Policial. Após as agressões, a vítima foi socorrida por testemunhas e encaminhada para atendimento no Hospital de Pirituba, mas não resistiu aos ferimentos.

Fonte: Revista *Veja Online*. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/adolescente-morre-apos-ser-espancada-grupo-de-mulheres/>

Na reportagem acima, verifica-se o uso preponderante da encenação argumentativa. Esse procedimento consiste, para o sujeito argumentante encarnado na instância enunciativa, na utilização de procedimentos que auxiliam na validação de sua argumentação, tendo como finalidade a persuasão dos interlocutores. Assim, o sujeito argumentante faz uso de definições, comparações, citações e descrições capazes de produzir efeitos de persuasão. Ademais, outros procedimentos se baseiam em valores que são compartilhados por um grupo e formam uma espécie de consenso social, como é possível verificar na motivação do ataque das mulheres à adolescente: a traição. Neste caso, o sujeito apela para esses valores compartilhados na tentativa de convencer seus interlocutores e validar uma argumentação.

Um valor utilizado pelo sujeito argumentante assenta-se no domínio do ético (Charaudeau, 2008), em que um argumento é moldado em termos de bem e de mal e que define, nesses termos, como devem ser os comportamentos humanos diante de uma moral: adolescentes se relacionando com homens casados; a vingança da mulher traída; adolescente em posto de gasolina durante a madrugada. Tal elemento faz apelo direto ao critério psicoafetivo da notícia ao acionar valores morais assentados na concepção de casamento, fidelidade e traição de uma sociedade que tende ao conservadorismo.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo analisar a violência a partir do discurso midiático. A revista *Veja Online* foi tomada como produto a ser analisado, tendo em vista sua importante participação no mercado jornalístico brasileiro. De modo geral, contata-se que existe uma espetacularização da violência e o critério psicoafetivo da notícia é dominante em função de seu uso como estratégia de captação. Conforme fora visto, a violência é um tema que se apresenta em todas as sociedades humanas e, no caso

brasileiro, a violência urbana é a mais evidente. Refere-se à um tema que perpassa a configuração das coletividades e seus múltiplos elementos, dentre os quais a mídia se sobressai.

Destaca-se na presente análise, uma tendência ao conservadorismo e à criminalização da pobreza, conforme pode ser visto a tendência à associação dos casos de violência com situações em que a condição socioeconômica entra em causa. Contudo, não se pode afirmar que a revista *Veja* desempenha esse papel de criminalização. Da mesma forma, verifica-se o uso recorrente da encenação argumentativa pelo sujeito argumentante jornalista com predomínio de fórmulas discursivas que acionam valores compartilhados por um grupo ou parte da sociedade, alcance o horizonte de expectativas desse grupo pelo consenso social fabricado. Lançar mão desse procedimento alcança sua validade nesse tipo de matéria porque serve para validar a argumentação do sujeito comunicante. No que respeita aos valores supracitados, diversos domínios de avaliação são acionados (CHARAUDEAU, 2008), tais como (a) o domínio da verdade; (b) o domínio do estético; (c) o domínio do ético; (d) o domínio do hedônico, e; (e) o domínio do pragmático. Todavia, existe uma prevalência do domínio ético sobretudo pelo fato de ser nesse domínio em que os aspectos valorativos se fazem mais presentes. Ademais, esse domínio permite a presença da visada afetiva como aquela promotora de efeitos pathêmicos gerados pela irrupção do conteúdo emocional.

Como se trata de um artigo que apresenta um caráter ensaístico, faz-se necessária a ampliação das análises nesse mesmo veículo de comunicação ou ainda o alargamento para outros veículos, sejam eles eletrônicos ou impressos. O que não se pode descartar, a nosso ver, é a importante participação do discurso midiático na discussão desse tema tão candente que é a violência urbana.

## Referências

AMOSSY, R. **Les idées reçues**. Sémiologie du stéréotype. Paris: Nathan, 1991.

BANDURA, A., ROSS, D., & ROSS, S. A. **Transmission of aggression through imitation of aggressive models**. *Journal of abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582. 1961.

BEATO, Cláudio et al. “Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cadernos de Saúde Pública**, 17, Rio de Janeiro. 2001.

BRICENO-LEON, Roberto. La nueva violencia urbana de América Latina. **Sociologias** [online]. 2002, n.8, pp.34-51. ISSN 1517-4522. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222002000200003>.

CANO, Ignacio. Análise espacial da violência no município do Rio de Janeiro. In: NAJAR, AL., and MARQUES, EC., orgs. **Saúde e espaço: estudos metodológicos e técnicas de análise** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 276 p. História e Saúde collection.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia e MELLO, Renato de. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, NAD/FALE-UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In MENDES E. & MACHADO I.L. (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado Letras, 2007.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 11-27. Disponível em: Acesso em: 3 abr. 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

IPEA. Atlas da violência 2017.

<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>.

KARPRZAK, Roselene Gurski. **Desenhos animados em tempos de violência: uma contribuição para pensar em construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares**, 1997, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1997.

KEHL, Maria Rita, BUCCI, Eugênio. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004 (Coleção Estado de Sítio). 252 páginas

LACAN, J. [1964] **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

\_\_\_\_\_. [1948]: “L’agressivité en psychanalyse”. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

SILVA, Lívia Sousa da; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A criminalização da juventude no discurso midiático da violência escolar em Belém-PA. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, julho-dezembro, 2013.

LOCHARD, G., BOYER, H. **La communication médiatique**. Paris: Seuil, 1998.

MASSOLO, Miguel. Agressividade um enfoque psicanalítico. In: BORDIN, Jussara; GROSSI, Esther Pilar (orgs). **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. **Amores Contemporâneos e Seus Impasses**: Leituras discursivas e psicanalíticas. Curitiba: Prismas, 2016.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. World report on violence and health (Relatório Mundial sobre violência e saúde) / editado por Etienne G. Krug ... [e outros. ] Genebra: OMS, 2002.

PARRET, Herman. A comunicação e os fundamentos da pragmática. **Revue Verbum**, T. XII, Presses Universitaires de Nancy, 1989.

SADOCK, Virginia Alcott; SADOCK, Benjamim James. **Compêndio de psiquiatria**: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOULAGES, Jean-Claude. **Les rhétoriques télévisuelles** : Le formatage du réel. Bruxelles/Paris, De Boeck Université/INA : coll. Médias Recherches, 2007.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016**: Mortes Matadas por Armas de Fogo. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016.

Artigo recebido em: 18/06/2018

Artigo aprovado em: 23/12/2018

## Resenha

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do Sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. 1. Ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 285p.

**Ricardo Ferreira de Sousa\***

Professor do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), o autor de *Discursos do Sucesso* é doutorando e mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), além de possuir especialização em Estudos Literários e graduação em Letras, em Psicologia e em Filosofia. Frente aos desafios levantados pela densidade discursiva da sociedade contemporânea, Soares desenvolve pesquisas na área de Análise do Discurso. Sua obra, ora resenhada, é uma delas. *Discursos do Sucesso* está estruturado em três capítulos, *Análise do discurso: permeando meandros*, *A ordem do discurso do sucesso: pontos de vista* e o tecido dos sentidos e sujeitos do sucesso *antecedidos* pelo prefácio de autoria do professor Carlos Piovezani da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pela introdução. Além desses, há as considerações finais nas quais o autor faz os devidos aviamentos ao seu trabalho. Soares procura em sua obra “*Discurso do Sucesso: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo*” compreender os sentidos e os sujeitos *produzidos* no meio midiático, buscando depreender sua recorrência na produção de determinados efeitos de sentidos sobre o discurso e a relação desses com interlocutores, bem como também propõe-se a analisar os sentidos e sujeitos *fabricados* na literatura de autoajuda, considerando nessas duas formas, literatura de autoajuda e mídia, as diferenças e semelhanças em sua (re)produção e propagação do discurso do sucesso.

No capítulo inicial intitulado *Análise do discurso: permeando meandros*, o autor faz uso do aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa fundado por Michel Pêcheux e seus colaboradores. Soares parte do princípio de que todo discurso

---

\* Graduando do curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Contato: [ricardof@uft.edu.br](mailto:ricardof@uft.edu.br).

é oriundo de dadas condições de produção, remetendo às relações de sentido nas quais esse discurso é produzido, de modo que as dimensões epistemológicas e institucionais são indissociáveis. Dessa forma, a análise do discurso estabelece os mecanismos de rastreamento dos sentidos na ideologia das instâncias discursivas postas do *mesmo* e do *outro* da enunciação constitutiva do discurso no qual funciona simultaneamente o sujeito, a história e a sociedade. Para tanto, considera-se, entre outras coisas, a dupla ideológica: *liberdade* (fala) e *sistema* (língua).

Diante dessa concepção pecheutiana, o discurso na visão do autor, tem a inviabilidade de ser analisado apenas enquanto texto, porquanto esse pode ser tratado como uma sequência linguística fechada sobre si mesma. Posto isso, para se fazer Análise do Discurso, é necessária referência ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. Nas tessituras construídas pelo autor, ao longo do capítulo são apresentados ainda os conceitos de Condições de Produção (CP), Formações Discursivas (FD), Formações Ideológicas (FI), Formações Sociais (FS), sentido, inter/intradiscursividade, enunciados e outros termos que fazem parte da teoria da Análise do Discurso coexistindo com fatores internos e externos dos interlocutores.

Em suas argumentações presentes no capítulo *A ordem do discurso do sucesso: ponto de vista* é evidenciado um olhar sobre a concepção sociológica, filosófica e psicanalítica. Ancorado nas bases teóricas de Michel Foucault, o autor mostra que os discursos que se constroem na sociedade são controlados e perpassados por formas de poder e de repressão, de modo que os procedimentos de controle do discurso atravessam a construção do sujeito na medida em que o sentido é produzido. Com esse aparato, o discurso do sucesso é quase uma “palavra” de ordem, cruza as diversas formações discursivas, de maneira que nessas instâncias discursivas o sucesso impera na constituição do assujeitamento que tem em tal discurso o herdeiro do capitalismo. Na visão do autor, o sucesso parece ter um sentido dotado de valor particularmente privilegiado em todas as atuais sociedades de consumo. É, com efeito, um corte social que delimita na sociedade os poucos detentores do status, trata-se, de um lugar/posição em que figuras, em tese, extraordinárias, dada sua condição célebre determinam comportamentos, desde o modo de como se vestir, do que fazer, passando pelo “como” e onde “está”, chegando até as demais formas de relacionamentos com o mundo.

A partir da perspectiva sociológica, as formulações discursivas são produzidas no interior de grupos que dialogam com produções outras dentro de grupos diversos

num processo contínuo porque passa haver certa coesão social. Dessa forma, o consumidor é uma espécie de colisor de discursos oriundos de diversos grupos. Em Bauman, o autor reconhece o consumo como sendo um dos grandes responsáveis por dizer quem é o sujeito na atualidade. Por esse ângulo, a mídia desempenha o poder persuasivo, influenciando o mercado de consumo que nos tempos atuais carrega em seu bojo a ideologia de venda.

Nessa acepção, personalidades do sucesso ou com visibilidade social midiaticizada podem ser vistas como legitimadoras de certos bens de consumo, comportamentos, obras de caráter diverso, pensamento político e etc. Com efeito, o sucesso vende. Ao serem vistos na mídia recomendando complexos químicos para sustentar a beleza e a vitalidade, os chamados heróis do esporte nacional invariavelmente estão vendendo produtos ou serviços, mas o fazem por terem algum tipo de sucesso para aprovar tal consumo. O poder que o nome do sujeito do sucesso tem é portador de enorme influência sobre a sociedade.

Sobre o olhar psicanalítico, Soares apresenta as observações de From ao tratar do sucesso sob uma ótica mercadológica, de modo que a cultura é responsável por impor limites aos indivíduos. Nessa toada, o consumo é considerado pelo autor como uma fonte de prazer para o sujeito contemporâneo, agindo na organização inconsciente dos indivíduos construindo consumidores enérgicos.

No terceiro capítulo, *O tecido dos sentidos e sujeitos do sucesso*, entra em cena análises da revista de “caras” e a literatura de autoajuda, ao passo que naquela o autor analisa passagens dos discursos do sucesso dados pelo eixo existencial do sucesso no universo das celebridades. Diante disso, o autor segue as pegadas do discurso do sucesso impressos nos meios de comunicação em que, de certo modo, o desejo das celebridades é estar em repercussão de quase todos os seus “momentos” na internet, assim dados pelo crivo das condições de produção nas quais os sujeitos estão inseridos. Na revista, ao tratar de nomes do sucesso, o autor circunscreve a realidade de uma maneira aguda, sendo, portanto, uma representante dos interesses daqueles que lucram com o sucesso.

De outro lado, nos livros de autoajuda foram feitas algumas combinações de “auxílios” buscando oportunidade, estabilidade do talento, de modo a compreender alguns dos sentidos e sujeitos do sucesso produzidos na sociedade brasileira contemporânea.

A saber as obras analisadas por Soares: “*O sucesso está no equilíbrio*”, de Robert Wong (2006), “*O sucesso passo a passo*”, de Max Gehringer (2010) e “*O*

*sucesso de amanhã começa hoje*”, de John Maxwell (2005). Sob o prisma de “*O sucesso está no equilíbrio*”, o sentido de sucesso ganha seus contornos mais expressivos no âmbito profissional, onde temos a normalidade de que o sucesso está impregnado nas formulações relacionadas a um bem-estar na sociedade cujas condições de produção são aparentemente idênticas para todos. Contudo, para atingir tal sucesso depende [quase] exclusivamente da sua vontade, do seu esforço e de sua atitude. Nesse diapasão, o sucesso não é um atributo simples e fácil de adquirir, precisando de quem o transmita enquanto uma espécie de saber. Em “*O sucesso passo a passo*”, Max Gehringer se inscreve na formação discursiva do sucesso com foco mais ou menos específico no âmbito do trabalho, direcionando o leitor à entrada no mercado de trabalho. Já em “*O sucesso de amanhã começa hoje*”, John Maxwell traz em seu primado a ideologia do sucesso determinada por produções de sentidos em que a formação discursiva que sustenta a produção do autor é permeada, sobretudo, pelo discurso religioso. Assim, o sentido de sucesso nessa obra ganha contornos referentes ao tempo presente no qual aparentemente os sujeitos atuam religiosamente em suas vidas.

As obras de autoajuda pretendem mostrar efeitos de verdade acerca do sucesso na contemporaneidade, sendo previsível, por partir do já conhecido e enveredado pelo desconhecido, alcançar o caminho para tal intento, ou seja, o sucesso.

Portanto, podemos compreender os “discursos do sucesso” a partir de determinadas condições dadas no *aqui* e no *agora*, tendo em vista que, o leitor encontrará uma textualização consistente e interpretativa do sucesso em que certas medidas são enviesadas pela produção do fracasso, guiadas pelos valores e modelos cruéis em suas realidades.

A leitura do livro nos conduz a descobertas e inquietudes, não raro limitadas, das críticas ao mundo das celebridades e à sociedade de consumo, mas às propostas necessárias que encadeiam os discursos dos sujeitos e dos sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. Destarte, levados a pensar o sentimento sobre a condição efêmera do sucesso, refletimos ao ponto de compreender, como que por fenômeno da natureza, a qual celebridades são esquecidas rapidamente quando atingir o estrelismo, de tal modo que pelo preenchimento de nossas memórias ocorre uma saturação de gestos e dizeres.

Nesse intento, toda enunciação pressupõe, na forma imobilizada da escrita, uma resposta à construção dos discursos produzidos, que de alguma forma é parte integrante de uma discussão histórico-ideológico. Num mundo que se apresenta

como uma democracia, na qual todos desfrutariam de liberdades para suas conquistas, o sucesso dependeria de talento ou mero esforço, a fajuta meritocracia. Nesta obra, o leitor encontrará análises e críticas que no final da leitura fará o leitor refletir sobre intensa sofisticação e estímulo de quem busca o sucesso.

O texto aprofunda nas discussões sobre a categoria do sucesso que na construção dos argumentos sobre os discursos, contribui para que possamos compreender que os “discursos do sucesso” nos dias atuais remete-se a uma espécie de legado submetido ao meio. O sucesso não é uma categoria. Sucesso é um espectro discursivo evidenciado no livro pelos dois campos: literatura de autoajuda e pela mídia, na qual cada um desses realiza os sentidos e os sujeitos do sucesso de maneira particular. Em outros termos, são complementares os efeitos criados em ambos, porém, cada um é sustentado por uma formação discursiva. O sucesso da literatura de autoajuda é uma espécie de ascensão social via o trabalho comum; o sucesso midiático é para fomentar o volume simbólico de necessidades na sociedade, gerando o consumo e o consumismo. Posto isso, os dois tipos de sucesso são distintos e, por isso mesmo, são complementares, pois se encontram, cada um, em uma ponta do laço social.

Posto os trilhos do caminho do sucesso, constatamos que *os discursos do sucesso na sociedade brasileira contemporânea* não havia sido estudado ou mesmo investigado por algum estudioso da Análise do Discurso ou áreas afins com o mesmo fôlego com o que foi realizado na obra de Soares. Cada capítulo da obra, salvo o primeiro que revisa a teoria em busca de seus principais conceitos, emprega o sucesso e, a partir das análises, chega-se ao cotejamento dos resultados que observa a complementaridade dos sentidos do sucesso. Os sujeitos midiáticos usufruem de um glamour construído pelos meios de comunicação; os sujeitos trabalhadores, influenciados pelos discursos do sucesso midiático, buscam a realização no sucesso do trabalho. Assim, temos, entre o sujeito de sucesso fabricado pela mídia e o produzido pela literatura de autoajuda, a distinção que é própria aos mecanismos discursivos relativos à coesão ideológica de cada esfera discursiva.

Resenha recebida em: 26/06/2018

Resenha aprovada em: 19/11/2018

## Resenha

AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Collection dirigée par Michel Meyer. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

**Lucas Nascimento da Silva\***

Quase sempre, somos convocados a nos posicionar em um dos lados de uma polêmica. Tanto que podemos facilmente nos lembrar de várias polêmicas. Elas são marcantes. Por exemplo, a polêmica em torno do *queermuseu*, no Santander, a antiga polêmica sobre redução da maioria penal, sobre a descriminalização do aborto, sobre a criminalização da homofobia e, claro, a polêmica em torno da destituição da então presidente Dilma Rousseff, e a lista se agigantaria bastante se continuasse.

Não é exagero dizer que as polêmicas são como a mitológica *hidra*, quando lhe corta uma cabeça, nascem duas outras em seu lugar. Por outro lado, sabemos também que os jornalistas se utilizam do termo *polêmica* de maneira sensacionalista: a qualquer discussão mais enérgica, dão-lhe o rótulo de “polêmico” na machete dos jornais. Polêmica vende, muito embora tenha má reputação.

Então, como saber se um discurso é o ou não polêmico? Ou, para além dessa questão primária, como estudar melhor as polêmicas a partir de suas características constitutivas? Pois bem, eis *Apologie de la polémique*, da analista do discurso e da argumentação, Professora Emérita da Universidade de Tel Aviv, Ruth Amossy. A obra foi editada na coleção “L’interrogation philosophique”, dirigida por Michel Meyer e publicada pelas Presses Universitaires de France, em março de 2014. Aqui, no Brasil, ela foi traduzida, sob a coordenação de Mônica Magalhães Cavalcanti, e lançada, em 2017, com mesmo título *Apologia da polêmica*, pela editora Contexto, com 224 páginas.

---

\* Doutor em Língua e Cultura (UFBA/PPGLinC). Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB/PPGEL). Professor Associado de Língua Portuguesa da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Foi bolsista FAPESB durante a realização da pesquisa de doutorado. Contato: [mlucasnascimento@gmail.com](mailto:mlucasnascimento@gmail.com).

Marc Angenot, o grande analista do discurso canadense, autor do *Dialogues de sourds*, declarou, em um artigo<sup>1</sup> escrito, à revista *Argumentation et Analyse du Discours*, em 2014, editada pela própria Ruth Amossy, que a obra veio para preencher uma lacuna a respeito das controvérsias intelectuais e das polêmicas públicas (ANGENOT, 2014). Depois de propor uma “análise argumentativa do discurso”, em *L’argumentation dans le discours*<sup>2</sup> ([2000] 2010), em *Apologia da polêmica*, Amossy reinscreve a polêmica no quadro da argumentação retórica, mais propriamente, na retórica do *dissenso*, cujo pano de fundo são as democracias pluralistas. A linguista israelense realmente faz uma apologia da polêmica como modalidade argumentativa, responsável por gerir os conflitos nas sociedades em que eles são inevitáveis. É importante, no entanto, apontar que a autora não faz um elogio incondicional e irresponsável à polêmica, mas traz uma reflexão teórica e filosófica, reconhecendo seus limites e possibilidades numa sociedade plural.

A partir de diferentes casos analisados, ancorada na perspectiva do pluralismo agonístico de Chantal Mouffe e no suporte de importantes estudiosos da polêmica, como Dominique Maingueneau, Marc Angenot e o brasileiro Marcelo Dascal, dentre outros, Ruth Amossy assegura que “o *dissenso* é, sem dúvida, o motor incontestado da democracia” (2017, p. 19). Nesse sentido, a polêmica contribui para colocar os diversos temas em discussão e dá voz às diferenças no espaço público, o qual é regido por seus lugares de circulação em seus diferentes discursos e gêneros discursivos.

“A polêmica é, portanto,” diz-nos Amossy, “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura” (2017, p. 49). Assim, a linguista israelense traz a polêmica para o centro dessa maneira pluralista de fazer política e contraria as visões que menosprezam a importância do *dissenso*. Quem assim o faz, coloca-o como um fracasso na maneira de argumentar, o que Amossy refuta e pensa contrário, uma vez que a persistência do diferendo é “uma característica do funcionamento democrático” (2017, p. 205). Não é à toa que Amossy a legitima no campo da deliberação democrática, argumentando que essa modalidade

---

<sup>1</sup> O título do artigo é “La rhétorique de la qualification et les controverses d’étiquetage”, publicado em 2014. Este artigo foi traduzido por Rodrigo Seixas e será publicado pela Revista *Eid&a*, na edição de dezembro de 2018.

<sup>2</sup> “A argumentação no discurso”, publicada pela editora Contexto, em 2018, cuja coordenação da tradução foi dos professores Eduardo Pires e Moisés Olímpio-Ferreira.

argumentativa é um meio de ver com outros olhos as divergências de perspectiva no espaço público e de convocar os cidadãos para participação<sup>3</sup>.

Se o discurso polêmico cumpre sua função no espaço público, ele está associado, portanto, ao modo como circula os discursos na esfera democrática. Sendo assim, embora ele tenha normas e ritos próprios, seu *modus operandi* é o choque de opiniões não apenas diferentes, mas, contraditórias as quais exprimem uma divergência profunda. A polêmica é, por assim dizer, marcada por “uma oposição de discurso. O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*” (AMOSSY, 2017, p. 49), algo próprio da argumentação retórica.

Como a polêmica se diferencia da deliberação comum? A resposta para isso é compreender que ela está num polo diametralmente oposto, num “*continuum* e que vai da coconstrução das respostas ao choque de teses antagônicas” (2017, p. 52), atravessando os gêneros e os tipos de discursos. Assim, as especificidades que a polêmica assume no interior do campo da argumentação se dão por seu caráter conflitual, de maneira que ela realiza três movimentos próprios: o da *dicotomização*, o da *polarização* e o da *desqualificação do outro*, e dois outros movimentos secundários: a *violência verbal* e o *pathos*.

Por dicotomização, Amossy compreende como aquilo que leva a colocar as posições em confronto como irredutíveis, impedindo as possibilidades de mútua compreensão. Dessa maneira, “*a polêmica, que trata de questões de interesse público, é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a procura por um acordo*”<sup>4</sup> (2014, p. 58, itálico da autora).

Desse fenômeno mais abstrato, gera-se outro de cunho fortemente mais social, a *polarização*, a qual dispõe os sujeitos em grupos de campos adversos. Ela pode ser compreendida como a divisão entre um “nós”, defensores do bem, e “eles”, os defensores do mal. Portanto, “a retórica da polarização consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis” (AMOSSY, 2017, p. 57).

<sup>3</sup> Nesse sentido, embora se possa dizer que haja dissensos profundos e irreconciliáveis, a proposta de Amossy é de não se falar do “diálogo de surdos”, como coloca Angenot (2008). Contudo, ela propõe falar de como é possível a gestão das divergências profundas com o objetivo das vozes aparecerem, apontando para as possibilidades do viver em conjunto.

<sup>4</sup> Tradução livre do autor. Texto original: “*La polemique, qui traite de questions d' i n t p u b l i e , t e s t u n e g e s t i o n v e r b a l e d u c o n f l i c t u a l c a r a c t e r i s e e p a r u n e t e n d a n c e à l a d i c h o t o m i s a t i o n q u i r e n d p r o b l e m a t i q u e l a q u e t e d ' u n a c c o r d*”.

O resultado de ambos ingredientes, dicotomização e polarização, é a desqualificação do outro, em que sua imagem é desacreditada e a identidade do atacante é construída em oposição à do desqualificado. Mas também, pode-se chegar a certa diabolização do adversário, enquanto encarnação do mal absoluto. Um exemplo que Amossy recorre para ilustrar a diabolização é a fala do finado presidente da Venezuela, Hugo Chávez, às Nações Unidas, em 2006. Chávez se refere ao ex-presidente George W. Bush, que havia falado no dia anterior, da seguinte forma: “E o diabo veio aqui ontem. Ontem o diabo veio aqui. Justo aqui (ele aponta para si mesmo). E ainda cheira a enxofre hoje” (AMOSSY, 2017, p. 60).

Além desses, dois elementos que, por vezes, fazem parte da polêmica, mas não enquanto elemento definidor, são a violência verbal e a paixão (*pathos*). Esta se faz presente pelo engajamento enunciativo dos interlocutores em um debate virulento, aquela faz-se presente em muitas polêmicas, mas não em todas. Assim, a violência verbal<sup>5</sup> é um traço opcional e não definidor da polêmica, argumenta Amossy, afinal, a polêmica não é “parole sauvage”<sup>6</sup> (2014, p. 68).

A polêmica está intimamente ligada ao espaço público. Por conta disso, ela também se constitui na encenação, já que é espetacularizada pelos *media*, tornando-se um acontecimento midiático, cuja (re)construção se dá *a posteriori* (AMOSSY, 2017). Muito embora a polêmica seja dialógica, no sentido bakhtiniano<sup>7</sup>, ela não acontece necessariamente por meio de diálogos. Porquanto, nem sempre ela é dialogal, no sentido do face a face, mas, por vezes, pode se transformar em polílogos<sup>8</sup>. Fato é, o formato da polêmica é o da circulação de discursos. Nessa perspectiva, a polêmica, enquanto modalidade argumentativa, retira o *dissenso* do recálculo ao legitimar argumentativamente a coexistência na pluralidade das opiniões agônicas no espaço público.

A obra de Ruth Amossy é deveras importante, e já tem auxiliado pesquisadores na análise das diferentes polêmicas públicas no Brasil. Sua obra está dividida em três partes. Na primeira parte, denominada de “Reflexões Teóricas”, trata de uma retórica do *dissenso*, faz uma crítica contundente à retórica do *consenso*, a qual pode ser representada por Chaïm Perelman e sua *Nova Retórica*. Ainda nessa parte, a linguista israelense escreve o capítulo que julgo mais importante de sua obra: “O que

<sup>5</sup> Nem sempre quando há violência verbal há polêmica.

<sup>6</sup> Tradução livre do autor. Texto original: “uma fala selvagem”.

<sup>7</sup> Amossy (2017, p. 198) serve-se de *Marxismo e filosofia da linguagem* para falar da polêmica como dialógica, mas não cita *Problemas da poética de Dostoiévski* onde Bakhtin trabalha a questão específica. Voltarei à questão mais à frente.

<sup>8</sup> É uma interação verbal em que participam vários locutores, como em debates virtuais, a exemplo de chats, comentários no Facebook etc.

é a polêmica? Questões de definição”. É nesse que ela traz as características constitutivas da polêmica, a respeito das quais já discorri acima.

Na segunda parte, denominada “As modalidades da polêmica: o exemplo das mulheres no espaço público”, Amossy aprofunda algumas questões teóricas, distinguindo *discurso polêmica* de *interação polêmica*, para então analisar a polêmica em torno do uso da burca na França. No capítulo seguinte, da França vai para Israel a fim de tratar d’A polêmica no espaço público: ‘a exclusão das mulheres’ em Israel”.

Na terceira parte, denominada de “Razão, paixão e violência: o debate sobre os bônus e a opção de compra de ações”, Amossy argumenta que a paixão (*pathos*) não é uma característica intrínseca à polêmica. Para tanto, ela traz exemplos do mercado de ações em que “marcas discursivas de emoção ou por apelos à paixão” (2017, p. 140) não aparecem nos discursos. Desse modo, ela argumenta que “a paixão não produz a polêmica, mas a exacerba” (2017, p. 145).

Ora, se podemos olhar a polêmica sob esse viés, o que é produtivo, acredito que podemos ir um pouco mais fundo e ver a polêmica como algo inerente ao humano. Como assim? Antes de ter em mãos a obra de Amossy (2014), comecei um trabalho de pensar a polêmica a partir do dialogismo polêmico de Mikhail Bakhtin (2013), desenvolvido em *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Em minha tese de doutorado, estabeleço diálogo com Amossy, porém defendo que a polêmica não é importante apenas porque diz respeito à constituição da democracia e do pluralismo, mas, sobretudo, porque faz parte da própria natureza da linguagem e, por assim dizer, da natureza humana. O que me leva a afirmar que polemizar é, sobremaneira, um ato ético (NASCIMENTO, 2018).

Pense comigo: se a natureza da linguagem é dialógica e a dialogia não indica apenas o 'diálogo' no sentido comum, mas também o desacordo, o dissenso e a polêmica, então, de certa maneira, a polêmica não pode ser vista como se estivesse fora da constituição da natureza da linguagem natural, como se ela fosse uma intrusa no banquete dos sentidos (NASCIMENTO, 2018). Não é à toa que a polêmica oferece sua parcela significativa de contribuição na dinâmica dos sentidos, como Dominique Maingueneau já mostrou em *Sémantique de la polémique* (1983) e em *Gênese dos discursos* ([1984] 2008).

O que me permite pensar dessa maneira é o fundamento antropológico por que penso a polêmica através de Bakhtin (2010; 2013) e de sua vinculação velada com o filósofo russo Max Scheler. Assim, proponho uma *análise dialógica da*

*argumentação*, a partir de um encontro epistemológico entre dialogismo e retórica argumentativa, trazendo a hipótese de que *a polêmica é um ódio velado aos valores amados do outro*, manifestando-se argumentativamente, sobretudo, pela polarização, cujas características particulares vão se delineando no processo argumentativo concreto<sup>9</sup> (NASCIMENTO, 2018).

Como o foco é o livro da Amossy, então, chamo atenção para o fato de ela se servir de *Marxismo e filosofia da linguagem* - escrito por Volochínov, mas atribuído a Bakhtin (2014) - para confirmar sua tese de que a polêmica é dialógica, e não apenas dialogal (AMOSSY, 2017, p. 198). No entanto, ela não vai afundo no trabalho do próprio Bakhtin (*Problemas da Poética de Dostoiévski*, 2013), no qual ele trata especificamente da polêmica. Na verdade, ela nem cita sua existência. Não é que Bakhtin deva ser citado em tudo, mas já que o menciona para validar uma perspectiva sobre a polêmica, seria importante fazê-lo a respeito da obra em que o filósofo russo trabalha especificamente a respeito do assunto, seu *dialogismo polêmico*. Isso, entretanto, não diminui o grande trabalho de Ruth Amossy.

Como escreveu o teórico português Rui Grácio, a respeito de *Apologie de la polémique*, “O contributo fundamental desta obra é rico e fecundo a vários níveis” (2014, 301). A perspectiva de Amossy é bastante produtiva, e mostra certa continuidade, claro, com enfoques específicos, dos trabalhos tanto de Maingueneau quanto de Angenot. A questão dela não é fazer um elogio incondicional da polêmica pública, mas numa sociedade em que a regra acaba sendo o conflito de opiniões, caso se queira conservar seu pluralismo, a polêmica pública é a resposta razoável. Isto porque

Numa sociedade dividida, na qual o conflito de opiniões permanece como regra, caso se deseje preservar seu pluralismo e sua diversidade, a polêmica pública proporciona um meio de lutar por uma causa e de protestar contra o que é percebido como intolerável, de realizar reagrupamentos identitários, provocando trocas mais ou menos diretas com o adversário, e de gerenciar os desacordos, bastante profundos, sem lhes permitir degenerar em manifestações sociais e em violência fratricida (AMOSSY, 2017, p. 216).

A questão não seria incentivar a polêmica, mas compreendê-la como realidade e ter nessa modalidade um meio para se assegurar um espaço de discussão numa

---

<sup>9</sup> “O ódio é o outro do amor. Todo ódio a um valor pressupõe um valor amado que lhe é contrário. A lógica do ódio está no fato de que *“todo ato de ódio assenta num ato de amor*, sem o qual ele careceria de sentido” (SCHELER, 2008, p. 66), portanto, ambos se distanciam da zona de indiferença, na medida em que ambos se interessam pelos objetos portadores de valor, cujo interesse, originalmente, está orientado para o amor, onde de lá se vislumbra seu outro e o odeia. Isto pode ficar bem compreendido na frase de Bossuet, citada por Scheler: “o ódio que se sente contra qualquer coisa procede apenas do amor que por outra se sente; detesto a doença tão somente porque amo a saúde (2008, p. 67-68)” (NASCIMENTO, 2018, p. 200).

sociedade plural. Na perspectiva de que às vezes o consenso não é possível é que se pode chegar a certos consensos possíveis. Com isso é que se pode dizer, como Ruth Amossy (2017, p. 216) finaliza seu livro, da possibilidade da “coexistência no *dissenso*”.

## Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologie de la polémique**. Collection dirigée par Michel Meyer. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

\_\_\_\_\_. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2010 [2000].

ANGENOT, Marc. La rhétorique de la qualification et les controverses d'étiquetage. **Argumentation et Analyse du Discours**, 13 | 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aad/1787> >. Consultado em 24 de setembro de 2018.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Resenha de *Apologie de la polémique*, de Ruth Amossy. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 296-302, dez.2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **La sémantique de la polemique**: discours religieux et ruptures idéologiques au XVII siècle. Lausanne: L'Age d'homme, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, Lucas, Silva. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. (Tese de Doutorado). Salvador: Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2018. 557f.

Resenha recebida em: 29/10/2018

Resenha aprovada em: 21/11/2018

**Edição** Paula Chiaretti  
Atilio Catosso Salles

**Capa** Diego Henrique Pereira

**Diagramação** Paula Chiaretti

Editora Univás  
Pouso Alegre-MG  
jul-dez/2019